

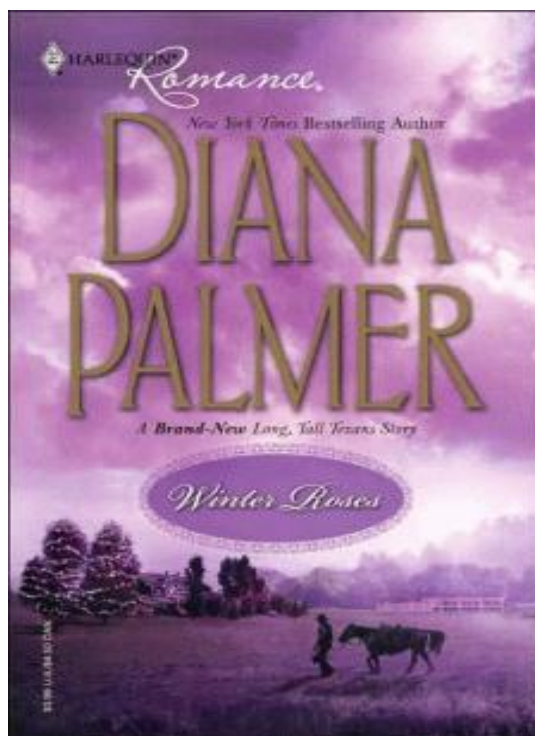
Rosas de Inverno

- Stuart York e Ivy Conley -

(Winter Roses)

Diana Palmer

Série Homens do Texas 36



Sinopse:

O belo e qualificado rancheiro Stuart York não era um homem de muitas palavras. Ivy Conley, a melhor amiga de sua irmã mais nova, descobriu isso da pior maneira possível. Durante uma noite no rancho dele em Jacobsville, Ivy acabou nos braços de Stuart. Os fogos de artifício atingiram os dois... E sabendo que ela era muito jovem, Stuart fechou o coração para ela.

Agora, anos depois, Ivy está determinada a não ser tratada novamente como uma garotinha. Embora ainda inocente, Ivy sabe que tem que enfrentar as próprias batalhas, mas por algum motivo Stuart está enfrentando-as por ela, mantendo-a protegida. E protegida nos braços de Stuart, Ivy sente-se como uma mulher... Uma mulher que pertence a ele.



Capítulo 1

Era tarde e Ivy ia perder a aula. Rachel era a única pessoa, exceto a melhor amiga de Ivy, que conhecia o número do seu celular. A ligação aconteceu logo quando Ivy estava indo para a segunda aula da faculdade. A conversa podia ter esperado até mais tarde, mas sua irmã mais velha nunca pensou nos sentimentos de ninguém. Bem, exceto pelos seus próprios interesses, é claro.

- Rachel, eu vou me atrasar - Ivy exclamou no telefone. Ela afastou uma mecha dos longos cabelos loiros. Os olhos verdes brilharam com preocupação - E eu tenho uma prova hoje.

- Eu não ligo para o que você tem - a irmã mais velha zombou - Apenas escute. Eu quero o cheque da propriedade do papai logo que você conseguir o seguro da companhia! Eu tenho que pagar contas e você está gastando tudo na faculdade. É uma perda de dinheiro! Tia Hettie nunca devia ter deixado aquela poupança para você - ela adicionou furiosa - Deveria ser minha também. Eu sou a mais velha.

- Ela era, e ela pegaria tudo que as mãos pudessem agüentar, tudo que ela pudesse trocar por dinheiro vivo. Ivy mal havia conseguido arrumar o dinheiro para o funeral. Era um golpe de sorte tia Hettie haver gostado dela e deixar uma pequena poupança a beneficiando. Talvez ela havia percebido que Ivy seria sortuda se conseguisse pelo menos um centavo dos negócios do pai.

Era o mesmo argumento doloroso que eles tinham mantido por um mês, desde que o pai morrera de enfarto. Ivy teve que achar um lugar para morar enquanto Rachel ligava diariamente para falar sobre o testamento do pai. Tudo o que ela queria era o dinheiro. Ela havia convencido o pai a mudar o testamento, então ela ficara com tudo quando ele morrera.

Apesar de ter pago sua pequena atenção, Ivy ainda estava de luto. Ela havia cuidado do pai enquanto ele estava morrendo por causa do enfarto. Ele pensava que Rachel era um anjo. Durante toda a vida, fora Rachel quem ganhara todo o dinheiro, herdara todas as jóias - que ela vendeu imediatamente - toda a atenção. Para Ivy sobrava o trabalho de casa e cozinhar para os três. Não havia sido uma grande vida. Seus raros namorados haviam logo sido cativados por Rachel, que tinha prazer em roubá-los da irmã mais nova, simplesmente irmã, para dispensar logo depois. Quando Rachel optara por ir à Nova York e entrar no teatro, o pai delas havia quase passado fome para pagar um apartamento para ela. Isso significava cortar os gastos e não comprar vestidos novos para Ivy. Quando ela tentou protestar o tratamento desigual que ambas recebiam, o pai havia dito que Ivy era invejosa e que Rachel precisava de mais porque ela era bonita mas emocionalmente perdida.

Traduzindo, aquilo queria dizer que Rachel não tinha sentimentos por ninguém exceto si mesma. Mas Rachel havia convencido o pai de que o adorava, e havia enchido as orelhas dele com mentiras sobre Ivy, acusando-a de sair a noite para encontrar homens e de roubar da garagem onde ela trabalhava duas vezes por semana como bibliotecária. Nenhum protesto fora suficiente para convencê-lo da honestidade de Ivy, e que ela na verdade não atraía muitos homens. Ela nunca conseguia manter um namoro duradouro depois que eles viam Rachel.

- Se eu posso aprender a atualizar livros, eu acharei um jeito de me sustentar, Rachel - Ivy disse irritada.

- Você pode se casar com um homem rico um dia, eu acho, se encontrar um cego

- Rachel zombou, e gargalhou da piada - Embora no lugar onde você pretende encontrar um, todos estão interessados em mim.

- Eu não estou procurando um marido. Eu estou estudando na colégio vocacional da comunidade - Ivy a lembrou.

- Está mesmo. Que futuro colorido você irá encontrar - Rachel parou para tomar um audível gole de sua bebida - Eu tenho duas audições amanhã. Uma é para o papel principal em uma obra na Broadway. Jerry diz que eu sou fantástica. Ele tem influencia no diretor.

Ivy geralmente não era sarcástica, mas Rachel estava dando nos nervos - Eu pensei que Jerry não quisesse que você trabalhasse.

Houve uma pausa curta do outro lado da linha - Jerry não se importa - ela disse friamente - Ele apenas gosta que eu fique em casa, assim ele pode cuidar de mim.

- Ele lhe alimenta tanta a parte inferior quanto a superior e lhe enche de jóias, e cobra por privilégio, você quer dizer - Ivy replicou silenciosamente. Ela não completou dizendo que Rachel era bonita e que Jerry provavelmente a usava como isca para conseguir clientes novos. Ele a levava de festas em festas. Ela falou sobre atuação, mas era apenas conversa. Ela podia lembrar vagamente o próprio nome quando estava drogada, quanto mais lembrar falas de uma peça. Ela bebe para aparecer, assim como Jerry.

- Jerry cuida de mim. Ele conhece todos os grandes nomes do teatro. Ele prometeu me apresentar a um dos anjos que está produzindo aquela comédia nova. Eu vou atuar na Broadway ou morrerei tentando - Rachel disse bruscamente - E se você vai implicar, nós não devemos nem nos falar.

- Eu não estou implicando.

- Você está depreciando Jerry o tempo todo!

Ivy sentiu-se como na beira de um precipício. Olhando o centro do mundo - Você esqueceu o que Jerry fez à mim? - ela perguntou, lembrando uma visita que Rachel tinha feito, logo depois que o pai morrera. Havia sido uma noite, com o insuperável Jerry do lado. Rachel havia assinado papeis para cremarem o pai, colocando suas cinzas no tumulo com as da sua esposa, a mãe das garotas. Era vergonhoso e desagradável para Ivy velar sozinha por um pai que nunca a havia amado, que sempre a tratara muito mal. Ivy tinha um coração bom e piedoso. Rachel soltou um soluço descontrolado no enterro. Mas seus olhos não estavam nem vermelhos nem molhados. Era uma cena, como ela sempre fazia.

- O que você quer dizer? - veio a resposta instantânea, caustica - Jerry disse que nunca te deu nenhum tipo de droga.

- Rachel! - ela exclamou, já furiosa - Eu não mentiria sobre algo como isso! Eu tive uma enxaqueca e ele trocou o meu remédio por um narcótico potente. Quando eu vi o que ele estava tentando me dar, eu joguei em cima dele. Ele achou que eu estava muito doente para perceber. Ele achou que seria divertido me tornar uma viciada, como fez com você...!

- Oh, cresça - Rachel gritou - Eu não sou viciada! Todo mundo usa drogas! Até mesmo as pessoas dessa cidadezinha onde você mora. Como você acha que eu me

sustentava antes de mudar para Nova York? Havia sempre alguém lidando com isso, e eu sabia onde encontrar o que você precisava. Você é tão ingênua, Ivy.

- Meu cérebro ainda funciona - ela gritou de volta.

- Cuidado com o que diz, criança - Rachel disse furiosa - Ou eu cuidarei para que você não veja um centavo da herança de papai.

- Não se preocupe, eu nunca esperei ganhar nada mesmo - Ivy disse baixo - Você convenceu papai de que eu era má para que ele não me deixasse nada.

- Você tem a poupança de tia Hattie - Rachel lembrou - Ainda que ela devesse ser minha. Eu merecia, tendo que viver como lixo todos esses anos em que morei em casa.

- Rachel se você ter o que merece - Ivy disparou com um lampejo de fúria - Você estaria na prisão federal.

Houve uma maldição abafada - Eu tenho que ir. Jerry voltou. Escute, fale com o advogado e veja o que consegue. Eu não posso bancar todas essas ligações de longa distância.

- Você nunca paga por elas. Você geralmente me manda a conta - ela lembrou.

- Apenas corra com isso e arruma os papeis para que você possa me mandar meu cheque. E não espere que eu ligue de volta até que você esteja pronta a conversar como uma adulta ao invés de uma criança mimada.

O telefone escorregou pela sua orelha. Ela pôs de volta com resignação silenciosa. Rachel nunca acreditaria que Jerry, seu guerreiro com armadura brilhante, era nada mais que um vendedor de drogas com pequena ascensão social que a estava usando como refém no tráfico de drogas. Ivy havia tentado arduamente fazer com que a irmã a escutasse, mas ela não conseguiu. As duas nunca haviam sido próximas, mas desde que Rachel havia se envolvido com Jerry, ela não parecia ser capaz de pensar mais. Nos velhos tempos, mesmo quando Rachel era difícil, ela parecia ter alguma afeição pela irmã. Tudo mudou quando ela começou o ensino médio. Alguma coisa aconteceu, Ivy nunca soube o quê, mas algo a virou contra Ivy e tornou-a sua inimiga. O uso de álcool e drogas não havia ajudado a já abrasiva personalidade de Rachel. Fora um alívio para Ivy quando a irmã mudou para Nova York dias depois do estranho acontecimento. Mas parecia que ela conseguia causar problemas mesmo estando a distancia sempre que tinha vontade.

Ivy saiu correndo de casa para chegar a tempo para a próxima aula, sem nenhum entusiasmo. Ela não queria passar a vida trabalhando para alguém, mas ela certamente não queria ir para Nova York e acabar como cozinheira e empregada de Rachel, como era antes da irmã deixar Jacobsville. Deixar Rachel pegar a herança era certamente a melhor solução para o problema. Qualquer coisa era melhor do que viver com Rachel novamente, até mesmo ter que aturar o irmão de Merrie York, Stuart, simplesmente para ter uma amiga de verdade.

_

Era sexta-feira, e quando ela deixou o campus, com a colega de quarto, Lita Dawson, que ensinava no colégio vocacional, ela se sentia melhor. Ela passara no teste de inglês, estava certa disso. Mas digitação a estava deprimindo. Ela não podia digitar mais

do que cinquenta palavras por minuto. Um aluno do sexo masculino com apenas dois dedos podia fazer mais rápido que Ivy.

Elas pararam em frente a casa onde moravam. Ivy sentiu-se absolutamente deprimida. Ela tivera que deixar a casa do pai porque não podia nem pagar as contas de luz. Além disso, Rachel havia assinado papéis para pôr a casa no mercado no mesmo dia em que ela assinara os papeis do testamento no escritório de um advogado local. Já que Ivy não era velha o suficiente, com quase dezenove anos, de lidar com os assuntos legais, Rachel havia convencido o jovem secretário convencendo-o de que Ivy precisava de companhia, de preferência para morar junto. Então ela voara de volta à Nova York, deixando Ivy sob os cuidados de uma tia-avó, e um emprego de meio período como bibliotecária numa garagem nas tardes de segunda e quinta para pagar as suas necessidades e uma pequena taxa estudantil que os moradores do Texas pagavam no colégio vocacional e estadual do estado. Rachel não havia nem perguntado se Ivy possuía o suficiente para viver.

Merrie havia tentado fazer com que Stuart ajudasse Ivy a lutar contra Rachel para conseguir crédito sobre a maior parte da herança, mas Ivy quase ficou histérica quando ela ofereceu. Ela preferia viver em uma caixa de papelão na beira da estrada do que precisar de Stuart para algo. Ela não queria dizer a melhor amiga que seu irmão a assustava. Merrie teria perguntado por quê. Havia segredos no passado de Ivy que ela não contara a ninguém.

- Eu vou visitar meu pai esse final de semana - Lita, de olhos e cabelos negros sorriu para a garota mais jovem - E você?

Ivy sorriu - Se Merrie se lembrar, nós provavelmente vamos ver as vitrines do shopping - ela sussurrou, sorrindo preguiçosamente - Eu gosto de ver as coisas que eu sonho em comprar um dia - ela soluçou.

- Algum dia você vai encontrar um homem bom que a irá tratar do jeito que você merece - Lita disse gentil - Espere e verá.

Ivy sabia bem, mas ela apenas sorriu. Ela não estava ansiosa para oferecer a algum homem o controle da sua vida. Ela não pretendia viver perigosamente.

Ela se dirigiu à porta dos fundos, para ver se a Senhora Brown estava em casa. A velha senhora devia estar na loja de doces, ela pensou. Era um ritual de sexta-feira. Ivy tinha que comer com Senhora Brown e Lita Dawson, a outra hóspede nos finais de semana. Ela e Lita revezavam cozinhando e limpando a cozinha, para ajudar a velha senhora com o trabalho extra. Era bom, não ter que ir até a cidade para conseguir um lanche. A pizzeria entregava, mas Ivy estava cheia de pizza. Ela gostava da pequena casa, e Lita era legal, mesmo sendo um pouco mais velha que Ivy. Lita era recém divorciada e sentia muito a falta do ex-marido. Ela havia se recuperado e ensinava Informática no colégio vocacional, e permitia que Ivy fosse de carro com ela para ajudar com o combustível.

Ela havia acabado de colocar a bolsa no sofá quando o celular tocou.

- É final de semana - disse uma voz jovial, sorridente. Era Merrie York, sua melhor amiga desde o ensino médio.

- Eu percebi - Ivy zombou - Como foi nas provas?

- Eu tenho certeza que esqueci algo, mas não lembro o quê. A prova final de biologia está chegando e o trabalho no laboratório está me matando. Eu não posso trabalhar com o microscópio.

- Você está estudando para ser uma enfermeira, não uma assistente de laboratório - Ivy lembrou.

- Venha aqui e diga ao meu professor de biologia - Merrie provocou - Eu vou me formar nem que eu tenha que fazer cada semestre três vezes.

- Esse é o espírito.

- Venha passar o final de semana comigo - Merrie a convidou.

O coração de Ivy disparou - Obrigada, mas eu tenho que fazer algumas coisas aqui...

- Ele está em Oklahoma, vendo um grupo de gado para a venda de um celeiro - Merrie disse zangada.

Ivy hesitou - Você pode colocar isso por escrito e assinar em cartório?

- Bem no fundo ele gosta de você, de verdade.

- Então ele é um ótimo ator, porque ele escondeu sua apreciação muito bem - Ivy disse de volta - Eu amo você, Merrie, mas eu não tenho vontade de ser atirada de um canhão. Foi uma longa semana, e eu e Rachel discutimos hoje de novo.

- Longa distância?

- Exatamente.

- E sobre Sir Lancelote, o rei da droga.

- Você me conhece muito bem.

Merrie riu - Nós nos conhecemos desde o ensino médio - ela lembrou.

- Sim, a debutante e a garota arteira, que par nós fizemos.

- Você não é mais a garota arteira que era - Merrie disse.

- Nós aprendemos quando chega a hora. Por que você quer que eu vá esse final de semana?

- Por razões egoístas - a outra disse maquiavelicamente - Eu preciso de uma companheira de estudo e todo mundo na minha sala tem uma vida social.

- Eu não quero uma vida social - Ivy disse - Eu quero tirar boas notas, me formar e conseguir um emprego que pague pelo menos o necessário para me sustentar.

- Seus pais lhe deixaram uma conta bancária e algumas provisões - Merrie apontou.

Era verdade, mas Rachel tinha acabado com todo dinheiro e provisões.

- Seus pais deixaram Stuart para você - Ivy disse secamente.

- Não me lembre!

- Na verdade, eu acho que a verdade é outra - Ivy pensou alto - Seus pais deixaram você para o Stuart.

- Ele é um ótimo irmão - Merrie disse gentil - E ele gosta da maioria das mulheres.

- Ele gosta de todas as mulheres menos de mim - Ivy ponderou - Eu não poderia agüentar um final de semana com Stuart agora. Não com Rachel e as provas parecerem querer acabar comigo.

- Você é um gênio em matemática - a amiga lembrou - Você dificilmente precisa estudar.

- Tradução: Eu resolvo problemas de matemática todo dia por quatro horas depois da aula para que eu pareça ser esperta.

Merrie riu - Venha. Senhora Rhodes vai fazer pato assado para o jantar, e nós temos todos os canais pré-pagos. Nós podemos estudar e então assistir aquele filme novo de aventura.

Ivy estava fraquejando. Nos finais de semana, ela ficava o tempo todo em casa. O estomago de Ivy se rebelou contra a idéia de pizza ou mais doces e galinha azeda ou tacos - Eu acho que preciso mesmo de uma refeição que não venha enlatada ou em caixas.

- Se eu disser a Senhora Rhodes que você virá, ele fará uma torta de cerejas.

- Ótimo. Eu pegarei um ônibus noturno e vejo você em trinta minutos, ou assim que conseguir um taxi.

- Eu posso ir e pegar você.

- Não. Taxis são baratos na cidade. Eu não estou arruinada - ela acrescentou orgulhosa, embora praticamente estivesse. O dinheiro do taxi teria que sair do dinheiro para o lanche da próxima semana. Ela praticamente teria que ficar a pão e água. Mas seu orgulho não deixaria que ela aceitasse a oferta de Merrie.

- Ok, senhorita independente! Direi ao Jack para deixar o portão aberto.

- Era um pensamento súbito e nem um pouco arrogante o fato de que as duas mulheres pertenciam a classes sociais diferentes. A casa de Merrie era uma mansão de tijolos à vista com um enorme portão de ferro que se abria para um caminho pavimentado. Havia um guarda armado, Jack, no portão da frente, milhas de cerca elétrica e dois Dobermanns assassinos que percorriam a propriedade à noite. Se aquilo não detivesse os intrusos, havia os trabalhadores do rancho, cuja metade era ex-militares. Stuart era cuidado com as pessoas que trabalhavam para ele, pois sua casa possuía antiguidades herdadas e preço inestimável. Ele também tinha um rebanho de touros que comandava com incrível rigidez; porções de seus semens vendidas por milhares de dólares casa e distribuídas por todo o mundo.

- Eu tenho que vestir armadura de ferro, ou Chayce vai me reconhecer?

Chayce McLeod era o chefe de segurança da propriedade dos York que Stuart comandava. Ele havia trabalhado para J. B. Hammock, mas Stuart havia oferecido a ele um salário maior e benefícios irrecusáveis. Chayce valia tudo isso. Ele tinha um diploma em gerenciamento e era um mestre em comandar homens. Havia muitos deles para comandar em uma casa daquele tamanho. Muitas pessoas não sabiam que Chayce também era um ex-agente federal. Ele era charmoso também, mas Ivy era imune a ele.

O rancho de Stuart, todos os vinte acres dele, era só uma parte do império que se espalhava por três estados e incluía serviço real, investimentos, lotes de comida e uma companhia de equipamento para ranchos. Stuart e Merrie eram muito ricos. Mas nenhum deles possuía uma vida social frenética. Stuart trabalhava no rancho, assim como fazia como era mais novo - assim como o pai que morrera de um ataque do coração quando Merrie tinha apenas treze anos. Agora, Stuart tinha trinta anos. Merrie, assim como Ivy, tinha apenas dezoito, quase dezenove. Não havia outros parentes. A mãe deles havia morrido ao dar à luz a Merrie.

Merrie suspirou com a longa pausa - Claro que Chayce vai reconhecer você. Ivy você não está de mau humor de novo está?

- Meu pai era um mecânico, Merrie - ela lembrou a amiga - e minha mãe era C.P.A. em uma empresa.

Meu pai era um jogador que teve sorte no Caribe - Merrie retrucou - Ele era provavelmente um pirata, e a lenda da família diz que ele foi preso por porte de armas com dezesseis anos. É de onde veio nosso dinheiro. Ele certamente não veio de trabalho duro e honesto. Nossos pais passaram uma ética de trabalho viciante para nós dois, como você já deve ter notado. Nós não sentamos e fazemos críticas sobre a classe trabalhadora. Agora será que você vai calar a boca e arrumar as malas?

Ivy riu - Ok. Vejo você logo.

- Essa é minha garota.

Ivy teve que admitir que nem Stuart nem Merrie poderiam ser acusados de aproveitar-se da fortuna da família. Stuart sempre trabalhava no rancho, quando não viajava para os compromissos da corporação da família ou se encontrando com os tesoureiros sobre as faturas agrícolas ou dando palestras sobre as novas facetas da indústria bovina. Ele tinha um diploma de Yale em negócio, e ele falava espanhol fluentemente. Ele era também o homem mais bonito, sensual e atrativo que ela já vira. Levava muito tempo para ela fingir que ele não a afetava. Era autodefesa. Stuart preferia loiras altas, bonitas e independentes, de preferência ricas. Ele era contra o casamento, que ele abolira. Suas mulheres iam e vinham. Nenhuma durava mais que seis meses.

Mas Ivy era plana e de voz suave, não exatamente um tipo de mulher executiva, mesmo parecendo mais velha do que era. Ela vivia em um mundo muito distante de Stuart, e as amigas dele a intimidavam. Ela não sabia sobre depósitos de cauções de tesouraria, e sua vida não incluía viagens para lugares exóticos. Ela não lia ficção literária, não ouvia música clássica, dirigia um carro de luxo ou fazia compras em boutiques. Ela tinha uma vida calma, trabalhava e estudava duro para conseguir um futuro para si mesma. Merrie estava na escola de enfermagem em San Antonio, onde ela morava num apartamento e dirigia uma Mercedes nova. As duas só se viam quando Merrie vinha para passar o final de semana. Ivy sentia falta dela.

Foi assim que Ivy aproveitou a oportunidade e arrumou as malas. Merrie não mentiria sobre Stuart estar lá, ela sabia. Mas ele freqüentemente voltava inesperadamente. Não era novidade ele não gostar de Ivy. Ele conhecera sua irmã, Rachel, antes dela mudar para Nova York. Ele zombara de seu modo de vida, que sempre fora muito moderno, desde o ensino médio. Ele achava que Ivy seria exatamente igual à ela. O que provava que ele não conhecia a melhor amiga da irmã em nada.

Jack, o guarda no portão da frente da casa de Merrie, reconheceu Ivy no taxi local, e sorriu para ela. Ele deixou o carro passar sem pedir nenhuma identificação. Uma passagem de sucesso, ela disse a si mesma.

Merrie esperava por ela nos degraus da frente da mansão. Ela desceu os degraus correndo direto para a porta de trás do taxi, jogando os braços ao redor de Ivy no momento que ela abriu a porta e desceu.

Ivy tinha estatura média e era magra, com cabelos loiros compridos e lisos e olhos verdes. Merrie parecia com o irmão - era alta para uma mulher, e tinha cabelos escuros e olhos brilhantes. Ela observou Ivy.

- Estou tão feliz por você ter vindo - Merrie disse feliz - Às vezes as paredes fecham-se sobre mim quando eu estou sozinha aqui. A casa é muito grande para apenas duas pessoas e um caseiro.

- Vocês dois vão se casar algum dia e ter filhos - Ivy sorriu.

- Quase impossível no caso de Stuart - Merrie zombou - Venha, entre. Onde está sua mala?

- No porta-malas.

O motorista hispânico já havia descido, sorrindo ao pegar a mala de Ivy e levá-las até a porta. Mas antes que Ivy pudesse pegar a bolsa, Merrie colocou uma grande quantia na mão do motorista e falou com ele em seu elegante espanhol.

Ivy começou a argumentar, mas o taxi já estava saindo do estacionamento e Merrie já estava na metade dos degraus de entrada.

- Não comece - ela disse a Ivy com uma risada - Você sabe que não pode ganhar.

- Eu sei - a outra suspirou - Obrigada Merrie, mas...

- Mas você tem três dólares sobressalentes durante a semana, e você teria que ficar sem o lanche para pagar o taxi - veio a resposta baixa - Se você estivesse no meu lugar, faria o mesmo por mim - adicionou, e Ivy não conseguiu argumentos. Mas aquilo ferira seu orgulho.

- Escute - Merrie acrescentou - um dia quando você for muito rica e dona de uma fabulosa editora, e dirigir um Rolls, você me paga. Ok?

Ivy sorriu - Escute, nenhuma secretaria fica rica o suficiente para dirigir um Rolls - veio a resposta seca - Mas eu vou mesmo pagar você.

- Amigos ajudam amigos - Merrie disse simplesmente - Venha. Entre.

_

A casa era grande, muito grande. A única coisa que separava pessoas ricas de pessoas pobres, Ivy ponderou, era espaço. Se você fosse rico, você poderia bancar muitos quartos na sua casa e um banheiro do tamanho de uma garagem. Você poderia comprar também terras suficientes para ter privacidade e um lugar para plantar flores e arvores e ter um lago cheio de peixes...

- No que está pensando agora? - Merrie perguntou à caminho da escada.

- Espaço - Ivy murmurou.

- Sideral?

- Não. Espaço pessoal - Ivy qualificou a resposta - Eu estava pensando que o tanto de espaço que alguém possui está relacionado ao tanto de dinheiro que ele tem. Eu adoraria ter apenas um jardim. E talvez um lago - ela acrescentou.

- Você pode alimentar o nosso peixe chinês dourado sempre que quiser - a outra garota ofereceu.

Ivy não respondeu. Ela percebera, não pela primeira vez, o quanto Merrie parecia com o irmão mais velho. Ambos eram altos e magros, com cabelos negros. Merrie usava o cabelo longo, mas o de Stuart era curto e cortado social. Os olhos dela, azuis como os de Stuart, podiam chegar a uma qualidade perigosa quando estava brava. Não que o temperamento de Merrie fosse igual ao de Stuart. Ivy havia visto homens se esconderem no celeiro quando ele passava. Os olhos claros e profundos de Stuart não

eram a única indicação de seu péssimo temperamento. O jeito de caminhar era como um termômetro do seu humor. Ele geralmente caminhava como um corredor. Mas quando estava bravo, andava devagar. Quando mais devagar é o andar, pior é o temperamento.

Ivy aprendeu cedo em sua amizade com Merrie a ver quão rápido Stuart saía antes que ela se aproximasse do quarto em que ele estava. Um dia memorável quando ele perdera um cão pastor premiado para um coioite, ela inventara uma dor de cabeça para evitar sentar-se à mesa de jantar com ele.

- Era um habito sórdido dele ser amargamente sarcástico com qualquer um dentro do alcance quando estava irritado, especialmente se o objeto de sua raiva estava longe do contato.

Merrie levou Ivy até o quarto que fazia divisória com o seu e observou Ivy abrir a pequena mala e tirar um jeans limpo e uma camiseta de cotton - ela arqueou a sobancelha - Nenhuma camisola?

Ivy corou.

- Rachel me irritou. Eu esqueci.

- Sem problema. Você pode emprestar uma minha. Ela vai percorrer o chão embaixo de você como um trem, claro, mas vai servir em todos os outros lugares - os olhos dela estreitaram - Eu suponho que Rachel esteja atrás do dinheiro.

Ivy pigarreou, olhando a pequena mala.

- Ela foi boa ao convencer papai de que eu não merecia nada.

- Ela disse mentiras.

Ivy pigarreou de novo.

- Mas ele acreditou. Rachel conseguia ser gentil e amável quando queria algo. Ele bebia... - Ela parou de repente.

Merrie sentou na cama e cruzou as mãos no colo.

- Eu sei que ele bebia, Ivy - ela disse gentil - Stuart o investigou.

Seus olhos se arregalaram incrédulos.

- O quê?

Merrie mordeu o lábio inferior.

- Eu não posso dizer por que, então nem pergunte. O que eu posso dizer é que foi uma experiência para abrir os olhos.

Ivy se perguntou quanta informação o detetive particular de Stuart havia descoberto sobre a vida particular da família Conley.

- Nós descobrimos que ele bebia - Merrie disse ao ver a expressão torturada da amiga. Ela segurou as mãos de Ivy - Ninguém tem a infância perfeita que vemos em filmes, você sabe disso. Papai queria que Stuart corresse em competições. Era algo que ele nunca foi capaz de fazer. Ele tentou forçar Stuart a frequentar o colégio agrícola - Ela riu divertida - Ninguém podia meu irmão a fazer nada, nem mesmo papai.

- Eles eram muito parecidos? - Ivy perguntou, já que só havia visto o velho York poucas vezes.

- Não. Bem, de um modo sim - ela corrigiu - Papai com seu mau temperamento nos custava os melhores empregados. Stuart nos custou nosso melhor, e mais velho cavalo wrangler semana passada.

- Como?

- Ele perdeu o controle quando Stuart chocou-se com o jaguar no celeiro e bateu na parede dos fundos.

Capítulo 2

Ivy não conseguiu conter o espanto. O irmão de Merrie era uma das pessoas mais controladas que ela já conhecera. Ele nunca perdia o controle sobre si mesmo - Ele chocou-se contra o celeiro com o jaguar? O jaguar novo, o XJ?

Merrie corou - Infelizmente, sim. Ele estava falando no celular.

- Por que, pelo amor de Deus?

Um dos gerentes do celeiro de vendas de Jacobsville misturou os números do lote e vendeu a Stuart vacas de raça pura, que estavam todas grávidas de Big Blue, pelo preço de novilhas novas - ela acrescentou o termo novilhas novas denotando uma fêmea de dois anos que não estava grávida. Big Blue era o campeão de um rebanho de touros Black Angus.

- Foi um engano caro - Ivy comentou.

- Não só para nós - Merrie acrescentou, na ponta da língua - Stuart pegou todos os caminhões de gado que nos tínhamos e os que ele pôde emprestar, com os motoristas, foi ao celeiro de vendas e trouxe de volta cada touro, vaca ou bezerro que ele estava oferecendo à venda. Então ele os levou para outro celeiro de vendas em Oklahoma de trem. É por isso que ele está lá. Ele disse que desta vez, eles terão certeza que quais lotes eles estão vendendo a quais preços, porque ele escrevera isso em seus couros no mercado mágico.

Ivy somente concordou - Ela sabia que Stuart não faria uma coisa dessas, mesmo se sentisse vontade.

- O celeiro de vendas local nunca mais vai ser o mesmo - Merrie acrescentou - Stuart disse a eles que haveriam lutas com bolas de neve no inferno antes dele lhes mandar um novo lote de gado para leilão.

- Seu irmão não é uma pessoa que perdoa - Ivy disse baixo.

A outra garota discordou - Mas existe uma razão para ele ser assim Ivy - ela disse - Nosso pai esperava que Stuart seguisse seus passos e se tornasse um atleta profissional. Papai nunca conseguiu o futebol semi profissional, mas ele estava certo que Stuart conseguiria. Ele começou a fazer com que ele jogasse futebol antes mesmo de chegar na pré-escola. Stuart odiava - ela lembrou triste - Ele perdia treinos deliberadamente, e quando ele fazia isso, papai ia pra cima dele com um cinto de duas pontas. Stuart tinha cicatrizes por todas as costas e pernas, mas isso só fez com que ele tivesse uma maior determinação contra os esportes. Quando ele tinha treze anos, ele juntou as coisas e disse ao papai que ele iria ao rodeio e que se ele pegasse o cinto de novo, ele ligaria para Dallas Carson e o prenderia por bater nele. Dallas - ela lembrou Ivy - era o pai de Hayes Carson. Ele foi nosso xerife durante muito tempo antes de Hayes aplicar a lei. Era incomum para alguém ser preso por bater em uma criança vinte anos atrás, mas Dallas faria isso. Ele gostava de Stuart como um filho.

Ivy levou um minuto para responder. Ela sabia mais sobre punição corporal do que ia admitir, mesmo para Merrie - Eu sempre gostei de Dallas. Hayes é difícil de lidar às vezes. O que o seu pai disse sobre isso? - ela perguntou.

- Ele não disse nada. Apenas colocou Stuart no carro e o levou para o treino de futebol. Cinco minutos depois que ele saiu, Stuart conseguiu uma carona para a arena de rodeio de Jacobsville e emprestou um cavalo para a competição Junior. Ele e o seu melhor amigo, Martin, ficaram em segundo lugar. Papai ficou lívido. Quando Stuart colocou seu troféu sobre o manto, papai o esmagou com um acendedor da lareira. Ele nunca levantou o cinto para Stuart de novo, mas ele o provocava e diminuía sempre que podia. Durou até que Stuart partiu para estudar e eu parei de rezear os momentos em que nós estávamos em casa.

Involuntariamente, os olhos de Ivy correram a foto de Merrie e do pai de Stuart que ficava sobre a lareira. Stuart parecia com Jake York, mas o velho homem tinha uma veia teimosa e um brilho cruel nos pálidos olhos azuis. Como Stuart, ele havia sido um homem alto, magro e musculoso. A criança não tivera uma mãe, que morreu ao dar a luz a Merrie. A irmã da mãe deles havia ficado com a família e cuidado de Merrie até que ela começou a estudar. Ela e o velho Stuart haviam brigado a respeito do tratamento de Stuart, que havia acabado com a partida dela. Depois daquilo, ternura e amor incondicional eram coisas sobre o que as crianças York tinham apenas lido. Eles não haviam aprendido nada sobre aquilo com o pai taciturno e rígido. O desafio de Stuart apenas o fizera mais amargo e rude.

- Mas seu pai construiu esse rancho - Ivy disse - Ele certamente gostava de gado.

- Ele gostava. Mas o futebol era a vida dele - Merrie replicou - Você deve ter percebido que não assistimos jogos de futebol aqui. Stuart desliga a televisão à primeira menção deles.

- Eu entendo por quê.

- Papai passava o tempo com jogos de futebol, cuidar do rancho e da companhia. Ele teve um ataque do coração e morreu quando eu tinha treze anos, sentado à mesa da cozinha. Ele teve uma briga violenta com um de seus diretores a respeito de algumas expansões propostas que haviam colocado a companhia perigosamente a beira da falência. Ele era um jogador. Stuart não é. Ele sempre calcula as conseqüências antes de tomar uma decisão. Ele nunca tem brigas com o quadro de diretores - ela grunhiu - Bem, houve uma. Eles insistiram para que ele contratasse um piloto para levá-lo a encontros de trabalho.

- Por quê?

Merrie deu um risinho - Para fazê-lo parar de dirigir para eles. Eu não contei que é a segunda XJ em seis meses?

Ivy arqueou as sobrancelhas - O que aconteceu com a primeira?

- Tráfego lento.

- Não entendi.

- Ele estava atrasado para uma reunião com os diretores - Merrie disse - Havia um pequeno senhor dirigindo um carro a vinte milhas por hora em uma curva cega. Stuart tentou ultrapassar. Ele quase conseguiu - ela acrescentou - Exceto que Hayes Carson estava vindo do outro lado da pista no seu carro.

- O que aconteceu? Ivy perguntou quando Merrie sentou silenciosa.

- Stuart é realmente um bom motorista - a irmã dele assegurou - mesmo que ele faça decisões insanas como onde ultrapassar. Ele virou o carro e o parou perto do precipício antes que Hayes se aproximasse. Mas Hayes disse que ele podia ter matado alguém e que ele merecia uma multa. O único modo de conseguir a licença de volta foi prometendo freqüentar a auto-escola e fazer serviço publico.

- Isso não parece com o seu irmão.

Merrie deu um risinho.

- Ele foi para a escola de transito duas vezes, e então foi ao departamento do xerife e mostrou a Hayes Carson como reorganizar seu departamento para que possa funcionar mais eficientemente.

- Hayes pediu mesmo para que ele fizesse isso?

- Não. Mas Stuart argumentou que organizar o caos no departamento do xerife era um serviço público. Hayes não concordou. Ele entrou e falou com o juiz Meacham. Eles devolveram a licença de Stuart.

- Você disse que ele não atingiu nada com o carro.

- Não mesmo. Mas enquanto ele estava parado na beira da estrada, um caminhão de gado - um dele mesmo, por sinal - fez a curva muito rápido e escorregou para o precipício caindo em uma ravina de dez pés.

- Eu acredito que o motorista não trabalhe mais para vocês - Ivy murmurou.

- Ele trabalha, mas não mais como motorista - Merrie riu - Considerando o que poderia ter acontecido, foi sorte para todos poder escapar. É um carro bem equipado, mas os caminhões de gado são pesados. Foi perda total.

- Mesmo se eu pudesse comprar um carro, não acho que eu quero aprender a dirigir - Ivy comentou - parece mais seguro não estar na estrada quando Stuart está dirigindo.

- De fato.

Elas comeram queijo, bolachas, sanduíches caseiros e biscoitos, e provaram café em perfeita paz por alguns minutos.

- Ivy, você tem certeza que está pronta para ser uma contabilista publica? - Merrie perguntou depois de um minuto.

Ivy riu - O que trouxe isso a tona?

- Eu só estava pensando em quando nós estávamos no colegial - ela replicou - seu coração disparava quando cantava no coral.

- E uma chance seria ótimo, não seria? - Ivy perguntou com um sorriso paciente

- O que acontece é que, mesmo que eu tivesse dinheiro para estudar em Nova York, eu não quero deixar Jacobsville. Então não tenha muitas opções. Cantar no coral da igreja é uma chance de fazer o que eu mais amo.

Merrie teve que concordar que era verdade - O que você tem que fazer é casar e ter filhos, e ensiná-los a cantar - ela replicou com um sorriso - É natural. As crianças ficam em volta de você aonde quer que nós vamos.

- É uma idéia adorável - ela se entusiasmou - escolha dez ou doze estudantes, e eu ficarei com o que eu gostar.

Aquilo fez com que Merrie gargalhasse ruidosamente - Se eu pudesse fazer desse modo, casaria eu mesma - ela confessou - Mas eu tenho que achar um homem que não tenha medo de Stuart. As opções são limitadas...

- Hayes Carson não tem medo dele - Ivy lembrou - Você poderia casar com ele.

- Hayes disse que não quer se casar. Ele prefere a vida como está, sem complicações.

- Um grande covarde - Ivy anunciou - Sem escrúpulos.

- Oh, ele tem escrúpulos. Ele apenas não pensa em casamento. Os pais dele brigaram como tigres. Seu irmão mais novo, Bobby não agüentou, se envolveu com drogas e teve uma overdose. Isso afetou Hayes, perder o único irmão dessa maneira.

- Ele irá se apaixonar um dia.

- Meu irmão também - ela murmurou - Mas se eu fosse uma mulher que joga, não apostaria nisso tão cedo.

- Amor é o grande equalizador.

- Amor é uma reação química - Merrie, a estudante de enfermagem, disse seca - Não é nada mais que uma resposta física aos estímulos sensoriais designados para nos encorajar a replicar nossos genes.

- Oh, credo! - Ivy grunhiu - Merrie isso é horrível!

- É verdade - Merrie respondeu - Pergunte ao meu professor de anatomia.

- Não, obrigada. Vou ficar com a minha visão distorcida de que ele seja um milagre, obrigada.

Merrie sorriu, então piscou - Ivy, o que você está comendo? - perguntou abruptamente.

- Isso? - Ela segurou um biscoito do prato fundo que continha biscoitos, queijos, bolos, pequenos sanduíches e biscoitos. Senhora Rhodes adorava fazer pequenos agrados - É um biscoito.

Merrie pareceu preocupada - É um biscoito de chocolate - veio a resposta - Você sabe que vai ter enxaqueca se comer isso.

- É só um biscoito - ela se defendeu.

- E há um sistema climático de alta pressão jorrando água na gente, e você tem o stress de agüentar Rachel preocupando você desde o funeral de seu pai - ela replicou - Sem mencionar que seu pai morreu a pouco tempo. Há sempre mais de um motivo que leva a uma enxaqueca, mesmo que você não perceba quais são. Stuart também tem, você sabe, mas o que causa nele é vinho tinto e queijo velho.

Ivy lembrou um ataque terrível que Stuart teve depois de fechar um grande acordo de negócios. Fora no dia antes dele ir a um show no colégio de Ivy e Merrie logo depois que elas se tornaram amigas. As duas estavam na banda. Fora Ivy quem recomendara café forte e um médico para Stuart. Ele nunca havia percebido que as terríveis dores de cabeça, em fato, eram enxaquecas, muito menos que havia remédios que surtiavam efeito. Ivy havia sofrido com elas toda a vida. Sua mãe e o pai de sua mãe também tinham enxaquecas. Elas eram genéticas. Elas aconteciam com Stuart também. Ainda que Merrie não as tivesse, o pai deles havia sofrido com isso. Assim como um tio.

- O médico deu preventivas para Stuart, depois de fazer o diagnóstico - Merrie comentou.

- Eu não posso tomar preventivas - Ivy replicou - Eu tenho um problema no coração, e as medicações me causam um aceleração anormal no ritmo do coração. Eu tenho que tratar os sintomas da doença.

- Espero que você tenha trazido o remédio!

Ivy olhou o biscoito de chocolate e rapidamente colocou o resto no prato - Eu esqueci de pegar o refil - Traduzindo, aquilo significava que ela não podia o pagar mais. Havia apenas um remédio que era vendido no distrito. Ela o comprou no momento de desespero, embora não fosse tão eficiente quanto às medicações prescritas.

- Stuart tem remédio para dor assim como preventivos - Merrie disse solene - Se você acordar de noite gritando de dor por causa do biscoito, nós podemos cuidar disso. Talvez quando o testamento do seu pai for firmado, Rachel te deixe em paz.

Ivy balançou a cabeça - Rachel não vai desistir até conseguir cada centavo. Ela convenceu papai de que eu era mais selvagem do que um veado de rabo branco. Ele me excluiu do testamento.

- Ele conhecia você - Merrie disse indignada.

Ela riu.

- Não, ele não conhecia - Ele nem tentou descobrir a verdade. Ele bebia muito. Rachel o encorajava a fazer isso. Quando ele estava bêbado, ela o enchia de mentiras sobre Ivy. As mentiras tinham repercussões terríveis. Aquilo era bom pra Rachel, que odiava a irmã mais nova. Isso aterrorizou Ivy durante cada dia de sua vida.

Ela acordou dos devaneios e forçou um sorriso.

- Se ter o dinheiro vai manter Rachel em Nova York, e fora da minha vida, vai valer a pena. Eu ainda tenho a pequena poupança de tia Hettie. Ela, e o meu emprego de meio período, vão garantir meus estudos.

- É tão injusto - a amiga lamentou - Aqui em casa as coisas foram diferentes. Stuart divide as coisas exatamente iguais para nós dois. Ele disse que nós dois éramos filhos de papai e nenhum deveria ser mais favorecido que o outro.

Ivy franziu a testa.

- Isso soa como se apenas um fosse.

Ela concordou.

- No testamento de papai, Stuart ficou com 75%. Ele não podia desfazer o testamento, porque papai estava completamente lúcido. Então ele dividiu por si mesmo, depois que o testamento foi aprovado - Ela sorriu - Eu sei que você não gosta dele, mas ele é um ótimo irmão.

Não era desgostar. Era medo. O temperamento de Stuart era assustador para uma mulher que passara toda a juventude tentando escapar da violência masculina. Bem, era algo mais que medo, ela tinha que admitir. Stuart a fazia se sentir feliz quando estava por perto. Ele a deixava nervosa.

- Ele é bom para você - Ivy conciliou.

- Ele gosta de você - ela insistiu - Não, de verdade, gosta mesmo. Ele admira o seu esforço em estudar. Ele ficou furioso quando Rachel arrancou a casa de você e a deixou sem lar. Ele falou com o advogado. Não foi possível, claro. É muito difícil anular um testamento.

Era surpreendente saber que Stuart fizera algo por ela. Ele sempre parecera ser contra a sua presença em sua casa; Ele a tolerava porque ela era a melhor amiga de

Merrie, mas ele nunca era amigável. De fato, ele nunca ia para casa quando sabia que Ivy estava lá.

- Ele provavelmente tem medo do meu charme fatal - Ivy murmurou ausente - Você sabe, morre de medo de sucumbir aos meus encantos - ela zombou - A propósito, o que são encantos?

- Se eu soubesse, teria um namorado - Merrie soluçou - Então é melhor não saber. Eu vou conseguir o meu diploma de enfermagem antes de me envolver com um homem. Sem contar que eu estou deixando o campus louco. Tem um residente no nosso hospital que eu adoro. Ele me leva para sair algumas vezes, mas é muito recatado - Ela olhou para Ivy curiosa - Algum namorado secreto na sua vida?

Ivy balançou a cabeça - Eu não quero me casar - disse baixo.

Merrie franziu a testa - Por que não?

- Ninguém poderia morar comigo - ela disse - Eu ronco.

Merrie riu - Não ronca não.

- Na verdade, eu sou como você. Eu quero me formar e conseguir um bom emprego - Ela considerou aquilo - Eu sonhei em ter meu próprio dinheiro, de conseguir me bancar. De varias maneiras, eu teria uma vida resolvida. Papai não queria me perder, então ele desencorajava os garotos de chegarem perto. Eu era valiosa, ajudava de graça. Além disso, Rachel não sabia cozinhar, e nunca seria capaz de lavar roupas ou esfregar o chão.

Merrie não sorriu. Ela sabia que era verdade. Ivy havia sido usada durante toda a adolescência por pessoas que a deviam ter mimado. Ela não era um gênio, mas havia percebido que Ivy nunca falava sobre o pai, exceto de um modo geral.

- Você esconde grandes segredos, não? - Merrie perguntou gentil. Ela levantou uma mão quando Ivy protestou - Eu não vou perguntar. Mas se você precisar conversar, eu estou bem aqui.

- Eu sei - ela sorriu - Obrigada.

- Agora. Que tal um filme nos canais pagos? Eu estava pensando no de ficção que todo mundo está comentando - Ela o nomeou.

Ivy grunhiu - Eu queria mesmo assistir, mas não é legal ir ao cinema sozinha.

- Vou pedir um pouco de pipoca para o Senhora Rhodes. De fato, acho que ele vai querer assistir com a gente. Ele não tem uma vida social.

- Ela é casada, não é? - Ivy arriscou.

- Era - veio a resposta - Ele era um engenheiro no exercito e foi viajar com a sua unidade. Ele não voltou. Eles não tiveram filhos; foram só os dois por quase vinte anos - ela franziu a testa - Ela veio trabalhar com nós logo depois que aconteceu, procurando por um emprego onde também pudesse morar na casa. Ela perdeu tudo. Ele tinha um bom salário e uma carreira no exercito, a não ser como secretaria temporária por um curto período de tempo. Quando ele partiu, ela teve que ir aos tribunais para pedir benefícios para viúvas, e o mercado de trabalho local estava saturado. Ela veio para nós temporariamente, e ficou. Nós nos damos muito bem.

- Ela é um doce.

- Ela é uma boa nutricionista - Merrie concordou - Ela também cuida da alimentação de Stuart. Ninguém se arriscaria nem a tentar.

Ivy não se arriscaria nem vestindo uma armadura. Ela apenas concordou.

_

Ivy estava olhando o guia de programas na televisão enorme quando Merrie entrou com uma pequena mulher sorridente e de cabelos brancos curtos.

- Olá, Senhora Rhodes - Ivy disse com um sorriso.
- Quem bom ver você, Ivy. Estou fazendo pipoca. Qual é o filme?
- Nós queremos ver aquele novo de ficção - Merrie explicou.
- É maravilhoso - veio a resposta surpresa - Sim, eu fui ao cinema para assistir, sozinha mesmo - Senhora Rhodes pigarreou - Mas eu adoraria assistir de novo, se vocês não se importarem com a companhia.
- Nós adorariíamos - Ivy disse, e concordava.
- Então eu vou correr e pegar a pipoca no microondas - a velha mulher disse.
- Eu vou comprar o filme - Merrie disse pegando o controle da mão de Ivy - Esta é a única coisa mecânica em que eu sou realmente boa... apertar botões.

_

O filme era maravilhoso, mas muito antes do final, Ivy já via luzes coloridas dançantes na frente dos olhos. Pouco antes do fim, ela perdeu a visão de um olho, no meio dele havia apenas um risco cinza como quando um canal de televisão sai fora do ar temporariamente. Era sem dúvida a aura misteriosa que sempre aparecia antes de enxaquecas.

Ela não disse uma palavra sobre isso para Merrie. Ela iria para cama e já ia passar. Ela já havia feito aquilo antes. Se ela pudesse dormir antes da dor começar, Ela dormiria a maior parte do tempo.

Ela permaneceu ali até o filme acabar, então bocejou e levantou - Desculpe, mas eu preciso ir para a cama. Estou com tanto sono.

Merrie levantou-se também - Então vou para cama também. Senhora Rhodes, já vai se recolher?

- Certamente, querida. Precisa de mais alguma coisa da cozinha?
 - Será que eu posso pegar uma garrafa de água? - Ivy perguntou - Eu sempre deixo uma ao lado da cama.
 - Vou pegar para você - Senhora Rhodes prometeu - Merrie?
- Merrie balançou a cabeça - Não, obrigada. Eu tenho latas de refrigerante diet no freezer. Eu bebo água suficiente no colégio para afundar um barco.
- Você pode me emprestar uma camisola? - Ivy disse quando chegaram ao topo da escada.

- Posso e vou. Venha pegar.

Merrie pegou uma linda camisola e um robe do guarda-roupa e deu para Ivy. Era amarela, tinha laços e era de seda, e a coisa mais linda que Ivy já tinha visto. Suas camisolas eram baratas, de quaisquer cores que estivessem em liquidação. Ela prendeu a respiração só de olhar para ela.

- É muito cara - ela protestou.

- Não é. Foi um presente e eu odiei - Merrie disse honestamente - Você sabe que eu nunca visto amarelo. Uma colega de quarto sorteou meu nome no natal e comprou. Eu no tive coragem de dizer que não gostava da cor, eu a abracei e disse obrigada. Então eu a enfiei no guarda-roupa.

- Eu faria o mesmo - Ivy teve que admitir - Bem, é linda.

- Vai ficar linda em você. Vá para cama. Durma até tarde. Nós não precisamos levantar até a hora do almoço se não quisermos.

- Eu nunca durmo até depois das sete, nem que eu tente - Ivy disse, sorrindo - Eu sempre levantava para fazer o café para Rachel e papai. E depois só para papai quando ela foi embora.

- Senhora Rhodes vai fazer seu café a hora que você quiser - Merrie disse - Durma bem.

- Você também.

Ivy entrou no quarto que fazia divisão com o de Merrie. Havia um banheiro entre o quarto de hóspedes e o quarto de Stuart, mas Ivy não estava preocupada com isso. Stuart estava fora da cidade e ela teria o banheiro só para ela se precisasse. Ela provavelmente precisaria se não conseguisse dormir com a dor de cabeça. Elas a deixavam completamente mal.

Ela vestiu a camisola e se olhou no espelho enorme. Ela ficou surpresa com o modo como parecia. Seus seios eram pequenos, mas altos e firmes, e a camisola enfatizava sua perfeição. Ela deslizava através da pequena cintura até os quadris largos e as pernas longas e elegantes. Ela nunca havia vestido algo tão revelador.

Com os cabelos loiros, olhos verdes e expressão suave, ela parecia uma fada. Ela não era bonita, mas não era feia também. Ela era magra, de estatura média, com uma boca bonita e olhos grandes. Apenas um dos olhos estava enxergando agora, e ela precisava dormir.

Houve uma suave batida na porta. Ela abriu, e Senhora Rhodes apareceu com a água.

- Querida, você está muito pálida - a velha senhora disse - Está tudo bem?

Ivy suspirou.

- Foi o chocolate. Estou com dor de cabeça. Eu não quero que Merrie saiba. Ela se preocupa. Eu vou dormir, e ficarei bem.

Senhora Rhodes não se convenceu. Ela já havia visto Ivy com as dores de cabeça, e também Stuart sofrer por causa delas.

- Você tem algo para tomar?

- Na minha bolsa - Ivy mentiu - Eu tenho aspirinas.

- Bem, se você precisar de algo mais forte, me acorda ok? - ela ofereceu gentil - Stuart guarda remédios para ele. Eu sei onde estão.

Ela sorriu.

- Obrigada, Senhora Rhodes. Eu realmente estou bem.

- Então durma um pouco. Chame-me se precisar. Estou logo no final do corredor.

- Chamarei. Obrigada de novo.

Ela deitou na cama king-size e puxou o cobertor por cima. O quarto era um palácio comparado com seu apartamento de um quarto. Até mesmo o banheiro era maior

que o quarto onde ela morava. Merrie estava acostumada com tanta riqueza e luxo, mas Ivy não. Era fascinante.

A dor era agonizante. As dores de cabeça sempre começavam em um olho, e ela se sentia como se uma faca estivesse perfurando a pupila. Algumas pessoas as chamavam de atiradores de cabeça porque algumas vítimas eram conhecidas por atirar a cabeça contra paredes numa tentativa de acabar com a dor alucinante. Ivy grunhiu baixo e colocou o punho contra o olho que ficara cego. A visão havia retornado, e a dor viera com ela.

Livros haviam sido escritos sobre os ataques viciosos. Compará-las com simples dores de cabeça era como comparar um furacão com uma brisa de primavera. Algumas pessoas perdiam vários dias de trabalho por causa delas. Outros não tinham idéia do tipo de dor de cabeça que sofriam e nunca consultaram um médico a respeito disso. Outros ainda acabavam em salas de emergência implorando por remédios para aliviar a dor. Dificilmente alguma coisa na cidade era capaz de acabar com elas. Geralmente era necessária uma prescrição médica para fazê-las suportáveis. Ivy nunca havia achado nada capaz de parar com a dor, independente da sua longitude. O máximo que ela podia esperar era que a dor não fosse tanta para que ela pudesse suportar até o fim.

Por volta da meia-noite, a dor provocou náuseas, e a situação piorou ainda mais. Naquele momento, a dor era uma onda de agonia latejante e insuportável.

Ela molhou a boca e os olhos com uma toalha molhada e deitou novamente, tentando dormir. Apesar de a náusea ter diminuído, a dor aumentou.

Ela teria que levantar e procurar a Senhora Rhodes. No caminho, pararia no banheiro e molharia a toalha mais uma vez.

Ela abriu a porta, metade da cabeça tomada pela dor, e deu de encontro com um homem forte e musculoso vestindo nada além de uma calça de pijamas de seda preta. Olhos azuis mergulharam em seus olhos verdes quando ela olhou para cima, um longo caminho para cima, dentro de seus olhos.

- O que diabos você está fazendo aqui? - Stuart York perguntou com uma imprecisão.

Capítulo 3

Ivy não o via há meses. Eles não andavam nos mesmos lugares, e ele nunca estava em casa quando ela visitava Merrie. A visão tão inesperada causou falta de ar, uma dor no alto do estômago.

Ele a estava observando intensamente, e havia um brilho estranho nos olhos azuis, como se ela o tivesse desapontado. Ele raramente sorria. Ele certamente não estava fazendo isso agora. Seu peito era largo e musculoso, com pelos negros e encaracolados que desciam até a cintura. A calça de pijama de seda preta agarrava-se adoravelmente aos músculos rijos das coxas. Ele era tão sexy quanto um herói de televisão. Mesmo com os cabelos negros compridos e desgrenhados, e os olhos vermelhos pela falta de sono, ele era o sonho de toda mulher.

- Eu estava... procurando por algo - ela explicou.

- Por mim? - ele perguntou sarcástico, e caminhou para ela - Rachel me falou sobre você antes de deixar a cidade. Eu não acreditei nela no momento - Os olhos deslizaram pelo belo corpo vestido com a reveladora camisola - Mas parece que ela estava certa sobre você o tempo todo.

Sentir a quente proximidade fez as pernas dela bambearem. A essência de sabão e colônia estava grudada na pele dele, e o modo que ele a olhava a estava deixando nervosa. Através dos anos, ela havia tentado arduamente não prestar atenção em Stuart. Mas a proximidade fez o seu coração disparar. Ela teve sensações que a fizeram se sentir estranha, sensações que a fizeram querer coisas que ela não entendia. Ela não podia tirar os olhos dele, mas ele estava embaralhado na sua visão. A cabeça latejava tão forte que ela não conseguia pensar. O que foi ruim, já que ele interpretou mal sua falta de protesto.

Um segundo depois, ela estava encostada na parede gelada com o corpo de Stuart pressionado contra o seu. As mãos dele se apoiavam na parede, a apertando, enquanto os olhos percorriam a abertura visível dos seus seios na camisola. Ele parecia não poder parar de olhar para ela.

- Eu preciso... - ela começou fraca, tentando focar-se o suficiente para pedir uma aspirina, por qualquer coisa que fizesse a dor parar.

- De mim? - ele murmurou. Sua voz era profunda, aveludada, com suave emoção enquanto ele inclinava a cabeça. Os olhos azuis moveram-se para os lábios separados - Me mostre como, querida.

Enquanto ela tentava entender o comentário estranho, a boca dele estava de repente dura e insistente sobre a sua. Ela enrijeceu com apreensão. Ela nunca estivera tão próxima, tão intimamente próxima, de um homem antes. Sua boca era exigente, torcendo-se contra ela como se ele quisesse mais do que estava conseguindo.

Ela deveria protestar o modo como ele a estava segurando, o modo como ela sentia cada centímetro de músculo pressionado contra ela. Mas a boca dele era erótica, estimulante. Ela havia sido beijada poucas vezes, a maior parte em festas, e nunca por um garoto que soubesse tanto sobre intimidade. Fora muito sorte nunca ter sentido uma atração tão violenta por um homem que não aceitaria limites. Mas a sorte havia acabado com Stuart. Ele sabia o que estava fazendo. Ele aliviou a pressão do beijo e a boca se tornou gentil, carinhosa. Os dentes mordiscaram levemente seu lábio inferior, o estimulando a mover-se para ter acesso a toda a maciez e calor de sua boca.

Ela tremeu na medida em que a paixão crescia dentro dela. Ela sentiu o peito nu embaixo das mãos, e adorou o calor e a força dele tão perto. Os dedos deslizaram através do pêlo grosso que cobria os músculos rígidos, fazendo-os se arrepiar enquanto sentia a resposta urgente do corpo dele às carícias suaves. Ela abriu mais os lábios assim que ele a pressionou mais contra ele, e ela se moveu, involuntariamente, para mais perto da fonte de prazer repentino que estava sentindo.

Era um convite, e ele aceitou. O quadril grudou no dela e ela sentiu a dureza repentina dele com medo real. Ele grunhiu extasiado. O corpo se tornou ainda mais insistente. Ele não parecia capaz, no momento, de parar.

O adorável prazer que ela sentia se tornou rapidamente em medo, assim que as mãos dele se moveram para o seu quadril e o puxou contra os contornos do seu corpo com tanta força que até uma virgem perceberia seu desejo avassalador. Assustada pelo

ardor, ela empurrou seu peito freneticamente, tentando afastar os lábios da pressão esmagadora de sua boca.

Ele relutou em parar. Ele podia sentir o próprio corpo traindo sua fome por ela. Ele não podia evitar. Ela era adorável de se tocar, e tinha gosto de doce paraíso. Ele não podia pensar em mais nada além de colocar o corpo dela embaixo seu na cama logo atrás deles. Mas finalmente a violência da sua resistência chegou ao cérebro adormecido. Ele afastou a cabeça o suficiente para encontrar os seus olhos.

Quando ele viu o medo, ele pela primeira vez começou a duvidar do que Rachel havia dito da irmã mais nova. Se esse era o comportamento promíscuo que ela tinha descrito, ela com certeza não tivera muitos namorados. Pelo contrario, ela parecia assustada com o que estava por vir.

- Não - ela gritou assustada, os olhos duelando com os dele - Por favor, não.

Por apenas um instante, as mãos dele apertaram sua cintura. Mas sua postura rígida assustada o embaraçou. Promíscua? Esta pequena criatura? Com a força da sua resposta, ele teria apostado a vida na inocência dela.

Assim que as coisas começaram a clarear, a raiva invadiu o peito dele. Ele havia perdido o autocontrole. Ele havia traído sua raiva por ela. Ele não podia fingir que não sentira desejo quando a beijou. Ela havia sentido sua fraqueza momentânea. Seu próprio desejo físico o havia traído com essa inocente menina mulher que tinha apenas dezoito anos. Dezoito!

Raiva, vergonha e culpa o assolaram. Ele a empurrou para longe bruscamente, os olhos se estreitando enquanto olhava o corpo vestido pela camisola reveladora. Apesar de tudo, ele ainda a queria, desesperadamente.

- O que você esperava ao procurar um homem, vestida desse jeito no meio da noite? - ele enfatizou sua entrega com dureza.

Empalidecendo, ela cruzou os braços em cima dos seios. Ela cambaleou, colocando uma mão sobre o olho. Ela havia esquecido a dor de cabeça por alguns segundos enquanto ele a beijava, mas ela voltara agora com fúria. Ela encostou-se à parede para manter o equilíbrio. Mais forte que a vergonha, e a raiva, era a dor, atacando seu olho direito como uma brasa fervendo.

O rosto dela estava branco e contorcido. Ele começou a perceber que ela não estava bem.

- O que há com você? - ele perguntou tardiamente.

- Enxaqueca - ela sussurrou brusca - Eu estava procurando aspirinas.

Ele produziu um som áspero na garganta.

- Aspirina, para enxaqueca - ele grunhiu. De repente ele se abaixou, pegou-a no colo e voltou ao seu quarto com ela. O toque da suavidade dela nos seus braços era intoxicante. Ela era tão leve quanto uma pluma. Ele percebeu que ela não estava rejeitando o contato. De fato, a bochecha dela estava encostada em seu peito e ele pode sentir a mudança no ritmo de respiração, motivada pela dor que ela estava sentindo.

- Você vai precisar de algo mais forte do que aspirina para acabar com a dor, mas não antes de checar com um médico. Sente - Ele a colocou na cama e foi até o guarda-roupa pegar o celular.

- É a Dra. Lou Coltrain - ela começou.

Ele a ignorou. Ele sabia quem era a médica dela.

- Lou? Desculpe incomodar tão tarde. Ivy Conley está passando o final de semana com Merrie e ela está com enxaqueca. Ela pode tomar o que você receitou para mim?

Houve uma pause, na qual ele observou Ivy, tentando não olhá-la da maneira que desejava. Ela estava lindamente formada. Mas sua idade o torturava. Ela era muito nova para ele. Ele tinha trinta, e ela dezoito. Ele não deveria tocá-la de novo. Ele não queria, mas ela já o estava olhando de um modo diferente. O beijo havia sido muito bom para ambos, até o momento em que ele se excedeu e a assustou.

Um minuto depois ele moveu-se, escutou e concordou.

- Ok. Sim, eu a levarei a clinica amanhã se ela não melhorar. Obrigada.

Ele desligou.

- Ela disse que você pode tomar metade da dose que eu tomo - ele disse, pegando uma garrafa da cômoda e tirando uma pílula. Ele colocou água em um copo de cristal e entregou o copo e a pílula a ela. - Pegue. Se você não estiver melhor pela manhã, você vai ter que ir a clinica fazer uma consulta.

- Você pode parar de olhar para mim? - ela perguntou em meio à dor.

- Você não é a única que tem uma dor - ele disse sem rodeios - Pegue!

Ela corou, mas pôs a pílula na boca e a engoliu com dois goles de água.

Ele pegou o copo de volta, ajudou-a a levantar da cama e a levou através do banheiro para o próprio quarto. Em seguida a guiou até a cama.

- Eu não sabia que você estaria em casa - ela se defendeu - Merrie prometeu que você não estaria. Eu não esperava entrar no banheiro e trombar com você.

- Isso serve para mim também. Eu não sabia que você estava em casa - ele acrescentou curto - Minha irmã tem uma memória conveniente.

Em outras palavras, ela não o tinha avisado que Ivy estaria lá. Ivy se perguntou se a amiga sabia que ele voltaria para casa. Era um truque sujo, e Merrie era melhor que aquilo. Ela provavelmente não sabia.

- Obrigada pela pílula - ela disse gentil.

Ele deixou escapar um sussurro.

- De nada. Vá para a cama.

Ela puxou as cobertas e se cobriu com elas, gemendo quando o movimento lhe enviou uma pontada de dor à cabeça.

- E não fantasie com o que aconteceu - Ele acrescentou sem rodeios - Muitos homens são vulneráveis a noite, quando a tentação caminha pela porta.

- Eu não sabia...!

Ele levantou uma mão.

- Tudo bem. Eu vou acreditar em você - os olhos dele estreitaram - Sua irmã me disse um monte de mentiras sobre você. Por quê?

- Por que você estava falando com ela sobre mim? - ela lembrou - Você sempre disse que nunca a tolerou, mesmo quando estavam no colegial.

- Ela me ligou quando o pai de vocês morreu.

- Ah, sim - ela disse, fechando os olhos - Ela não queria correr o risco de você ficar do meu lado durante a leitura do testamento - Ela sorriu friamente - Eu podia ter dito à ela que nunca aconteceria.

- Ela pensou que você pediria ajuda à Merrie.

Ela abriu os olhos. A dor era latejante. Ela podia ver as batidas do coração nos próprios olhos.

- Ela teria pedido. Eu não. Eu posso caminhar com meus dois pés.

- Sim - ele disse devagar, estudando o rosto pálido - Você se saiu muito bem.

Aquilo era louvável, vindo dele. Ela olhou o rosto magro e perguntou-se o que teria acontecido se ela não se afastasse. A cor vermelha surgiu em suas bochechas.

- Pare com isso - ele murmurou - Eu não vou ser objeto de desejo para uma adolescente sonhadora.

Seu tom não era hostil. Era mais amuado do que raivoso. As sobrancelhas dela arquearam.

- Tem certeza? - ela perguntou, retornando o assunto - Porque eu preciso de alguém para me preparar a mamadeira. Pense comigo, Eu poderia me envolver com más companhias e me tornar uma ovelha desgarrada, e seria tudo culpa sua, porque você não me deixa sonhar com você.

Primeiro ele pensou que ela estivesse sendo sarcástica. Então ele viu o brilho nos belos olhos verdes.

- Você é muito jovem para ficar obcecada com um homem maduro. Vá arranjar um garoto da sua própria idade.

- Esse é o problema - ela disse, colocando a mão sobre o olho latejante - Os garotos de minha idade são apenas garotos.

- Todos os homens começam assim.

- Eu acho que sim - ela grunhiu - Você poderia, por favor, bater na minha cabeça com um martelo? Talvez isso afastasse a dor da minha cabeça.

- As pílulas demoram muito para surtir efeito, não? - ele perguntou. Ele andou e sentou-se ao lado dela na cama - Quer uma toalha molhada?

- Eu morreria antes de pedir para você pegar uma.

Ele riu curtamente. Mas em seguida foi ao banheiro e pegou uma toalha molhada limpa. Ele a pressionou contra seus olhos.

- Isso ajuda?

Ela a segurou, e suspirou.

- Sim. Obrigada.

- Eu preciso de toalhas aquecidas - ele mencionou - Não consigo pensar em algo frio quando minha cabeça está estourando.

- Eu lembro.

- Onde você conseguiu o chocolate, Ivy? - ele perguntou, depois de um minuto.

Ela corou. Ele realmente sabia muito sobre ela.

- Comi um biscoito essa tarde. Eu não percebi que era chocolate até que já tinha comido metade. Merrie me avisou.

- Eu posso comer dez barras de chocolate e elas não me afetam.

- É porque chocolate não é um de seus acionadores. Merrie disse que você não pode tomar vinho tinto.

- Vinho não é substituto para um bom whisky Scotch. Eu parei anos atrás.

- Queijo velho também tem o mesmo efeito.

Ele corou.

- Sim. Eu adoro Stilton e não posso comer.

Ela sorriu.

- Uma fraqueza. Eu pensei que você estivesse além delas.

- Você se surpreenderia - ele replicou, e estava olhando para ela com uma expressão que lhe agradava que ela não pudesse ver.

A porta abriu de repente e Merrie parou, congelada.

- Vocês estão fazendo uma festa de pijamas? - ela perguntou aos ocupantes do quarto.

- Sim, mas você não está convidada. É exclusiva para sofredores de enxaquecas, e você não tem enxaquecas - ele acrescentou com um sorriso.

Ela fechou a porta e entrou, parando perto da cama.

- Tive medo disso - ela disse à Ivy - Eu deveria ter notado que havia chocolate no doce.

- Ela é quem deveria ter notado - Stuart disse duramente.

- Bem, fale sobre intolerância - Ivy murmurou debaixo da toalha - Eu aposto que ninguém implica com o que você comeu quando tem uma dessas. Eu aposto que você os jogaria pela janela se o fizessem.

- Você é bem vinda se quiser me jogar pela janela - ele ofereceu.

- Não seja tonto. Eu nunca seria capaz de empurrar você.

- Você precisa de aspirinas, Ivy? - Merrie perguntou lançando um olhar para o irmão.

- Eu já lhe dei algo.

Merrie ficou ultrajada.

- Sempre soubemos que não devemos dar um remédio a outra pessoa sem antes consultar um...

- Que bom que você saiba os procedimentos, mas eu também sei - Stuart replicou - Eu liguei para Lou antes de lhe dar - ele olhou para o relógio na mesinha de cabeceira - Deve fazer efeito logo.

E estava fazendo. Ivy mal podia manter os olhos abertos.

- Estou com muito sono - ela murmurou, entusiasmada com a repentina aliviada da dor que fora tão horrível a princípio.

- Bom. Quando você acordar sua cabeça estará boa de novo - Stuart avisou.

- Obrigada, Stuart - ela disse, enquanto as palavras deslizavam causadas pelo efeito do remédio.

- De nada - ele replicou - Eu sei uma coisa ou outra sobre enxaquecas.

- E elas ensinaram você uma coisa ou outra sobre consultar um médico para medicamentos que ajudam - Merrie não pode evitar responder.

Ele não respondeu. Seus olhos estavam pousados no rosto de Ivy enquanto ela dormia. Ele tocou a toalha molhada e a retirou. Os olhos dela estavam fechados. A respiração regular. Ele ficou aliviado ao ver que a coberta estava acima do queixo, assim ele não veria o corpo perfeito de novo e ficaria acordado a noite toda recordando.

Ele levantou da cama, cuidadosamente para não acordá-la, a toalha molhada ainda na mão.

- Foi legal da sua parte, arrumar algo para ela tomar - Merrie disse ao saírem do quarto.

Ele hesitou.

- Eu sei como é.

- Como foram as coisas em Oklahoma? - ela perguntou.

- Tudo está pronto para o leilão - ele replicou - Eu ainda não consigo acreditar que eles me decepcionaram como o celeiro de vendas de Jacobsville.

- Eles não têm nenhum caso e bagunçar os lotes de gado que eles vendem - ela disse em defesa.

- Um erro desses pode ser caro - ele a lembrou - Nesse clima econômico, mesmo nós temos que ser cuidadosos. Perder a franquia japonesa nos prejudicou.

- Prejudicou ainda mais os Hart e os Dunn - ela replicou - Eles investiram muito em gado orgânico para vender, o negócio estava quase fechado quando a proibição aconteceu.

- Mas eles se recuperaram logo, assim como nós, abrindo mercados domésticos para a carne orgânica. Essa rota é muito rentável, e vai ser ainda mais rentável quando as pessoas perceberem o quanto isso contribui para uma saúde melhor.

- Nossa marca vendeu rápido nos mercados locais - ela concordou.

- E bem melhor nos mercados da cidade grande - ele disse - Como está a escola? Ela sorriu.

- Estou passando em tudo. Em dois anos estarei com o diploma na mão.

- Você poderia vir para casa e ir aos cafés da manhã e fazer trabalho voluntário - ele a lembrou com um sorriso.

Ela balançou a cabeça, retornando o sorriso.

- Eu não sou boa para uma vida simples e pacata. Nem você. Nós servimos para o trabalho duro.

- Com certeza - ele concordou e roçou a boca contra a bochecha - Durma bem.

- Vai ficar em casa no final de semana?

Ele olhou para ela.

- Você está vestindo armadura corporal?

- Você e Ivy poderiam se suportar por dois dias - ela retrucou.

- Só se você me cegar e cortar a língua dela fora.

Ela piscou.

- Como?

- É uma brincadeira - ele disse - Eu tenho que voar para Denver amanhã para fazer um discurso no seminário da agricultura no tópico dos grãos geneticamente modificados - ele acrescentou.

Ela corou.

- Você não vai vir para casa com o nariz quebrado dessa vez, vai?

Ele pigarreou.

- Eu só estou bancando o advogado do diabo - ele disse a ela - Nós não podemos ser fáceis com pessoas que querem combinar células animais com células vegetais e chamar isso de progresso - os olhos azuis começaram a brilhar - Um dia, nós iremos pagar por essa nobre intromissão.

Ela concordou e tocou seu rosto.

- Ok. Vá brigar com os progressistas, se é isso que você quer. Eu vou levar Ivy para assistir ao novo filme sobre Marte.

- Marte?

- Ela adora marte - Merrie disse a ele.

- Eu adoraria mandá-la para lá - ele disse pensativo - Nós podíamos amarrá-la em um foguete e...

- Pare com isso. Ela é minha melhor amiga.

Ele balançou a cabeça.

- As coisas que eu faço por você - ele protestou - Ok. Vou programar para mandá-la só até a lua.

- Ela acabou de perder o pai, a casa e logo vai perder a herança também - ela disse solene - Eu poderia estrangular Rachel por isso.

Ele mesmo poderia ter estrangulado Rachel, pelas mentiras que havia inventado sobre Ivy. Ele devia ter adivinhado. Ela nunca havia estado com um homem, como falavam. Ele estava certo agora de que nunca estivera mesmo. Mas ele se perguntou por que Rachel falaria mal da irmã para ele. Talvez fosse como Ivy havia dito - sua irmã queria que ele ficasse de fora da leitura do testamento. Pobre Ivy. Ela nunca conseguiria um centavo se Rachel estivesse no seu caminho.

- Você parece muito sombrio - Merrie observou.

- Ivy deveria ter ficado com a casa pelo menos - ele disse, traindo a linha dos seus pensamentos.

- Ela não poderia viver lá, mesmo se tivesse herdado - ela disse a ele - Não há dinheiro para utilidades ou guarnições. Ela mal consegue se manter na escola e pagar o aluguel.

Os olhos dele se estreitaram.

- Nós podíamos pagar para ela.

- Eu tentei - Merrie replicou - Ivy é orgulhosa. Ela não aceita nenhum tipo de caridade.

- Por isso ela trabalha noites e finais de semana para complementar a quantia vergonhosa de dinheiro que a tia deixou para ela - ele grunhiu - Pelo menos um desses mecânicos para quem ela entrega livros é casado e adora correr atrás de mulheres jovens.

- Ele convidou Ivy para sair - Merrie replicou.

Ele pareceu ainda mais furioso.

- E...?

- Ela acidentalmente derrubou um martelo no pé dele - Merrie gargalhou - Ele mancou por uma semana, mas ele nunca mais convidou Ivy de novo. Os outros homens se divertiram muito com a situação.

Ele sentiu uma relutante admiração pela convidada. Se ela fosse mais velha, com certeza o seu interesse teria outra forma. Mas ele tinha que lembrar sua idade.

- Rachel ligou para ela hoje sobre o testamento - ela disse devagar - Eu acho que é por isso que ela teve a enxaqueca. Rachel a preocupa muito.

- Ela precisa aprender a deixar a irmã em paz.

- Ivy não é assim. Ela ama Rachel, apesar do modo como a irmã a trata. Ela não tem nenhum outro parente vivo. Deve ser solitário para ela.

- Ela vai sobreviver. Ela tem que sobreviver - ele emendou - Eu vou para a cama. Provavelmente eu não vou ter ver antes de partir. Eu volto na segunda. Você pode me encontrar no celular se algo importante acontecer.

- Chayce cuida do rancho muito bem. Eu espero que nós nos ajeitemos - ela disse, sorrindo - Divirta-se.

- Tentarei - ele disse - Até logo.

- Até logo.

Ele voltou ao seu quarto e fechou a porta. Ele tinha que afastar Ivy da cabeça e não deixar a história se repetir. Talvez não fosse mal ser fotografado ao lado de uma bela socialite. Ele não gostava de publicidade, mas ele não poderia deixar Ivy se entusiasmar com ele.

Ele recordou relutante do dossiê que um detetive particular tinha conseguido sobre o pai de Ivy. Ele havia sido um alcoólatra abusivo para a ex mulher e para Ivy, embora nunca houvesse tocado Rachel. Ele gostaria de saber por que Ivy havia virado as costas a ele, quando o vira gritando com um dos cowboys. Ele nunca iria dizer a ela o que tinha aprendido. Mas ele tomava cuidado para não gritar quando ela estivesse por perto. Ainda assim, ela disse a si mesmo, ele tinha que desencorajá-la para que não o visse como um futuro. Seria ótimo matar essa atração antes que ela explodisse. Ela era muito nova para ele.

_

O resto do final de semana passou sem maiores incidentes. As duas mulheres trabalharam no exame de anatomia de Merrie. Elas assistiram filmes e dividiram os seus sonhos para o futuro. Na segunda de manhã, Merrie deixou Ivy no colégio local ao dirigir para San Antonio.

- Eu ligarei quando tiver outro final de semana livre, tudo bem? - Merrie prometeu quando partiram - Não deixe Rachel te enlouquecer, ok?

- Eu vou tentar - Ivy disse, sorrindo - Foi um final de semana maravilhoso. Obrigada.

- Eu me diverti também. Nós o repetiremos. Até logo!

- Até logo!

_

Ivy passou a semana inteira fantasiando com o que acontecera no quarto de hóspedes da casa de Merrie. Quanto mais ela tentava esquecer o tórrido interlúdio com Stuart, mais ela percebia a grande parte que ele possuía na vida dela. Através dos anos ela havia se tornado amiga de Merrie, e Stuart sempre estava por perto, mas reservado. Por causa da diferença de idade, ele não aparecia nos lugares que Ivy e Merrie freqüentavam. Ele já era um homem maduro enquanto elas ainda estavam no colegial.

Mas agora, depois do beijo duro e insistente, tudo havia mudado. Ivy sonhava com ele agora; sonhos quentes, fervorosos e embaraçosos, de um futuro que se recusava a ir embora. Ele certamente sentia algo por ela, mesmo que fosse apenas desejo. Ele a queria. E ela também o queria muito. Era um marco na sua jovem vida.

Mas no final da semana, enquanto esperava na fila da loja de doces para pagar sua conta, olhou um dos tablóides de fofoca. E lá estava Stuart, com uma mulher jovem, provocante e bonita parada ao seu lado, que olhava para ele sonhadora. O artigo dizia, criador de gado milionário do Texas doa terras para projeto histórico. Aparentemente, a mulher na foto era a filha de um homem de negócios proeminente, que era a cabeça do projeto em questão. Ela era formada em uma igualmente proeminente faculdade do leste. O artigo falava sobre um possível caso entre o milionário e a socialite, mas ambos diziam que os rumores eram prematuros.

O coração de Ivy trincou como gelo. Aparentemente Stuart não estava tão cativado por ela como ela estava por ele, e agora ele tornava isso publico. Ela não tinha ilusões de que a história fosse um acidente. Stuart conhecia pessoas de todos os tipos de vida, e com certeza conhecia publicadores entre o seu circulo de amigos. Ele queria que Ivy soubesse que não a levava a sério. Ele havia escolhido um jeito publico e humilhante para isso, para ter certeza que ela entenderia. E ela entendeu.

Merrie ligou para saber se ela tinha visto o jornal.

- Oh, sim - ela respondeu, o tom gelado.

- Eu não entendo porque ele deixou se usar desse jeito - Merrie murmurou irritada. Era óbvio que ela não sabia nada sobre o que tinha acontecido entre o irmão e a melhor amiga, ou então ela teria contado. Ela nunca segurava a língua.

- Mesmo as pessoas mais reclusas podem ser vitimas de um repórter determinado - Ivy disse em defesa dele - Talvez o fotógrafo o tenha pegado em um momento débil.

- Talvez ele esteja oferecendo o ombro publicamente a uma mulher que o está confortando, também - Merrie disse inocentemente - Seria a cara dele. Mas não havia ninguém em sua vida recentemente. Ninguém regular, eu quero dizer. Eu tenho certeza que ele sai com mulheres. Ele apenas não quer nada sério com elas.

- Como você foi na prova? - Ivy perguntou, deliberantemente mudando o assunto.

- Na verdade, eu fui muito bem, graças a você - Merrie agradeceu.

- Não foi nada - Ivy respondeu - Você pode fazer o mesmo por mim nos meus exames finais.

- Isso não acontecerá tão cedo. Você vem esse final de semana?

Ivy pensou rápido.

- Merrie, eu prometi a minha colega de quarto que iria até Dallas com ela para ver sua mãe. Ela não gosta de dirigir tão longe sozinha.

Não era verdade. Lita havia a chamado para ir, e Ivy havia prometido pensar no assunto. Agora, ela tinha certeza que concordaria.

- É legal da sua parte fazer isso - houve uma pausa - Eu não vou poder vir muito para casa, já que me ofereceram um emprego no hospital daqui. Eu vou trabalhar doze horas por dia durante quatro dias da semana, e muitos deles serão no final de semana.

- Eu entendo. Ivy disse rápido, agradecida por não ter que inventar muitas desculpas para não ver Stuart de novo - Quando eu me formar, eu vou trabalhar para mim mesma. Mas quando eu puder comprar um carro, eu posso dirigir até aí para vê-la e nós poderemos assistir um filme ou sair para comer algo.

- Claro que sim - houve uma pausa - Ivy, algo está errado?

- Não - ela respondeu - O advogado está pronto para conversar sobre o testamento de papai com Rachel. Eu terei uma quantia fixa todo mês. Talvez Rachel me deixe em paz agora.

- Eu espero que sim. Por favor, mantenha contato - Merrie disse.

- Eu mantereí - Ivy concordou. Mas ela cruzou os dedos. Era óbvio que ela precisava encontrar uma maneira de evitar Stuart de agora em diante. Ela não podia deixar o coração bater por ele de novo, especialmente agora que ele deixara os próprios sentimentos tão brutalmente claros. Ela sentiria falta de Merrie, mas o risco era muito grande. Corações partidos, ela assegurou a si mesma, eram melhores se fossem evitados.

Capítulo 4

Dois anos depois...

- Ivy, você gostaria de uma xícara de café enquanto trabalha? - seu último cliente perguntou da porta do escritório onde ela estava fazendo cheques e balanços de sua conta bancária.

Ela desviou os olhos do trabalho, sorrindo, o cabelo loiro cuidadosamente arrumado no topo da cabeça. Os olhos verdes piscaram.

- Eu adoraria, se não for muito trabalho - ela disse.

Marcella sorriu de volta.

- Eu acabei de fazer uma garrafa. Já vou buscar.

- Obrigada.

- Não tem problema, você sabe. Você me salvou da falência.

- Na verdade, não. Eu só descobri que você tinha mais dinheiro do que pensava - ela respondeu.

A velha mulher soluçou.

- Você diz da sua maneira, eu digo da minha. Vou buscar o café.

Ivy contemplou o belo escritório que ela estava usando e o progresso maravilhoso que havia conseguido nesses dois anos desde o desastrosos fim de semana na casa de Merrie. Ela havia sido capaz de deixar o emprego de meio período na garagem quando Dorie Hart lhe oferecera um emprego, junto com os clientes. Dorie havia apreciado seu trabalho, e ela continuara trabalhando mesmo após o seu casamento com Corrigan Hart. Mas sua família crescente a ocupava muito para continuar. Ivy havia sido um presente do céu, Dorie dissera a ela sorrindo. Agora ela deixaria seus clientes em boas mãos e poderia se aposentar com a consciência tranqüila.

Dorie possuía clientes incríveis. Havia o dono de uma boutique, um arquiteto construtor, o dono de um açougue, um personal trainer e mais ou menos uma dúzia de outros negócios pequenos em Jacobsville. Ivy havia conhecido as pessoas quando estava no último semestre da faculdade, quando Dorie havia lhe feito a proposta. Dorie e Lita, que dividia o carro com Ivy, eram amigas. Lita havia mencionado os dotes de Ivy à Dorie havia ido lhe visitar em casa. Fora um incrível golpe de boa sorte. Ivy havia se resignado a trabalhar como secretária em uma empresa. Agora ela era uma mulher de negócios em seus próprios termos.

E como se isso já não fosse suficiente, ela também se tornou voluntária para fazer o artigo para a Associação dos criadores de gado do distrito de Jacobsville no seu tempo livre. Ela fizera isso como um favor aos Hart, já que Corrigan era o presidente do ano, mas eles não sabiam disso. Ela ganhava um cheque por tudo que fazia. Como a sua matemática, seu inglês também era muito bom.

Merrie era enfermeira em um grande hospital em San Antonio. As duas se falavam no telefone pelo menos duas vezes por mês, mas elas eram muito ocupadas para se encontrar. Ivy nunca havia dito à amiga o que acontecera na última noite que ela passara sobre o teto de Stuart. Ela nunca mais perguntou sobre Stuart também. Merrie parecia saber que algo ruim havia acontecido, mas não perguntava. Ela tão pouco falava sobre o irmão.

O outono chegou e projetou um tom dourado e escarlate sobre as folhas. Ivy se sentiu agitada, como se algo estivesse para mudar em sua vida. Ela fez seu trabalho e tentara não pensar em Stuart York, mas em sua mente sempre estava o medo de algo não visto e não ouvido. Uma premonição.

Havia uma festa para beneficiar um abrigo local para animais, que Shelby Jacobs havia organizado. Ivy não ia, mas o xerife Hayes Carson estava no comitê que havia planejado a festa, e ele estava demonstrando um interesse crescente por Ivy.

Ela não sabia se gostava disso ou não. Ela gostava de Hayes, mas o coração não disparava quando ele estava por perto. Talvez isso fosse uma coisa boa.

Quando ela chegara tarde sexta-feira na sua casa, ela sentou na varanda com ele. Seu quarto continha pouco mais que uma cama e uma mesinha, e ela se sentia desconfortável em levar um homem lá. Hayes parecia saber daquilo, porque ele sentara no sofá sem hesitação.

- Nós faremos o baile beneficente na próxima sexta - ele disse - Venha comigo.

Ela riu nervosamente.

- Hayes eu não danço há anos. Eu nem sei se me lembro como se faz.

Os olhos escuros brilharam.

- Eu te ensinarei.

Ela olhou para ele com os lábios apertados. Ele realmente era belo. Ele tinha cabelo loiro curto, que o sol havia escurecido, e um rosto sério, magro. Seus olhos eram profundos, levemente castanhos. Seu uniforme enfatizava o físico musculoso. Ele era como um cowboy de rodeio, alto, com ombros largos, quadris estreitos e pernas longas e poderosas. Muitas mulheres em Jacobsville haviam tentado namorá-lo. Nenhuma teve sucesso. Ele era o típico solteirão. Ele parecia imune às mulheres. A maior parte do tempo, ela parecia não ter nenhum senso de humor. Ele raramente sorria. Mas ele era charmoso quando queria, e ele estava sendo agora.

Ivy não era convidada para sair a meses, e o homem que a convidara tinha uma reputação que até Merrie conhecia, e Merrie não morava mais em casa.

Havendo diminuído o risco potencial, Ivy fechou-se em casa. Agora Hayes a estava convidando para dançar. Ela andava com jeans. Ela parecia e agia como um garoto. Ela estremeceu.

- Vamos - ele insistiu - Tanto trabalho e nenhuma diversão vai te deixar louca.

- Você deve saber - ela devolveu - Você não teve suas últimas férias quatro anos atrás?

Ele suspirou profundamente.

- Eu acho que sim. Eu amo meu trabalho.

- Todos nós percebemos - ela disse - Entre você e Cash Grier, os contrabandistas de drogas deixaram trilhas de fogo atrás deles ao correr para a fronteira.

- Nós temos um grande poder de persuasão - ele teve que admitir - O que está lhe segurando? Mantendo uma paixão secreta por alguém das redondezas?

Ela riu. Era meia verdade, mas ela não ia admitir.

- Na verdade, não - ela disse - Mas eu não estou acostumada com festas. Não ia nem mesmo na faculdade.

Ele suspirou.

- Eu sei por que você não namora Ivy - ele disse inesperadamente - Você não pode viver no passado. E nem todo homem é como seu pai.

Sua expressão fechou. As mãos apertaram-se no colo. Ela olhou para o horizonte, tentando não deixar as memórias lhe perturbarem.

- Minha mãe dizia que no começo ela achava que ele era um perfeito cavalheiro antes deles se casarem. Então ela descobriu como ele era realmente brutal. Ela estava grávida, e não tinha lugar para ir.

Ele segurou uma das pequenas mãos nas suas.

- Ele era um nômade - ele a lembrou - Ele se mudou daqui para Nevada. Ninguém sabia muito sobre ele. Mas você conhece as pessoas em Jacobsville - ele torceu os lábios

- Eu posso deduzir que você sabe tudo sobre mim.

O tom divertido a fez gargalhar.

- Bem, sim, eu sei. Todos sabem. A única coisa brutal sobre você é seu temperamento, e você não bate nas pessoas a menos que elas batam em você primeiro.

- Com certeza. Então você estaria completamente segura comigo por uma noite.

Ela suspirou.

- É difícil argumentar com você.

- Você vai se divertir. Assim como eu. Vamos - ele insistiu - Nós vamos ajudar o abrigo de animais e dar um motivo para as pessoas fofocarem.

- Seria divertido - ela acrescentou - Você não namora ninguém das redondezas.

Ele grunhiu.

- Eu adoro a minha companhia. Além disso - ele disse sarcástico - Há o Andy. Ele controla minha vida social.

Ela arregalou os olhos.

- Eu não vou à sua casa - ela apontou.

- Eu sei. Eu não encontrei uma mulher solteira que irá - ele suspirou resignado - Ele é muito manso. Ele é vegetariano. Não comeria nem um rato.

- Não vai funcionar. Seu colega de quarto vai deixar você solteiro, que nem fez com Cag Hart.

- Eu o tenho há seis anos - ele disse - É meu único animal de estimação.

- Ainda bem. Ele comeria qualquer outro animal que você trouxesse para casa.

Ele franziu a sobrancelha.

- Ele é vegetariano.

- Tem certeza? Nenhum cachorro ou gato sumiu de sua casa desde que você o trouxe? - ela provocou.

Ele a encarou bravo.

- É ridículo ter medo de algo vegetariano. É como ter medo de uma vaca.

As sobranceiras dela arquearam.

- Andy não parece com nenhuma vaca que eu já vi - ela retorquiu - A foto dele estava na capa do jornal quando você o levou até a classe do terceiro ano para ensiná-los sobre répteis. Eu ouvi falar sobre uma proibição de você ir à sala de aulas...?

Ele olhou-a ameaçadoramente.

- Ele não estava tentando atacar a garota. Ela era a criança mais alta da sala, e ele tentou escalá-la, é tudo.

Ela teve que conter o riso.

- Eu aposto que você nunca mais vai tirá-lo da jaula em uma escola de novo - ela disse.

- Pode apostar nisso - ele concordou. Ele franziu a testa pensativo - Eu acho que ele terá medo de meninas pequenas pelo resto de sua vida, coitadinho.

Ela balançou a cabeça.

- Bem, eu não entrarei em sua casa a menos que ele esteja preso.

- Ele odeia jaulas. Ele é muito grande para a maioria delas. Além disso, ele senta no alto da geladeira e come insetos.

- Você precisa sair mais - ela afirmou.

- Eu estou tentando, basta você concordar - ele devolveu.

Ela suspirou.

- Tudo bem. Eu vou. Mas as pessoas vão fofocar sobre nós por várias semanas.

- Não importa. Eu sou imune a fofocas, e você também - ele acrescentou quando ela começou a protestar.

- Acho que sim. Ok. Eu vou. Jeans e botas né?

- Não - ele replicou - Lindo vestido e salto alto.

- Eu odeio isso - ela murmurou.

- Eu também. Mas eu posso tolerar se você concordar. E além do mais, é por uma boa causa - ele acrescentou.

- Sim, é.

- Então, eu virei te buscar as seis na próxima sexta.

Ela sorriu.

- Eu vou comprar um vestido.

- Esse é o espírito.

_

Logo se espalhou pela cidade a novidade que ela iria ao baile com Hayes. Ninguém sabia como a fofoca havia se espalhado tão rápido, mas era tão previsível quanto o ritmo do tráfego na hora do rush.

Até Merrie ficou sabendo, embora Ivy não tivesse idéia de como. Ela ligou para a melhor amiga dois dias antes do baile.

- Hayes convidou você para sair? - Merrie exclamou - Mas ele não namora ninguém! Pelo menos, não namorou ninguém desde a garota Jones que o chutou pelo milionário Aussie.

- Isso foi há dois anos - Ivy concordou - E eu acho que ele ainda não a superou. Nós só vamos ao baile Merrie. Ele não me pediu em casamento.

- Você nunca sabe, não é? - a outra garota respirou alto - Ele deve estar se sentindo sozinho. Ele ama crianças.

- Vá devagar - Ivy exclamou - Eu não quero me casar, assim como Hayes.

- Por que não?

- Eu gosto de viver sozinha - ela disse evasiva - De qualquer modo, eu acho que Hayes não conhece muitas mulheres solteiras.

- Existem muitas divorciadas por aí - veio a resposta seca.

- O baile vai beneficiar o abrigo de animais - Ivy disse a ela - Vai acrescentar novos canis. Nós temos tantos animais desgarrados. É lamentável.

- Eu gosto de animais também, mas Hayes não lhe convidou para sair por causa dos cachorros de rua, pode ter certeza. Talvez ele vá sair com você para deter alguma mulher que o está perseguindo. É o tipo de coisa que meu irmão faz.

- Seu irmão é melhor nisso do que Hayes - Ivy disse, evitando pensar em Stuart. Ela já não o via há muito tempo.

- Bem, claro que é. Ele tem muita prática - houve um suspiro - Exceto que ele não namora ninguém há tempos. Eu perguntei por que e ele disse que não era mais divertido. Se eu não o conhecesse, eu diria que ele encontrou alguém com quem quer algo sério.

- É difícil - Ivy disse, mas se perguntou se Merrie estava certa. Isso a deixou triste.

- Difícil, mas não impossível. Eu acho que ele também vai ao baile - ela disse repentinamente - Eu posso arrumar alguém para ficar no meu turno. Todo mundo me deve favores.

- Você vai vir com quem?

- Eu vou sozinha - Merrie respondeu - Eu não preciso de um par. Mas diga a Hayes para me guardar uma dança.

Ivy riu.

- Ele pode levar nós duas. Isso vai chocar as pessoas do condado. Eles vão pensar que ele está promovendo algum tipo de namoro duplo.

Merrie riu também.

- Eu era interessada em Hayes quando nós estávamos no colegial, mas ele nem me via. Foi quando ele se apaixonou pela megera que o deixou por Aussie. Ele mereceu. Todos podiam ver que ela era uma caçadora de ouro.

- Hayes possui seu próprio rancho - ela começou.

- E ele herdou algumas coisas do avô - Merrie concordou - Mas Hayes não é do tipo que vive de algo que não é seu. Ele é igual Stuart. Ambos são independentes.

- Que nem você - Ivy acusou.

Ela riu.

- Acho que sim.

- Como você se sente como enfermeira?

- Eu adoro - Merrie disse honestamente - Eu nunca gostei tanto de algo. Eu adoro saber que ajudo a manter as pessoas vivas. É o melhor emprego no mundo inteiro.

- Merrie você trabalha todo dia com pessoas doentes - Ivy lembrou.

- Pessoas doentes? Eu? Tem certeza?

- Você trabalha em um hospital - Ivy lembrou.

- Você está brincando? Eu nem percebi que havia pessoas doentes por todo lugar.

Ivy riu.

- Ok, você venceu. Você está no lugar certo. Estou feliz por você gostar do seu emprego. Você pode não acreditar, mas eu também adoro o meu. Eu estou trabalhando com pessoas muito interessantes.

- Eu acredito - Merrie replicou - Fico feliz se você está feliz. Mas falando de coisas boas, você tem falado com Rachel?

O sorriso de Ivy desmoronou. Ela respirou fundo.

- Na verdade, não. Nada em dois meses. Da ultima vez, ela estava tentando se livrar de Jerry, o contrabandista, para encontrar outro homem mais rico. Ela não me disse o nome dele. Ela mencionou que ele era casado.

- Casado? Por que isso não me surpreende?

- Eu quase nem entendi o que ela disse - Ivy disse - Ela tinha a língua tão enrolada que era incoerente. Eu não consigo imaginar o que um homem rico pode ver em uma mulher que está bêbada o tempo todo. Como ela ainda consegue atuar nessas condições é um mistério para mim.

- Já que ela está te deixando em paz, isso deve ser um bônus.

- Eu concordo. Eu me preocupo com ela. Ela é o único parente vivo que eu tenho - ela acrescentou - Talvez o cara rico a afaste das drogas e de Jerry. A menos que sua esposa descubra - ela grunhiu - É o que levaria Rachel ao fundo do poço. Eu tenho certeza que ela se convenceu de que ele irá se divorciar da esposa para ficar com ela. O que eu não acredito que aconteça.

- A maioria não faz - Merrie concordou - Ela brigou com o traficante?

- Não tenho idéia. Mas pelo que entendi, ela acha que pousou em um campo de sorte. O cara compra diamantes para ela.

- Eu não vou perguntar o que ela dá em troca.

Ivy corou.

- Nem eu.

- Bem, eu te vejo no baile. Onde será, e quando?

Ivy lhe deu as direções, mas estava deprimida ao desligar. E se Rachel estivesse envolvida com alguém conhecido e a esposa descobrisse e espalhasse para a imprensa? Rachel era fria, controladora, e sem compaixão. Mas era fraca em todos os outros sentidos. Um escândalo a levaria ao fundo do poço. Não havia como dizer o que ela poderia fazer.

Algo incomum havia acontecido na ultima conversa das duas. Rachel havia pedido que ela desse um recado ao dono da única padaria da cidade, a Pão Doce. Não havia feito sentido para Ivy, algo sobre uma entrega de farinha que não havia chegado no prazo previsto. Ela queria saber por que Rachel estava envolvida com uma padaria. Rachel dissera que era um amigo que precisava receber o aviso.

A conversa havia sido fútil, pois havia algo que ela não contara à Merrie. Rachel havia mencionado o ultimato que havia dado ao amante rico, ou ele se divorciava ou o caso se tornaria publico. Ivy havia insistido para que ela não fizesse isso, porque se o homem fosse muito rico, sua mulher poderia contratar alguém para machucá-la. Rachel gargalhara, dizendo que a mulher era um peixe morto que não era lúcida, e não apresentava nenhum risco. Mas caso aquilo fracassasse, ela disse, ela arrumaria outro modo de ganhar dinheiro. Ela provocara Ivy com a sua nova forma de riqueza, ironizando que Ivy não arrumaria um homem mesmo se tivesse milhões. Ivy não se importou. Ela estava cansada do sarcasmo de Rachel.

Elas haviam se separado em maus termos. Rachel a havia acusado de ser invejosa. Ela nunca havia conseguido a atenção que Rachel tinha, nem mesmo de seu pai. Ivy era apenas uma fracassada, Rachel dissera, e ela nunca seria nada mais que uma empregada. Ivy concordara que Rachel obtivera mais atenção em casa, pois mentira ao pai sobre Ivy e deixara que ela tivesse a punição que o pai achava apropriada por seus pecados.

Rachel soara chocada com a descrição da idéia de punição do pai. Ivy estava mentindo, ela havia acusado. O velho homem não possuía nenhuma característica violenta. Ele amava Rachel, Ivy lembrou a irmã amargamente. Ivy era somente a empregada, e quanto mais Rachel a denunciava, mais critico e bravo ele ficava.

Por alguns segundos, Rachel soara arrependida. Mas o momento passou, assim como os raros momentos de simpatia também passavam. Rachel desligou abruptamente, anunciando que seu amante estava na porta.

Ivy desligou o telefone e percebeu que estava tremendo. Relembrar os dias que Rachel passara em casa a deixavam infeliz. Suas lembranças eram terríveis.

_

Ela fora comprar um vestido, mas a dona da boutique onde ela era contadora insistiu em emprestar um que ela própria desenhara para o encontro.

- É a minha criação nova - Marcella Black insistiu - e do seu tamanho. Além disso, é do mesmo tom de verde que os seus olhos. Venha as cinco, e eu irei ajudá-la com o cabelo e a maquiagem também. Sem argumentos. Você será uma princesa dos contos de fada na sexta à noite.

- Vou me transformar no sapo quando der meia-noite - Ivy fungou.

- Impossível.

- Tudo bem. Eu virei as cinco na sexta. E obrigada Marcella, de verdade.

A velha mulher apertou seu nariz afetuosamente.

- Apenas diga a todos quem fez seu vestido, e nós estaremos quites.

- Pode apostar que eu direi.

_

Hayes não estava vestindo seu uniforme. Ele vestia um terno escuro com uma camisa branca e uma gravata azul. Seus sapatos eram tão brilhantes que refletiam a luz da varanda da casa da Senhora Brown.

Ivy havia acabado de chegar no seu VW pequeno e usado que havia comprado e aprendera a dirigir dois anos atrás da boutique de Marcella, onde fora vestida o longo cabelo loiro fora posto em um coque. Ela havia se maquiado o suficiente para ficar sensacional. Ela ficou chocada com os resultados. Ela nunca havia tentado parecer bonita. O espelho dizia que os esforços valeram a pena.

Hayes lhe lançou um olhar longo e apreciativo.

- Você está adorável - ele disse baixo. Ele pegou um pacote plástico com uma orquídea dentro. Ele a ofereceu com um pequeno soluço - Ela disse que as mulheres a usam no pulso hoje em dia.

- Sim - ela disse - Assim elas não esmagam quando a gente dança. Não precisava, Hayes - ela disse, pegando a orquídea da caixa - Mas obrigada. É linda.

- Eu achei que você gostaria. Pronta para ir?

Ela concordou, fechando a porta atrás dela, Ela tinha uma pequena bolsa de noite que Marcella havia emprestado com o vestido. Ela realmente se sentia como a Cinderela.

_

O centro comunitário estava cheio com os cidadãos apoiando o abrigo de animais. Dois dos veterinários que eram voluntários na clínica animal estavam lá com suas esposas, e a maioria dos líderes de Jacobsville estavam lá. Justin e Shelby Ballenger foram com os três filhos. O mais velho estava trabalhando com Justin durante o verão e estudando como veterinário no resto do ano. Os outros dois garotos ainda estavam no colegial, mas prontos para se formar. Os três pareciam com o pai, embora o mais novo tivesse os olhos azuis de Shelby. Os irmãos Tremayne e os rapazes Hart vieram com suas esposas. Micah Steele e sua Callie também foram, assim como os doutores Coltrain, Lou e seu marido Copper. J. D. Langley e Fay, Matt Caldwell e sua mulher Leslie, Cash Grier e sua Tippy também andavam entre a multidão. Ivy encontrou Judd Dunn e sua mulher, Christabel, em uma esquina, parecendo tão apaixonados como quando se casaram.

- Não é incrível como o salão consegue suportar todas essas pessoas? - Hayes perguntou enquanto ajudava Ivy a subir os degraus da imensa estrutura de madeira.

- Realmente. Eu tenho certeza que eles irão construir um canil inteiro com o que conseguiram hoje à noite.

Ele sorriu para ela.

- Eu não tenho dúvidas.

Eles encontraram outro casal, Willie Carr e a esposa, que eram donos da padaria. Então ela se lembrou da estranha mensagem que tinha que dar a ele.

- Willie, Rachel me pediu para lhe dizer algo - ela disse, arqueando as sobrancelhas enquanto tentava lembrar o que era exatamente.

Willie, alto e moreno, parecia desconfortável. Ele riu.

- Por que Rachel me mandaria um recado? Ele perguntou, olhando a mulher - Eu não estou lhe enganando, querida, honestamente.

- Oh, não, não era esse tipo de recado - Ivy disse rápido - Era algo sobre um carregamento de farinha que você estava esperando e não chegou.

Willie clareou a garganta.

- Eu não sei nada sobre nenhuma entrega de farinha que iria para Nova York, Ivy - ele assegurou - Rachel deve estar querendo avisar outra pessoa.

- Sim, eu acho que sim. Desculpe - ela disse com um sorriso tímido - Ela anda meio incoerente nos últimos tempos.

- Eu diria que sim, já que ela está me mandando recados sobre farinha! - Willie concordou. Ele olhou para ela e então para Hayes, então levou a mulher de volta para a pista de dança.

Hayes pegou sua mão e a puxou para o lado.

- Sobre que carregamento de farinha Rachel falou? Ele perguntou de repente, e não estava sorrindo.

- Eu não sei. Ela apenas mandou a dizer a Willie que estava faltando um. Ela nem mesmo come doces...

- Faz quanto tempo que ela mandou dar o recado para Willie? - ele persistiu.

- Dois dias atrás - Ela arqueou a sobrancelha - Por quê?

Hayes a pegou pela mão e levou até onde estavam Cash Grier e sua lindíssima mulher de cabelos ruivos, Tippy.

- Como vão? - Cash os cumprimentou, estendendo a mão para Hayes.

Hayes se aproximou.

- Rachel mandou um recado a Willie - ele balançou a cabeça em direção a Willie, que estava nervoso com a atenção que estava recebendo - um recado.

Cash prestou atenção - Que recado?

Hayes pediu que Ivy o repetisse.

- Código? - Cash perguntou a Hayes.

O outro homem concordou.

- Ivy recebeu o recado dois dias atrás.

Os olhos de Cash brilharam.

- Que coincidência.

- Sim.

- O que prova a conexão que nós estávamos discutindo mais cedo - ele virou para Ivy - Se sua irmã mandar mais alguma mensagem para Willie, ou qualquer outro, por você, avise Hayes, ok?

Ela estava perdida.

- Rachel está envolvida em algo, não está?

- Não necessariamente - ele disse - Mas nós acreditamos que ela conhece alguém que está. Não lhe diga nada também.

Ivy concordou.

- Eu não sou fofqueira - ela corou - Rachel está envolvida com algum homem rico, e está tentando se afastar de seu namorado, que vende drogas. O homem rico é casado. Eu tenho medo que tudo acabe mal.

- Pessoas que se envolvem com drogas geralmente acabam mal - Hayes disse sombrio.

- Sim - Ivy teve que concordar. Ela sorriu para Tippy, que estava usando um vestido verde e branco feito de seda e chiffon - Você está adorável.

- Obrigada - Tippy respondeu, sorrindo - Você também, Ivy. Marcella fez meu vestido, você sabe. Ela fez o seu também, não fez?

Ivy concordou, sorrindo.

- Ela é demais.

- Eu também acho - Tippy concordou - Eu enviei fotos de seus trabalhos para alguns amigos de Nova York. Não diga nada. É uma surpresa.

- Se der certo, ela vai ficar tão entusiasmada. Foi muito gentil da sua parte.

Tippy ignorou o cumprimento.

- Ela é muito talentosa, merece o mérito.

- Bem, eu vim aqui para dançar - Hayes disse segurando a mão de Ivy.

Cash torceu os lábios.

- Verdade?

- Eu sei que não estou no seu nível, Grier - Hayes disse brincalhão - Mas eu posso dançar a Macarena, se nós conseguirmos alguém para tocar.

- Pode mesmo? - Cash soluçou - Que estranha coincidência, eu também. E eu ensinei a ela - ele indicou Tippy.

- Neste caso - disse Hayes sorrindo - Que vença o melhor xerife.

E saiu para falar com o vocalista da banda.

A banda parou de repente, os membros conversaram e todos começaram a rir quando Hayes voltou para colocar os braços ao redor de Ivy.

- Um, dois, três, quarto - o vocalista contou, e a banda começou a Macarena.

Ivy conhecia os passos, pois assistira um numero de pessoas importantes dançando na televisão anos atrás. Ela não era a única que lembrava. A pista de dança encheu com pessoas sorridentes.

Hayes fazia os movimentos rápidos de mão com esperteza, rindo tanto quanto Ivy. Eles chegaram ao segundo refrão e Ivy quase caiu nos braços fortes de Hayes, descansando a bochecha contra seu peito.

- Eu estou fora de forma - ela exclamou ofegante - Eu preciso sair mais!

- Era o que eu estava pensando - ele disse, sorrindo para ela.

Ivy resolveu olhar para a porta de entrada naquele momento. Seu olhar encontrou um par de olhos azuis que brilhavam como o enrolar de uma cascavel. O coração de Ivy parou de bater assim que Stuart York lhe lançou um olhar que poderia derreter todo o gelo do Alasca.

Capítulo 5

Ivy nunca havia visto aquela expressão nos olhos de Stuart, e ela estava pasma com a fúria que viu neles. Atrás dele, Merrie também a observava com Hayes, e embora sorrisse, parecia chocada.

Os dois York se moveram através da multidão, parando para cumprimentar as pessoas até chegarem perto de Ivy e Hayes, que foram separados por eles. Ivy olhou desamparada para Stuart. Havia muito tempo que ela não o via. Ela sabia que ele a vinha evitando desde o inesperado e explosivo interlúdio da ultima noite que passara na casa de Merrie, há mais de dois anos atrás.

Se ela tinha consciência, ele não. Os olhos claros estavam estreitos, brilhantes, perigosos quando encontraram os dela.

- Eu pensei que você não dançasse Hayes - Merrie disse. Ela estava sorrindo, mas parecia doente.

- Oficialmente, não - ele concordou, sorrindo de volta - Mas posso fazer de vez em quando.

- Nós todos estamos aqui para ajudar o abrigo de animais local - Ivy disse a Merrie - Pela multidão presente, eles terminaram a noite com muitas doações.

- Eu mando um cheque a eles todo ano - Stuart disse curto.

- Vocês dois vieram juntos? - Hayes perguntou curioso.

- Nós dois teríamos uma noite triste hoje - Merrie disse - Eu arrumei alguém para me cobrir no hospital. Eu vim porque sabia que Ivy estaria aqui. Faz tanto tempo que não a vejo!

Ivy estava perplexa. Ela se perguntou por que Merrie parecia tão aborrecida.

- Eu nunca acreditei que você seria uma enfermeira - Hayes disse a Merrie com um sorriso largo - Eu ainda lembro-me de você desmaiando quando nós tivemos que curar uma ferida naquele cavalo velho que você costumava cavalgar.

- Eu queria esquecer - Merrie grunhiu - Não teria sido tão ruim, se não fosse o lugar onde eu caí.

- Era o único esterco fresco do lugar - Stuart acrescentou com um soluço - Eu juro que ela tomou três banhos aquele dia para se livrar do cheiro.

A banda começou novamente, desta vez um ritmo devagar e sonhador. Hayes olhou para Merrie.

- Quer dançar?

Ela hesitou.

- Vá em frente - Ivy persuadiu-a, sorrindo.

Merrie relaxou um pouco e deixou Hayes segurar sua mão. Ele a conduziu até a pista de dança em um passo preguiçoso. Era a imaginação de Ivy, ou Merrie parecia ter pousado no paraíso, estreitada nos braços fortes de Hayes Carson?

- Você dança, Mr. York? - Tippy perguntou.

Ele balançou a cabeça, colocando as mãos nos bolsos.

- Infelizmente não.

Ela sorriu.

- Nem eu. Pelo menos, não muito bem. Mas eu estou aprendendo.

Cash a puxou para seu lado.

- Sim, está mesmo, querida - ele disse afetuosamente - Vamos. Nós podemos treinar um pouco. Vejo vocês dois mais tarde - ele acrescentou.

Era a primeira vez em dois anos que Ivy ficava sozinha com Stuart. Ela estava assustada e demonstrou.

Ele virou e olhou para ela deliberadamente, os olhos claros estreitos e perscrutadores.

- Eu gosto do vestido - ele disse, a voz lenta e profunda.

- Obrigada - ela disse, consciente do modo que ele a estava olhando - Eu sou contadora da dona de uma boutique. É um modelo que ela pretender vender.

- Então, você é, digamos, manequim vivo? - ele perguntou.

- Acho que sim - ela sorriu.

Ele olhou a irmã dançando com Hayes.

- Ela era apaixonada por ele - ele disse repentinamente - Eu fiquei grato por ela superar. Hayes aproveita as oportunidades. Ele esteve em duas batalhas serias desde que se tornou xerife. Ele quase não escapou a última. Ela não funcionaria como esposa de um homem da lei.

- Ela funcionou como enfermeira - ela lembrou.

- Sim, bem, pacientes vão para casa quando estão curados. Mas a esposa de um homem da lei espera por horas, esperando que eles cheguem salvos - ele olhou para ela - Esta é a diferença.

Ela sentiu-se mal quando lembrou o modo como Merrie a olhara quando Hayes a chamara para dançar, como se ela houvesse invadido a propriedade de alguém. Considerando a atitude de Stuart, não seria estranho se Merrie estivesse escondendo seu interesse por Hayes. Stuart gostava dele, mas dizia que ele era muito velho para sua irmã, sem mencionar estar em uma das mais perigosas profissões. Merrie idolatrava o irmão. Ela não o enfrentaria deliberadamente.

- Por que você está aqui com Hayes? - ele perguntou abruptamente.

Ela piscou com a surpresa da pergunta. Ela ia dizer que não era da conta dele. Mas não conseguiu. Ele tinha o ar de autoridade que sempre lhe abria as portas.

- Ele não queria vir sozinho, e nem eu - ela disse.

- Ele é liberal, e também solteiro - ele replicou.

- Você está querendo dizer algo? - ela perguntou.

Os olhos dele se estreitaram em seu rosto.

- Você irá fazer vinte e um logo.

Ela se surpreendeu por ele saber sua idade.

- Sim, eu suponho.

Ele não piscou.

- Merrie disse que você queria estudar ópera.

- Então ela também disse que eu não quero deixar Jacobsville - ela disse - Seria uma perda de tempo começar uma carreira que eu não quero.

- Você quer ser contadora de outras pessoas pelo resto da vida?

- Eu gosto de ser contadora. Você também deve lembrar que eu escrevo artigos para a Associação de criadores de gado local.

Ele não respondeu. Os olhos voltaram para a irmã, movendo preguiçosamente ao redor da pista de dança com Hayes. Depois de um minuto, sua mão abaixou e pegou a de Ivy. Ele a empurrou gentilmente até a pista de dança e deslizou os braços ao redor de sua cintura.

- Você disse que não dança - ele murmurou ofegante.

Ele deu de ombros.

- Eu menti.

Ele a puxou contra o corpo e moveu-se graciosamente, encostando a bochecha dela em seu peito. Seus braços se apertaram em volta dela, trazendo-a cada vez mais perto. Ela mal podia respirar. A proximidade era intoxicante. Isso trouxe de volta um doce interlúdio entre eles, muito tempo atrás. Provavelmente era um sonho e ela acordaria agarrando o travesseiro em sua cama. Então por que não aproveitar? Ela

fechou os olhos, e suspirou. Por um instante, ela podia jurar que sentiu o corpo alto estremecer.

Ela sentiu os lábios dele contra sua testa. Era o mais próximo do céu que já havia chegado.

Mas logo acabou. A música terminou e Stuart se afastou.

Ela se sentiu fria e vazia. Ela colocou os braços em volta do corpo e forçou uma felicidade que não sentia.

Stuart a observava insistente.

- Esse tom de verde combina com você - ele disse baixo - Combina com seus olhos.

Ela não sabia como respondeu o cumprimento vindo dele. Ela riu nervosamente.

- Combina?

Ele sorriu vagarosamente. Não era igual a qualquer um dos sorrisos que já recebera dele. Os olhos claros brilharam como diamantes, fazendo-o parecer mais jovem e menos serio. Ela sorriu de volta.

Merrie se juntou a eles, um estranho sorriso em seus lábios.

- Divertindo-se? - ela perguntou a Ivy.

- É uma dança muito legal - Ivy replicou, afastando os olhos de Stuart.

- É mesmo - Merrie concordou.

Hayes havia sido detido no meio da pista de dança por um sombrio Harley Fowler, que chamara Cash Grier para se juntar a eles. Hayes não aprovou a reunião, a decepção estampada em seu rosto.

- Nós fomos avisados sobre um carregamento de drogas que está chegando - ele disse baixo - Harley estava cuidando disso. Ele disse que eles possuem uma grande quantidade de cocaína. Eu tenho que ir. Nós estamos atrás deles faz meses, e é a primeira chance que nós conseguimos - ele olhou para Ivy - Eu posso chamar um dos meus subordinados para te levar em casa - ele começou.

- Nós podemos levá-la - Stuart disse - Sem problemas.

- Obrigada - Hayes disse. Ele observou Ivy - Nosso primeiro encontro e eu estraguei. Eu vou recompensar. Eu prometo.

- Eu não estou chateada Hayes - Ivy replicou - Vá fazer o seu trabalho. Haverão outros bailes.

- Você é muito gentil. Obrigado. Até logo, Merrie - ele acrescentou com uma piscadela, acenando para Stuart enquanto se dirigia à porta de entrada.

Merrie mordida o lábio superior, os olhos presos em Hayes enquanto ele partia. Ivy não disse uma palavra.

- Quer um pouco de ponche? - Ivy perguntou à amiga - Parece gostoso.

Merrie parecia divertida.

- Sim. Eu aposto que está gostoso mesmo. Mas eu quero falar com Shelby Ballenger antes de satisfazer minha vontade. Eu volto logo.

Ela foi em direção a Shelby. Ivy encheu dois copos com ponche e entregou um a Stuart.

Ele fez uma careta.

- É ponche tropical, não é? Eu odeio poncho tropical.

- Eles têm café também, se você preferir - Ivy comentou colocando o ponche de volta na mesa.

Os olhos dele encontraram os dela.

- Eu prefiro. Com creme. Sem açúcar.

Ela colocou café em um copo, acrescentando um pouco de creme. Ela entregou a ele, mas suas mãos se encontraram. Ele teve que colocar as suas em voltas das dela, para controlá-las.

- Está tudo bem - ele disse suavemente - Não tem o que temer.

Ela não entendeu o que estava acontecendo com ela. Ao sentir as mãos grandes e quentes dele ao redor das dela seu coração acelerou. Os olhos dele brilhantes, perscrutadores, perturbadores. Ela nunca tivera aquele tipo de reação com outro homem, e especialmente não desde a noite incrível quando ele a segurara e beijara como se não pudesse deixá-la partir. Isso havia perturbado seus sonhos por mais de dois anos, e arruinado uma possível relação com outro homem.

Ela soltou o copo com uma risada nervosa.

- O creme é suficiente? - ela perguntou.

Ele concordou. Ele bebeu em silêncio enquanto ela bebia seu ponche. A música tocava de novo, desta vez lenta, passo a passo.

Merrie voltou para perto deles sorrindo.

- Eu perguntei a Shelby se ela poderia me dar um dos collies que ela e Justin estão criando. Eles são ótimos cães guias.

Stuart franziu a sobancelha.

- O que diabos você quer com um cão guia?

- Não é para mim - ela replicou - Há uma garotinha em meu departamento que tem que remover um tumor de seu cérebro. Ela está com medo de morrer. Eu perguntei aos seus pais se algo poderia ajudá-la, e eles disseram que ela sempre quis um collie. Pode ser o que ela precisa para superar a cirurgia. Vejam bem - ela acrescentou triste - eles ainda não sabem se o tumor é maligno.

- Quantos anos ela tem? - Ivy perguntou.

- Dez.

- Tão nova para ter uma doença tão horrível.

- Pelo menos ela terá algo para se distrair - Stuart disse - Você é uma jóia, Merrie.

Ela olhou carinhosamente para ele.

- Você também. Agora vamos dançar ou comer ou fazer algo para que não nos debruçemos em lágrimas e embaracemos Ivy.

Ele lançou um olhar travesso para Ivy.

- Deus nos permita não embaracá-la. - Ele colocou o copo de café na mesa - Dançar parece mais adequado.

Ele pegou o copo de Ivy e colocou-o de volta na mesa, para em seguida a levar de volta a pista de dança.

Era a noite mais incrível da vida de Ivy. Ela dançara o tempo todo quase exclusivamente com Stuart, e ele não parecia se importar com os olhares especuladores das pessoas. Era de conhecimento geral que Stuart já era experiente no assunto, e que Ivy não namorava ninguém. A atenção que Stuart estava lhe dando arqueava sobranceiras.

Merrie não procurara por parceiros também, mas ela parecia decepcionada desde que Hayes fora embora. Ivy se perguntou se algo não estava se corroendo por debaixo da expressão passiva que nada tinha haver com a antiga queda que ela tinha por Hayes.

Quando chegou a hora de partir, Merrie informou Stuart que ela iria com um dos gêmeos Bates, que moravam próximos a sua casa. Ela não deu um motivo, mas Stuart também não pediu um. Ele entrelaçou os dedos nos de Ivy e a levou até o Jaguar grande e lustroso.

- Eu não me lembro de ter gostado tanto de uma festa - ele anunciou.

- Foi divertido - ela concordou, sorrindo - Eu não saio muito a noite. Geralmente eu estou lidando com as conta, incluindo somar impostos para os meus clientes quatro vezes por ano. Isso me mantém trancada em casa.

- Você e Merrie perderam contato desde que ela foi trabalhar em San Antonio.

- Um pouco, talvez - ela concordou - Mas Merrie ainda é minha melhor amiga.

Isso não muda, mesmo quando nós ficamos meses sem nos ver.

Ele ficou quieto por um minuto.

- Você tem falado com Rachel? - ele perguntou.

Ela respirou fundo.

- Sim. Semana passada.

- Como ela estava?

Ela se perguntou por que ele estava fazendo perguntas sobre sua irmã, a qual ele odiava.

- Do mesmo jeito, eu acredito.

Exceto que ela estava mais alta do que uma pipa quando ligara para Ivy, e estava saindo com o marido rico de outra mulher, ela acrescentou silenciosa.

Ele a encarou.

- Isso não é o que eu ouvi.

O coração dela ameaçou sair pela boca. Ela se esquecera que ele pertencia aos mesmos círculos que os outros homens ricos e cheios de sucesso. O antigo namorado de Rachel conhecia muita gente em Nova York. Stuart poderia conhecer o novo amor de Rachel.

- O que você ouviu? - ela perguntou.

- Que ela está prestes a criar uma explosão na mídia - ele disse categoricamente - É por isso que eu trouxe Merrie ao baile. Hayes mencionou que traria você, e eu queria falar com você sem a cidade inteira prestando atenção. Sua casa não tem privacidade suficiente, e minha Senhora Rhodes é uma fofoqueira terrível. Isso me fez procurar um local neutro. Aqui estamos nós.

O coração dela estava saltando. Rachel de novo. Era sempre algo, a vida inteira. Algum dia ela estaria livre dos problemas da irmã?

- Não fique assim - ele disse brusco - Eu sei que você não tem nenhuma influencia sobre ela. Eu só não quero que você seja surpreendida por um jornalista sensacionalista de repente, fazendo perguntas pessoas sobre sua irmã. Escândalos pagam bem, especialmente se os parentes da vitima podem se chocar com uma reação que possa ser impressa.

Ela apoiou o rosto nas mãos.

- É mesmo algo tão ruim? - ela perguntou.

- Ruim o suficiente.

Ele saiu da rodovia principal entrando em uma estradinha, e desligou o motor.

Quando ele olhou em volta, perturbado, acrescentou: - Estamos nas minhas terras. Eu não quero sentar em frente a casa de Senhora Brown e ver cortinas se movendo o tempo inteiro enquanto nós conversamos - Ele soltou seu cinto de segurança e virou para ela, um braço curvado sobre as costas do seu banco - Você precisa saber com o que terá que lidar antes que a história atinja os tablóides.

Ela corou. Tippy Moore havia enfrentado os tablóides antes de seu casamento com Cash Grier. Assim como Leslie, a mulher de Matt Caldwell. Ela conhecia o efeito devastador que eles podiam ter sobre a vida das pessoas. Mas ela nunca sonhou se tornar vítima de um deles. Certamente a irmã de Rachel teria noticias interessantes para alguém? Por outro lado, Rachel havia atuado em poucas peças na Broadway, apesar de seu vício por drogas, e uma crítica havia classificado seu talento como promissor. Depois de anos de audições, parecia que Rachel poderia finalmente se tornar uma atriz. Mas Stuart parecia desconfortável.

- Diga-me - ela o incentivou gentilmente.

- Ela está vendendo drogas para um idoso recluso que se encontra apaixonado por ela - ele disse curto - O problema é que ele recém casou-se com uma rainha da beleza que não quer dividir nem a ele nem a seu dinheiro com ninguém, menos ainda com uma atriz que tem como namorado um contrabandista. Um amigo mútuo disse que ela está prestes a revelar a história. Se ela fizer isso, eliminará qualquer chance de outra peça na Broadway, e pode por o seu namorado na cadeia. Pode colocá-la lá também, se a esposa decidir vir a tona com o que o detetive particular descobriu sobre Rachel. Ela encontrou uma conexão com alguns contrabandistas de nome do outro lado da fronteira, Hayes, Cash e Cobb do DEA estão tentando pegá-los.

Apesar da semi-escuridão dos bancos frontais, Ivy estava estranhamente pálida. A mensagem que Rachel havia enviado para o padeiro era um código. Sua irmã era uma contrabandista. Seu coração disparou com medo. Ela pôs a mecha de cabelo atrás de orelha.

- Eu acho que seria mais fácil eu me perder na floresta amazônica do que Rachel mudar de vida.

- Você teria que vir para casa um dia. Fugir de um problema não irá resolvê-lo.

Ela encostou-se ao banco, o coração despedaçado. Em uma cidade pequena como Jacobsville, uma historia de tablóide seria uma explosão de fofocas. Não haveria um lugar aonde fosse que as pessoas não falaria sobre ela.

Ela envolveu os braços ao redor do corpo, sentindo um arrepio repentino.

Rachel disse um monte de mentiras sobre você na cidade, quando você estava no colegial - ele disse depois de um minuto, seus olhos estreitos e pensativos - Ela me

envenenou com um monte delas também. Eu acreditei nela, até dois anos atrás. Mas assim mesmo, quis ter certeza que ela deixaria a cidade.

Ela sentiu as bochechas arderem, e esperou que ele não pudesse notar. Então era por isso que Rachel partira tão repentinamente, esse era o motivo de sua mudança de atitude com Ivy. Ela pensara que Stuart estava protegendo a irmã mais nova, e sentiu ciúmes.

- Copper Coltrain disse que você freqüentemente aparecia no consultório com machucados causados por quedas quando estava na escola - ele persistiu.

O coração dela saltou no peito.

- Eu era desastrada - ela disse rápido.

- Mentira! Seu pai bebia muito e Rachel o encheu com mentiras assim como também as outras pessoas sobre você - ele contrariou - Ela sempre metia você em problemas com seu pai. Era favorável a ela prejudicar você, assim ela ficaria com tudo. E conseguiu.

O fato de ele conhecer todos os seus problemas, embora ela sempre houvesse suspeitado, a deixou enjoada.

- Papai achava que ela era perfeita.

- Sim, e ele tinha certeza que você não era sua filha.

Ela tossiu alto, os olhos arregalados.

- O que?

- Eu acho que você não sabia sobre isso - ele murmurou a observando - Rachel disse que sua mãe lhe contou, antes de morrer, que havia tido um caso e você era o resultado.

De todas as coisas que Rachel havia lhe feito, essa sem duvidas era a pior. Ela nem podia encontrar palavras para expressar quão atordoada estava.

- É... é verdade? - ela perguntou inesperadamente.

Ele hesitou.

- Eu não sei. Há uma maneira fácil de descobrir, se você quiser ter certeza. Se você conseguir um fio de cabelo da escova de seu pai, ou se Coltrain tiver uma amostra de sangue dele no arquivo, nós poderemos obter o exame de DNA. Se não houver uma amostra, mas Coltrain tiver o tipo de sangue de seu pai no arquivo, nós podemos comparar o sangue. Paternidade pode ser determinada por tipos sanguíneos. Não provará nada com certeza, ao menos que nós consigamos uma amostra de DNA de seu pai, mas pelo menos mostraria se você pode ser filha dele.

- Você faria isso por mim? - Ela perguntou, surpresa com sua indulgencia.

- Claro - Ele disse sem preâmbulos.

Era muito para digerir de uma só vez. Não era de se estranhar porque o pai fora tão bruto com ela! Ele pensava que ela não era sua filha. E Rachel havia usado aquilo - se não fosse uma mentira - para afastar Ivy de qualquer coisa que pertencesse à família. Rachel havia herdado tudo, e vendido tudo.

- Ela deve me odiar - Ivy disse alto.

- Ela tem inveja de você - ele corrigiu severo.

- Oh, claro, por que não deveria ter se eu sou um modelo de beleza? -ela perguntou sarcástica.

Ele se aproximou e tocou uma mecha do cabelo dela.

- Pare com isso. Você não é o patinho feio, exceto em sua própria cabeça. Mas eu não estava falando em aparência. Rachel tinha inveja do modo como você tratava as pessoas. Você está sempre procurando o melhor nas pessoas, fazendo-as se sentir bem consigo mesmas, fazendo-as se sentir importante. Você nunca faz fofocas ou conta mentiras, e está sempre por perto se alguém está com problemas ou de luto. Rachel nunca fez nada por ninguém exceto si mesma. Você a faz se sentir inferior, e ela a odeia por isso.

- Ela era bonita - Ivy disse - Todos os garotos gostavam dela.

- Até os garotos que você gostava - ele acrescentou, como se soubesse - Sim, eu ouvi sobre isso também. Rachel se deliciava em roubar qualquer garoto que você trouxesse para casa. Ela virava as suas amigas contra você, todas exceto Merrie. Ela disse a Merrie algumas mentiras sobre sua vida social - ele afastou a visão, o corpo rígido. Não precisava saber ler mentes para perceber que Merrie havia repetido as mentiras a ele.

- Estou espantada por você não ter proibido Merrie de se relacionar comigo.

- Eu proibi - ele disse inesperadamente, olhando para ela - Ela não escutou, óbvio. E eu parei de pressioná-la quando percebi que Rachel havia mentido sobre seu caráter.

Ela sabia sobre o que estava falando, e isso a tornou apreensiva. Ele estava lembrando quão novata ela era nos braços de um homem.

- Copper geralmente não fala sobre seus pacientes - ele continuou - Mas nós somos primos de segundo grau assim como amigos, e eu me sinto responsável por você desde a morte de seu pai. Ele pensou que eu deveria saber sobre sua vida caseira. Em caso de Rachel voltar e tentar causar problema. Ele não sabia que eu já obtivera os resultados através de um detetive que eu contratei.

Ela não podia encará-lo. Ela podia sentir todas as feridas e machucados expostos para que todos pudessem vê-los.

- Você nunca falou sobre isso, falou?

Ela balançou a cabeça.

- Nem mesmo para Merrie.

- Merrie é mais perceptiva do que você acredita, Ela sabia por que você cobria as pernas quando ia para a escola. Você não queria que ninguém visse as feridas que ele deixava em você com o cinto de ponta dupla.

Ela mordeu o lábio inferior e olhou para ele. Ela lembrara o que Merrie dissera sobre sua infância, e como seu pai o havia punido por se recusar a dar sua vida pelo futebol.

- Você carregou sua cruz também, não? - ela perguntou baixo.

Ele hesitou por um momento. Seus olhos escuros cintilando.

- Sim - ele disse finalmente - Eu nunca falei sobre isso com ninguém que não fosse da família. As memórias machucam, até hoje.

- Se meu pai fizesse isso hoje, eles trancá-lo-iam a chave e depois jogariam fora.

- O meu também - Ele sorriu - Nossos pais provavelmente ocupariam a cela juntos - ele suspirou e passou o dedo pela garganta dela, fazendo as batidas de seu coração disparar - Ninguém vai usar um cinto em minhas crianças.

- Nos meus também - ela concordou infeliz.

Ele sorriu para ela.

- Nós somos todos produtos da nossa infância. É uma pena nós não podermos escolher os parentes.

- Você está certo - Ela buscou os olhos dele - Rachel não tem medo de nada exceto de perder uma chance para atuar em uma peça na Broadway. Mas se ela se envolver em um escândalo público, isso destruirá sua carreira recém iniciada. E ela pode ir para a prisão por tráfico de drogas. Eu não sei o que ela fará quando tiver que enfrentar tudo isso. Ela não é muito forte emocionalmente.

- Apenas quando ela ganha algo no final - ele concordou - Mas ela escolheu o próprio caminho Ivy. Todos nós escolhemos. Então nós enfrentamos as consequências de nossas escolhas.

Ela inclinou a cabeça.

- Qual escolha você fez que teve consequências?

- Foi uma que eu não fiz - ele disse enigmaticamente. Sua mão deslizou até os cabelos da nuca dela, quente e firme - Mas nós já falamos muito por uma noite.

Conforme falava, ele puxou o rosto dela gentilmente para baixo do seu.

- Sem pânico - ele murmurou contra sua boca enquanto seus lábios a provocava - Existem certas coisas que nós não podemos fazer em um banco de carro...

Ela ficou atordoada com o prazer palpitante. Era como a primeira vez que ele a segurara nos braços e beijara, mas muito mais explosivo. Os longos anos sem beijos a tornaram faminta. Ela deslizou os braços ao redor do pescoço dele e abriu a boca. Ele grunhiu. Um espasmo passou pelo corpo dele. Ele hesitou, mas somente por um milésimo de segundo. Então ele a ergueu e puxou para seu colo, e os beijos se tornaram mais duros e insistentes.

Ela sentiu a mão dele por baixo da gola de sua bata, traçando o dedo gentilmente na pele fresca dentro do sutiã. Ela sobressaltou-se.

Ele levantou a cabeça e olhou dentro dos olhos abertos e chocados dela, com divertida afeição.

- Pense nisso como exploração a um novo território - ele murmurou gentilmente

- Você tem muito que aprender.

- E você está se oferecendo para me guiar na nova exploração? - ela soluçou.

- Longa exploração - ele murmurou, observando as rápidas batidas do coração dela, ecoadas no tremor de seu corpo quando sua pulsação aumentou loucamente.

- Eu não tenho certeza - ela murmurou ofegante.

- Nem eu - ele concordou enquanto se inclinava novamente em direção à boca dela - Mas o feitiço é longo e árduo, e eu já esperei o que pude para me manter lúcido.

Enquanto ela tentava entender, a boca dele se abriu sobre seus lábios e sua mão invadiu o sutiã tocando a pele quente com tanta certeza e maestria que qualquer pensamento de rejeição foram afastados de sua cabeça. Ela se colou a ele e entregou-se a doçura do momento.

No momento em que Ivy começou a ver estrelas, o miado de um gato em algum lugar da selva de paixões em que se encontrava a despertou.

Stuart também o ouvira, pois levantou a cabeça e franziu a sobrancelha enquanto olhava o espelho retrovisor.

- Eu não acredito - ele explodiu.

Ela seguiu o olhar dele e viu luzes azuis piscando no caminho atrás deles.

- Hayes! - ele murmurou e disse um palavrão que a fez corar.

O carro branco do xerife de Jacobsville passou por ele, deu a volta, e voltou novamente, fazendo com que Hayes e Stuart se encarassem através das janelas abertas do lado do motorista. No momento em que Hayes fazia o contorno, Ivy deslizou discretamente para seu banco, ajeitando a roupa e alisando os cabelos. Ela agradeceu por já estar escuro assim Hayes não veria os vestígios da paixão avassaladora de Stuart em seus lábios e cabelos.

- Você não está um pouco longe de seu território? - Stuart reclamou - Essas terras são minhas.

Hayes o encarou.

- Nós interceptamos um transporte de drogas com três homens armados dentro - ele disse - Nós pegamos dois deles, mas um escapou não muito longe daqui. Ele está carregando uma arma automática.

- Bom Deus - Stuart exclamou.

- Eu não achei que ele estaria dirigindo um Jaguar - ele continuou secamente - Mas ninguém pode subestimar um bandido. E este carro estava sozinho no meio do campo - ele franziu a sobrancelha - O que diabos vocês dois faziam aqui?

- Falando sobre arquivos de DNA - Stuart retrucou.

Hayes torceu os lábios.

- Ok - ele disse, mas claramente não acreditando - Do mesmo modo, eu a levaria para casa, se fosse você. Esses caras não jogam limpo. Um dos meus policiais está na sala de emergência com uma bala no traseiro.

- Eu espero que você o pegue - Stuart disse.

- Eu também. Até logo.

Ele se afastou, as sirenes ainda piscando.

Stuart observou Ivy intensamente.

- Eu acredito que nós já conversamos muito por uma noite. Eu não estou com vontade de enfrentar contrabandistas à essa hora.

- Nem eu - ela concordou, mas estava desapontada por ter que descer das nuvens. Havia sido minutos doces.

- Eu também não estou ansioso para partir, Ivy - ele disse enquanto ligava o carro - Mas existe uma hora e um local, e esse não é.

Com a declaração enigmática, ele voltou o carro até a pista, e dirigiu em direção a casa dela. Eles chegaram muito cedo.

Ele saiu do carro, abriu a porta e a levou até a porta da frente. Ele notou o movimento rápido de uma cortina com um sorriso divertido, então se encaminhou até onde as cortinas não existiam. Ele a segurou pela cintura e observou os olhos tristes.

- Eu não deveria ter te contado sobre seu pai daquela maneira - ele disse arrependido - Eu sinto muito.

- Os tablóides não teriam sido muito gentis, se eu tivesse descoberto isso através deles - ela disse pensativa - Obrigada pela alerta.

As mãos dele apertaram a pequena cintura dela.

- Vá ver o Copper - ele insistiu - Ele vai fazer o possível para lhe ajudar, de um modo ou outro. Eu cuidarei da conta. Eu direi isso a ele também - ele acrescentou.

- Tudo bem.

- E não se preocupe muito com sua irmã - ele disse firme - Se a situação fosse ao contrário, eu tenho certeza que ela não perderia uma noite de sono por você.

- Eu sei disso. Mas ela ainda é a única família que eu tenho no mundo.

Ele respirou fundo.

- Isso não ajuda, eu tenho certeza.

Ele se inclinou e tocou a boca gentilmente sobre os lábios suaves dela. Ela ficou na ponta dos pés para aumentar a pressão, estremecendo quando ele aceitou o convite silencioso e a apertou contra si, colando os corpos, quadril contra quadril.

Ela nunca havia sentido tanto prazer. Era tão doce quanto no carro dele, mas muito mais intenso. As unhas dela fincaram-se nos músculos duros dos ombros dele quando ela se entregou ao deleite de estar tão próxima a ele.

Quando ela murmurou, ele se afastou. As mãos dele foram quase cruéis quando ele precisou afastar a vontade de empurrá-la contra a parede e devorá-la.

Ela percebeu aquilo, e estava fascinada pela mudança repentina nele. Era tão doce beijá-lo, através de seus mais selvagens sonhos de prazer.

- Nós podemos fazer muito mais que isso - ele sussurrou - Não em público.

- Nós estamos em público? - ele sussurrou de volta, entorpecida.

Ele respirou fundo.

- Se eu não parar de beijar você, nós estaremos. É doce, Ivy. Mais doce do que nos meus sonhos.

- Mais doce do que nos meus também - ela confessou, ansiando ter a boca dele sobre a sua novamente.

Ele sabia aquilo, mas tinha que ser forte pelos dois. Não era o lugar. Ele a segurou gentilmente pela cintura.

- Eu tenho que viajar para Denver para uma palestra sobre conservação. Eu ligarei para você quando chegar lá.

Ela olhou para ele com o coração disparado. Sua surpresa era notável.

Ele observou os olhos dela.

- Os tempos mudam. Assim como as pessoas. Você fará vinte e um anos no próximo mês, não?

Ela concordou, a voz inaudível.

Ele pareceu sombrio por um minuto.

- Muitos anos mais jovem - ele murmurou enquanto inclinava a cabeça - Mas que diabos...

Ele a segurou contra si e a beijou até sentir a boca dela arder. Ela não reclamou. Ela adorou a vida, seus braços apertados contra o pescoço dele, seus pés mal tocando o chão. Se aquilo fosse um sonho, ela não queria acordar.

Quando ela gemeu suavemente, ele a colocou no chão e a soltou abruptamente. Sua respiração estava notavelmente acelerada.

- Fique longe de problemas - ele disse a ela.

- Eu nunca arrumo problemas - ela replicou zombeteira, os olhos presos na boca dele.

Ele sorriu lentamente.

- Sim, mas isso foi antes.

- Antes de quê? - ela perguntou.

Ele se inclinou e a beijou rapidamente.

- Antes de mim. Tranque a porta.

Ele já se afastava quando ela entendeu o que ele disse. Ele estava apostando em um novo relacionamento entre eles. Isso fez a respiração dela parar na garganta. Os olhos dela o seguiram famintos todo o caminho até o carro. Ele o ligou e acendeu as luzes, mas não partiu. Finalmente ela entendeu que ele não partiria até que ela entrasse. Ela sorriu com a proteção, que era tão diferente do antigo relacionamento. Ela acenou, entrou e fechou a porta. Somente quando ela apagou a luz da varanda foi que ouviu o carro partindo.

*_*_*

Na manhã seguinte durante o café da manhã, Senhora Brown e Lita a estavam encarando, ambas carinhosamente divertidas.

- Divertiu-se ontem a noite, querida? - Senhora Brown perguntou - Eu percebi que o xerife Hayes não te trouxe para casa. Aquele não era o carro de Stuart York?

- Sim, era - Ivy confessou, e odiou o rubor que cobriu suas bochechas - Hayes foi chamado e teve que ir embora.

- Nós ouvimos no rádio que houve um tiroteio - Lita disse - O oficial Clark foi levado ao hospital com um machucado feito pela bala.

- Assim como um dos suspeitos - Senhora Brown disse rápido - Eles dizem que Hayes o pegou.

- Nós o vimos no caminho para casa - Ivy confessou, mas não como eles o haviam visto, ou onde - Ele disse que o policial levou o tiro no quadril. Ele não mencionou que os bandidos também haviam levado um tiro.

- Foi o bandido que conseguiu escapar quando eles interceptaram a caminhonete - Senhora Brown disse - Minha filha trabalha como expedidora - ela lembrou a outra mulher - Ela disse que ele estava escondido em um galinheiro na estrada. Hayes viu galinhas voando de lá e foi investigar - ela deu um risinho - As pessoas trancam suas galinhas à noite para evitar que elas sejam comidas por lobos ou roubadas. Ninguém as solta durante a noite. Com certeza, era o bandido miserável que estava Escondido lá. Ele atirou em Hayes e perdeu a bala. Hayes não.

Ivy balançou a cabeça.

- Ele aproveita as oportunidades - ela disse - Ele encontrará uma mulher corajosa para se casar.

- Provavelmente é por isso que ainda não se casou - Lita lembrou - Ele já era cabeça quente quando ainda estava no colegial. Sempre correndo riscos. Ele se juntou a força policial quando tinha apenas dezessete anos. Eu acredito que o pai o influenciou.

- Seu pai era um homem adorável - Ivy disse com um sorriso - Ele adorava flores, sabia? Ele sempre teve o jardim mais belo de todos, e todos pensavam que sua mulher era quem plantava. Mas não era.

- Eu aposto que Hayes não planta flores - Senhora Brown brincou.

- Ele tinha um irmão mais novo - Lita continuou, franzindo a testa - que morreu de overdose. Você sabe, eles nunca acharam a pessoa que o entregou àquela dose errada de cocaína e o matou. Eles dizem que Hayes está à procura do assassino no irmão, e nunca vai parar até que ele vá para a cadeia - ela suspirou - Ele ainda acha que Minette Raynors deu a droga a Bobby Carson, mas eu não acredito. Minette não é deste tipo.

Ivy concordou.

- Eu sei, mas ele não vê as coisas dessa maneira. Ele nunca para até ter um suspeito em vista. Isso assusta, de certo modo.

- Isso me faz sentir segura - Senhora Brown gargalhou - Eu gosto de saber que ele não deixa os criminosos escaparem.

- Eu também - Ivy teve que admitir. Mas ela estava pensando em Stuart e na mudança de sua relação, mal conseguindo comer e se comportar normalmente. Por dentro, ela estava ardendo com nova fome, nova esperança.

*_*_*

Ela saiu para ver os clientes aquele dia, mas ela sentia falta de Stuart e esperava, esperançosamente, por uma ligação. Ela sabia que ele podia estar brincando. Talvez ele só houvesse dito aquilo para provocar. Mas o olhar dele na varanda havia sido possessivo, aquisitivo. Seu coração disparava cada vez que lembrava o último e desesperado beijo que haviam trocado. Obviamente alguma coisa muito poderosa tinha que ser repartida. Depois de tudo, ela não havia sido a única a respirar fundo depois dos beijos famintos. O problema era que Stuart era mais velho e possuía mais experiência. Talvez para ele aquilo fosse apenas alguns minutos de diversão. Para ela, era como experimentar o paraíso.

Merrie telefonou na hora do almoço, apenas para conversar. Ivy estava comendo um sanduíche no Café da Barbara, mas não o saboreava realmente. Quando o telefone tocou, ela correu em retirá-lo da bolsa e responder. Tinha que ser Stuart! Tinha que ser!

- Olá - Merrie disse animada.

- Oh. Olá - Ivy respondeu, tentando se recompor e não deixar o desapontamento transparecer - Como está?

- Solitária. Você precisa vir passar um final de semana comigo - Merrie disse - Eu vou para casa no próximo. O que você acha?

Em outro tempo, Ivy teria recusado a chance. Agora, ela estava escondendo segredos da melhor amiga. Ela não sabia se devia aceitar. O que ela sentia por Stuart seria notado, se estivessem debaixo do mesmo teto. Ela não queria que Merrie soubesse. Não ainda. Era muito novo, muito particular, muito precioso para repartir. E se ele não a quisesse por perto? E se ele estivesse apenas jogando um sofisticado jogo em que ela não conhecesse as regras? Suas inseguranças subiram a tona como creme em uma batadeira.

- Ivy você não precisa se preocupar comigo - Merrie disse antes que Ivy pudesse falar. Seu tom era deprimido, baixo - Eu não vou interferir.

- O que?

Merrie respirou fundo.

- Hayes é um bom partido.

Ivy ficou sem fala.

- Hayes?

- Ele parece gostar muito de você. Ele estava feliz ontem à noite.

Aí estava um problema que ela não sabia como resolver. Ela não podia admitir que estava louca pelo irmão de Merrie, por medo que a amiga pudesse provocar Stuart ou fazer algo que pudesse o afastar de Ivy. Por outro lado, ela não estava envolvida com Hayes e também não ansiava estar.

- Hayes é muito legal - ela afirmou - Mas ele não quer nada sério com ninguém, nem eu. Eu não quero me casar nos próximos anos. Eu quero apreciar a minha própria companhia, e estar solteira.

Ouviu outro suspiro, mas esse soou estranho.

- Então você não está envolvida com Hayes?

- Nós somos amigos, Merrie. E isso é tudo.

- Estou aliviada - ela disse - De qualquer modo, você ouviu alguma coisa, sobre como ele está? - Merrie acrescentou depois de um minuto - Eu fiquei sabendo que houve um tiroteio e alguém levou um tiro apreendendo um contrabandista. Foi Hayes?

- Não! - Ivy disse - Foi um de seus policiais. Um dos suspeitos levou um tiro também. Hayes está bem.

- Graças a Deus.

- Você conhece Hayes há um bom tempo - Ivy recordou.

- Sim, desde que ele costumava ficar com nós quando seus pais tinham que sair da cidade para ver seus parentes na Geórgia. Mesmo ele sendo amigo de Stuart, eu sempre senti como se ele fosse parte da família. Ele é muito mais velho do que eu, claro. Como alguém que eu conheci em San Antonio - ela acrescentou enigmaticamente.

- A diferença de idade entre Merrie e Hayes era a mesma que entre Stuart e Ivy. Stuart parecia não se importar com isso mais, se sua atitude nova com Ivy era algum tipo de indicação. Então talvez houvesse esperança para Merrie.

- Ele não é muito mais velho do que eu, Merrie - Ivy disse gentilmente.

- Stuart acha que é.

- Havia uma hesitação no tom geralmente calmo.

- Ele é seu irmão. Ele ama você. Ele apenas acha... - Ela parou repentinamente.

- Ele acha o que? - Merrie insistiu.

- Ele acha que a profissão de Hayes o torna insuficiente para você - ela disse relutante - Hayes aproveita as chances, Merrie. Ele pode ser divertido, mas por baixo disso é um homem que corre riscos, que se infiltra em tiroteios. Stuart só está pensando no que é melhor para você.

- Então isso é o que o está incomodando ultimamente - Merrie disse seca - A velha preocupação. Mas nenhum parente, não importa o quanto ele se importe, pode decidir a sua vida por você.

- Eu sei disso. Merrie, Stuart te ama. Ele apenas quer que você se case com alguém que você ame.

Houve uma risada brusca.

- Você acha?

- Sim.

- Bem. Isso já é algo.

- Você está muito deprimida. Por que você não vem até em casa e janta com nós hoje? Você sabe que Senhora Brown não se importaria. Eu posso ligar para ela.

- Não. Obrigada, de qualquer modo, mas nós estamos em uma epidemia de gripe. Eu não posso ser dispensada, com tantos trabalhadores doentes.

- Talvez quando tudo isso acabar... - a voz a traiu.

- Sim. Eu adoraria.

- Se cuide - Ivy disse - E pare de se preocupar com tudo. Deixa a vida rolar. Desejos se tornam realidade.

- Com certeza - ela disse clinicamente.

- Eu tenho certeza. Eles se realizam.

Merrie suspirou.

- Você sempre acreditou em fadas.

- Em anjos também, não esqueça.

- Se eu tenho um anjo da guarda, ele provavelmente dormiu no ponto.

- Pare com isso! Venha me ver quando puder.

- E quanto ao convite para o final de semana? - Merrie insistiu - Você e Stuart não brigaram, por incrível que pareça, no baile. Você vai gostar.

- Eu lhe avisarei - Ivy disse, sorrindo - Eu tenho um novo cliente.

- Você e seus clientes abençoados. Ok, então. Você me liga?

- Sim, eu ligo. Se cuide, Merrie.

- Você também.

Ivy desligou. Pobre Merrie.

*_*_*

Ela esperou e esperou, mas não houve outra ligação. Ela até checkou para ter certeza de que o telefone estava funcionando. No final da tarde, ela estava certa de que tinha mal interpretado o que Stuart havia dito. Ele provavelmente estava brincando. Mas ele não era um homem de brincadeiras.

Ela se preparou para dormir, entrou embaixo das cobertas e já ia apagar a luz quando o telefone começou a tocar barulhento.

O coração disparado, ela pulou da cama e abriu a bolsa para encontrar o pequeno celular. Ela o abriu com mãos tremulas e o pôs na orelha.

- Alô?

Houve uma risada profunda, suave.

- Achou que eu não ia ligar, certo?

Ela sorriu sem fôlego.

- Sim - confessou.

- Eu teria esperado. Eu disse a você que ia ligar.

- Sim, mas eu pensei que talvez você estivesse ocupado - ela começou.

- Então você desistiu de mim.

Ela esticou o corpo na cama.

- Na verdade, não. Bem, talvez. Eu não tinha certeza se você estava falando sério.

Houve uma pausa breve.

- É muito recente, não é, Ivy? Ele perguntou baixo - Nós estamos apenas começando a nos conhecer.

Ela não estava certa sobre o que ele falava. Sua mão apertou o telefone.

- Merrie me convidou para passar o fim de semana com ela.

- O que você disse a ela?

- Eu disse que a avisaria - ela hesitou.

Houve uma pausa curta.

Ela se sentiu insegura.

- Eu não sabia se você iria aprovar.

A pausa aumentou.

Ela sentiu os espíritos vir à tona. Então respirou fundo.

- Stuart?

Houve um clique, como gelo caindo em um copo.

- Você não me conhece mesmo.

- Claro que não - Ivy emendou - Você me evitou por dois anos.

- Eu tive que fazer isso - ele disse brusco.

Ela não entendeu o que ele quis dizer. Ela estava com vergonha dele. E isso não ajudava em nada.

Ele respirou fundo novamente.

- Oh, inferno.

Gelo caindo em um copo mais uma vez.

- Eu tenho que ir - ela disse deprimida.

- É Hayes? - ele perguntou brusco.

- O que?

- Você está apaixonada por Hayes Carson?

- É claro que não - ela exclamou antes que pudesse parar para pensar.

Houve um suspiro.

- Bem, já é algo, eu acho - Outra pausa - Quando eu voltar, nós vamos dar uma volta e conversar.

- Isso seria... legal.

- Legal.

Ela não tinha palavras. Ela amava a voz dele, lenta e profunda. Ela não queria que ele desligasse. Mas ele não sabia o que dizer, para fazê-lo continuar falando.

- O que você está fazendo?

- Vestindo camisola sentada na cama, conversando com um homem louco.

Ele explodiu numa gargalhada.

- Eu pareço louco?

- Eu sinto como se estivesse me desculpando, mas não sei por quê.

- Eu tive um longo dia - ele disse a ela - Nós sempre temos que lidar com revolucionários que vem a essas conferências e nos dizem que nós temos que arrumar lares especiais para nosso gado onde eles possam ser propriamente hospedados e educados. Esses caras pensam que nós devemos aprender a nos comunicar com eles.

Ela gargalhou alto.

- Se eles pudessem diriam: Não me coma!

- Pare com isso - ele murmurou - Você sabe que eu não elevo a carne de gado.

Aquilo era verdade. Ele possuía gado Black Angus puro. Ele sabia os nomes e pedigrees de todos seus touros, e eles eram tão dóceis quanto cachorros. As vacas de pedigree eram tratadas quase tão gentilmente quanto os touros. Ele era agressivo com os cowboys que achavam que podiam tratar mal seus animais.

- Eu sei - ela disse gentilmente - O que você disse ao revolucionário?

- Oh, eu não disse nada a ele.

Havia uma inflexão estranha na voz dele.

- Mas alguém falou?

- Um dos delegados da associação nacional convidou-o para sair. O cara pensou que eles iriam ter uma conversa amigável. O delegado o pegou e jogou na fonte ornamental.

Ela engasgou.

- Mas está frio no Colorado. Tem até neve.

Ele gargalhou.

- Eu sei.

- Pobre homem.

- Eles deram a ele um cobertor e um passe de ônibus - ele disse - Da ultima vez que o vi, ele estava voltando para o oeste.

- Isso não foi gentil.

- No ultimo ano foi um cientista do aquecimento global que disse que nós precisávamos encontrar uma maneira para fazer o gado parar de arrotar e destruir a camada de ozônio. Mas eu não vou mencionar o que aconteceu com ele.

- Por que não?

Ele riu.

- Você lerá sobre isso no livro que ele está escrevendo. Pelo que fiquei sabendo, ele ainda estava procurando por uma editora.

- Pobre homem.

- Pobre homem, inferno. Humanos arrotam assim como o gado.

- Eu nunca arrotei.

- Engraçadinha - ele zombou.

Ela suspirou.

- Bem, Eu já fiz. Mas nunca pensei que isso iria trazer danos ao planeta.

Ele riu.

- Estou brincando. Na verdade eles deixaram ele apresentar seu programa. Um dos criadores de gado até lhe ofereceu um drinque.

- Isso foi legal.

- Não foi. O drinque que ofereceram a ele era um "Wallbanger".

- O que é isso?

- Geralmente as pessoas acordam com uma ressaca terrível.
- Vocês são terríveis.
- Eu não pago bebidas a grupos de advogados.
- Você poderia influenciá-los se fizesse.
- Sem chance - houve uma breve pausa - Eu tenho que ir. Tem alguém na porta.
- Um grupo de advogados? - ela zombou.

Ele riu novamente.

- Não. Um amigo do Alaska.
- Ele cria gados lá?
- Ele está instalado em uma base militar lá. Militar ativo.
- Oh.
- Eu ligo para você quando ele voltar. Se cuide.
- Você também - ela disse com voz suave.
- Boa noite, docinho.

Ele desligou antes que ela pudesse ter certeza de ter ouvido corretamente. Ele nunca a havia chamado por um apelido doce desde que haviam se conhecido. Soava como se eles realmente fossem se tornar amigos. Talvez até mais. Ela dormiu em uma bruma de sonhos impossíveis e agradáveis.

_

Na manhã seguinte, seu mundo desabou. Ela atendeu ao telefone, pensando que seria Stuart novamente, quando um estranho a interrogou.

- Senhorita Conley? - a voz perguntou. E quando ela disse sim, ele continuou - Eu consegui o numero com seu chefe de policia. . Eu sou o sargento Ed Ames, do departamento de policia de Nova York, recinto do Brooklyn. É sobre a sua irmã.

O coração dela disparou.

- Ela está bem - perguntou nervosa - Ela foi assaltada?

Houve uma pausa silenciosa.

- Eu sinto lhe informar que ela foi encontrada morta em seu apartamento esta manhã... Senhorita Conley? Senhorita Conley!

Ela mal podia respirar. Ela sabia que isso aconteceria, no fundo do coração. Mas não estava preparada para encarar o fato.

- Sim - ela disse sombria - Eu ainda estou aqui. Desculpe... É... é um choque.

- Eu posso imaginar - ele respondeu.

- Você disse que ela foi encontrada morta. Ela se suicidou? - ela perguntou - Ou outra pessoa...

- Nós não sabemos. Faremos uma autópsia para descobrir. Nós precisamos que você identifique o corpo, para ter certeza de que é sua irmã. Então alguém tem que arranjar tudo para o enterro, ou cremação.

- Sim. Claro. Eu irei até aí para lidar com tudo - ela hesitou, a mente girando - Eu vou hoje. Assim que eu conseguir um vôo.

Ele deu a ela seu numero de telefone caso precisasse de alguma informação. Ela anotou e se despediu.

Ela sentou na cama, tremendo silenciosamente com os braços ao redor do corpo. Rachel estava morta. Ela não dissera nem mesmo adeus. E agora tinha que ir lidar com os arranjos para o funeral. Pior, ela nem sabia se a irmã havia se matado, ou se alguém a havia assassinado.

Ela pensou em Jerry, o namorado contrabandista da irmã. Ele havia se cansado da irmã e matado-a com uma overdose? A mulher do milionário havia contratado alguém para matá-la? Sua cabeça doeu com todos os tipos de imagens horríveis.

Então veio o pensamento de que ela estava sozinha. Rachel era o único membro ainda vivo de sua família. A angústia com as mentiras e maquinações da irmã acabara, mas também acabara o último tipo de parentesco.

Ela pensou no pai e se ele estava lá para receber Rachel quando ela partira. Ele havia amado muito a filha mais velha. Ele não havia amado Ivy. Ele não acreditava que Ivy fosse sua filha. Ela era filha dele? Rachel havia mentido sobre isso também, assim como mentira sobre tantas outras coisas?

Talvez Rachel houvesse deixado uma nota, uma carta, alguma coisa, para explicar o ódio pela irmã. Se ela fosse para Nova York, talvez pudesse encontrar algo. Talvez ela pudesse entender a irmã, pelo menos.

Ivy começou a arrumar as malas.

Capítulo 7

Felizmente, Ivy possuía o suficiente em sua conta para cobrir uma passagem de avião na classe econômica para Nova York. Mas chegando lá, ela teria despesas. Ela teria que achar um lugar para ficar - ela não poderia ficar no apartamento de Rachel com o namorado delinquente da irmã por perto - também haveriam as despesas com transporte e o custo para trazer Rachel para casa. Era um pesadelo. Se Stuart estivesse em casa, ela teria coragem suficiente para ligar para ele e pedir ajuda. Mas era muito cedo para fazer isso no recente relacionamento deles.

Por outro lado ela poderia ligar para Merrie. Mas Ivy era muito orgulhosa. Soaria como se ela precisasse de caridade. Não, ela tinha que andar com os próprios pés e fazer o necessário. Ela era uma mulher adulta, não uma criança. Ela poderia lidar com isso.

Ela nunca havia estado em um avião. Era uma aventura, desde a segurança até o descanso, que ela comparou com viajar até o espaço. Próximo a ela estava sentado um casal de idosos na classe turística. Eles eram amigáveis, e pareciam divertidos com a fascinação dela pela viagem aérea.

Quando chegou em La Guardia, ela pegou um taxi até um hotel modesto que Lita havia lhe recomendado, que ficava no Brooklyn, perto do apartamento de Rachel. Ela também possuía o número do sargento de polícia que havia lhe avisado sobre a morte da irmã.

Ela deu entrada no hotel e subiu as escadas com a singela mala. O quarto era pequeno, mas arrumado e limpo, e tinha uma adorável vista do céu da cidade. Ela se perguntou como seria capaz de enfrentar a solidão, antes de ir a delegacia identificar o corpo da irmã. O calvário seria temível.

O sargento Ames não estava em seu escritório quando ela chegou, então ela sentou-se na sala de espera. O departamento de polícia parecia estar em um caos constante. Pessoas entravam e saíam. Advogados vinham ver clientes. Repórteres vinham falar com detetives. Oficiais uniformizados entravam e saíam. Era uma colorida mistura de pessoas, especialmente para Ivy, que estava acostumada a viver em uma cidade com apenas dois mil habitantes. Alguns minutos depois, um homem alto, de cabelos escuros e boa aparência vestindo um terno se aproximou dela.

- Senhorita Conley? - ele perguntou sorrindo.

Ela levantou-se.

- Sim. Você é o sargento Ames?

- Sim - eles deram-se as mãos - Desculpe, eu me atrasei - ele acrescentou, levando-a ao seu escritório e oferecendo um lugar - Eu tive que ser testemunha em um assassinato triplo. O julgamento acabou agora.

- Você descobriu mais alguma coisa sobre a morte da minha irmã? - ela perguntou.

- Somente que o namorado dela tem uma ficha mais velha que minha mesa - ela disse seca - Ele tem clientes em altos lugares da cidade. Aparentemente sua irmã estava envolvida com um deles, um homem casado, e a mulher do cliente não estava muito feliz com o affaire. Ela fez brincadeiras contra a vida de sua irmã. Também há o namorado. Um vizinho deles me disse a um de nossos investigadores que sua irmã e o namorado tinham discussões violentas. Durante a última, ele disse a ela para abandonar o cliente e ela ameaçou ir a polícia com informações que poderiam o incriminar por trafico de drogas - ele apoiou as mãos na mesa - Como você pode perceber, há um grande numero de suspeitos caso tenha sido mesmo um assassinato - ele franziu a testa - Tem alguém com você? Família? Um namorado, talvez?

Ela balançou a cabeça.

- Eu não tenho nenhum parente, exceto Rachel - ela replicou. Ela pensou em Stuart, mas beijos não faziam relacionamentos - E não tenho namorado - ela acrescentou relutante - Não havia ninguém que eu pudesse chamar para vir comigo.

Ele encarou-a.

- Você não está pensando em ficar no apartamento de sua irmã, está? - ele perguntou rápido.

- Não - ela disse - Eu não suportaria ficar lá. Arrumei um quarto em um hotel.

- Você já teve que lidar com alguma morte na família antes?

- Meu pai morreu dois anos atrás - ela disse - Mas Rachel cuidou de tudo. Eu só paguei as contas. Eu não sei direito o que fazer - ela confessou.

- Eu ajudarei você com o procedimento - ele disse em um tom gentil - O que você pode me contar sobre a vida particular de sua irmã?

- Provavelmente não mais do que você já sabe - ela disse desculpando-se - Rachel era mais velha do que eu, e não gostava de mim. Ela só entrava em contato comigo quando precisava que eu fizesse algo para ela.

Ele a estudou silenciosamente.

- Vocês não eram próximas?

Ela balançou a cabeça.

- Rachel não queria viver em uma cidade pequena. Ela queria ser uma atriz da Broadway - ela sentiu um terrível vazio na altura do estômago - Eu sei que ela usava drogas. Ela já usava há um longo tempo, desde o colegial. Mas eu nunca pensei que ela morreria tão jovem - Lágrimas escorreram por suas bochechas - Foi tão repentino.

- Posso fazer uma sugestão?

Ela secou os olhos.

- Claro.

- Você disse que tem um quarto de hotel?

- Sim - ela respondeu.

- Vá até lá e descanse por algumas horas. Ligue-me quando estiver pronta e eu levarei você ao hospital para identificá-la. Tudo bem?

Ela quase discordou. Mas ele era um homem gentil, ela podia ver nos olhos escuros.

- Eu adoraria fazer isso. Obrigada.

Ele levantou-se.

- Eu vou pedir a um dos rapazes para levá-la até o hotel - ele acrescentou, como se soubesse quão limitadas eram suas economias.

- Obrigada - ela disse gentilmente.

Ele sorriu.

- Sem problemas. Vejo você mais tarde.

_

Ainda não Havia chegado a hora do almoço. Ela não estava com fome. O vô havia tirado seu apetite. Ela deitou na cama e fechou os olhos. O calvário ainda estava na sua frente. Mas o sargento estava certo, alguns minutos poderiam ajudá-la a enfrentar o necrotério.

Ela deveria ter cochilado, porque uma batida insistente na porta a despertou. Ela levantou da cama, esfregando os olhos sonolentos, e foi até a porta. Ela olhou através do visor e não acreditou no que via.

Ela abriu a porta e correu para os braços fortes e quentes de Stuart. Ela sentiu-se protegida, mais feliz do que jamais poderia ficar ao vê-lo.

- Está tudo bem, querida - ele disse suavemente, entrando com ela no quarto. Ele fechou e trancou a porta e a pegou no colo, carregando-a até a cama. Ele sentou e a apoiou nos joelhos.

- Eu sei que é difícil. Por pior que ela fosse, ainda era sua irmã.

- Como você soube? - ela apoiou a cabeça no ombro dele.

- O motorista de taxi que levou você ao aeroporto é primo da Sra. Rhodes. Ele ligou para ela e ela me ligou - os braços dele a apertaram - Por que você não me ligou? - ele perguntou - Eu chegaria lá rápido igual um tiro.

Ela não tinha tanta autoconfiança, especialmente quando era relacionado a ele. Mas milagrosamente, ele estava lá. Ela nunca havia precisado tanto de alguém em sua vida. Ela não estava mais sozinha.

Ela apoiou-se nele, tremendo um pouco de alívio.

- Eu tenho que ligar para o sargento Ames e ele me levará para identificar... identificar o corpo.

- Eu farei isso por você - ele disse suavemente.

Ela observou os olhos azuis.

- Eu farei isso - ela disse - Se você for comigo.

Ele sorriu.

- Claro que irei - o sorriso sumiu - Como ela morreu?

- Eu não sei. Os policiais ainda não tem certeza. Ele disse que eles terão que fazer uma autópsia para descobrir a causa da morte - ela encostou a bochecha no peito largo - O apartamento dela vai ter que ser revistado e as coisas serão retiradas. Então eu terei que decidir se ela será cremada ou levada a Jacobsville para ser enterrada perto de nossos pais.

- Rachel não se importaria com o que você fizesse - ele disse friamente.

- Eu prefiro cremá-la - ela disse triste. Ela não queria mencionar que a despesa para transportar um caixão até Jacobsville era muito alta para ela. Ela tinha certeza que Rachel não possuía seguro de saúde, ou seguro de vida. E mesmo que ela tivesse, não havia dúvidas de que Jerry havia sido posto como beneficiário. Mas aquilo ainda deixava Ivy com as despesas do funeral.

- Nós veremos isso depois - Stuart disse depois de um minuto - Coisas mais importantes primeiro. Nós vamos até o necrotério, então procuraremos uma funerária. Depois que nós acertarmos tudo, vamos até o apartamento e veremos o que tem que ser feito por lá.

- Você faz tudo parecer tão simples - ela comentou.

- A maioria das coisas é. É só uma questão de organização.

Ela sentou no colo dele, observando os olhos claros.

- Desculpe. Eu a perdi quando vi você. Eu pensei que teria que lidar com tudo isso sozinha.

Ele pegou um lenço branco e entregou a ela.

- Seque os olhos. Em seguida nós ligaremos para o sargento e começaremos o processo. Ok?

Ela sorriu.

- Ok.

_

Stuart tentou evitar que ela visse Rachel, mas ela insistiu. Ela queria ver como a irmã estava.

Era horrível. Rachel estava cinza. Não havia expressão em seu rosto, embora estivesse com uma pomada e muito magra. Ela estava horrível, mas definitivamente era Rachel.

Stuart e o sargento Ames a levaram até o escritório, onde eles sentaram em volta da mesa e beberam copos de café até Ivy sentir-se forte o suficiente para falar.

- Nós faremos uma autópsia - Ames disse a eles - Mas o médico especialista disse que é quase certeza que ela morreu de uma overdose excessiva de cocaína.

- É por isso que ela está desse jeito? - Ivy perguntou, secando os olhos com o lenço de Stuart - Eu quero dizer, sua face parece estar coberta com uma pomada.

- É a droga que ela estava usando - ele respondeu - É a droga mais potente que nós estamos enfrentando. Ela empalidece o usuário. Alguns meses de uso e eles parecem com zumbis.

- Por quê? - ela perguntou repentinamente - Por que alguém usaria isso em primeiro lugar?

- Pessoas vêm fazendo essa pergunta há anos, e nós ainda não temos a resposta. É uma das drogas mais viciantes - o detetive disse gentilmente - Quando ela entra no sistema, as pessoas vão literalmente matar para consegui-la.

- Que horrível - ela disse, e expressou-se bem.

- Desde quando ela usava? - ele perguntou a Ivy.

- Desde que ela estava no colegial - ela disse a ele sombria - Eu contei ao meu pai, mas ele não acreditou em mim. Ele disse que Rachel nunca usaria drogas - Ela riu amargamente - Ela vinha nos ver quando estava muito alterada, e meu pai nunca percebeu.

- O pai dela bebia - Stuart disse solenemente - Eu acho que ele não percebia muitas coisas.

Ivy suspirou.

- Eu nunca pensei que ela acabaria assim.

- E o namorado dela? - Stuart quis saber.

Ames pigarreou.

- Nós estamos na busca de incriminações contra ele, mas mesmo assim, ele sai da cadeia a qualquer hora, e volta às antigas trapças. Um casal de clientes dele são figuras poderosas na cidade.

- Em todos os shows da televisão os bandidos são presos - Ivy lembrou.

Ames arqueou a sobrancelha.

- Eu queria que fosse assim. Não é. Por centenas de razões, contrabandistas de drogas nunca pegam as sentenças que eles merecem.

- Quando eles farão a autópsia? - Ivy perguntou.

- Provavelmente esta noite - Ames disse - Eles não estão com o serviço acumulado, pela primeira vez em meses. Já que nós temos uma causa de morte, podemos decidir até onde ir a partir daí.

- E o apartamento dela? - Ivy perguntou - Tudo bem se nós formos até lá?

- Sim - ele respondeu e, procurando na gaveta do meio da escrivaninha, pegou uma chave - Esta é uma copia da chave do apartamento dela, que nós conseguimos na propriedade. Eu achei que você precisaria de acesso, então eu a fiz. Nós já visitamos o apartamento.

- Eu vou precisar limpá-lo e empacotar algumas heranças de família que ela guardou, então as levarei para casa comigo - Ivy disse estupidamente.

- Você conhece Jerry Smith? - o detetive perguntou.

- Eu o vi poucas vezes - ela respondeu - Eu nunca gostei dele. Eu tenho enxaquecas - ela acrescentou - Ele veio para casa com Rachel quando nosso pai morreu. Eu tive dor de cabeça e ele trocou meus remédios por narcóticos poderosos. Eu percebi

que ele havia trocado minhas pílulas por algo, e me recusei q tomar. Ele pensou que era engraçado.

Stuart parecia irado.

- Você nunca me disse isso - ele acusou.

- Eu sei o que você faria se descobrisse - ela respondeu - Aquele homem parece ter contatos perigosos.

- Eu tenho alguns também - Stuart respondeu seco - Incluindo dois Texas Rangers, um agente do FBI e nosso xerife local. Você deveria ter me contado.

Ela o olhou carrancuda.

- Eu fiquei aliviada quando Rachel e Jerry foram embora para Nova York.

- Eu não estou surpreso - o sargento disse - Eu tenho os documentos de sua irmã na portaria. Se você vier comigo, eu lhes entregarei. Você terá que assinar os papéis.

- Tudo bem - ela levantou-se, sentindo o corpo pesado - Obrigada por ser tão gentil.

- É o meu trabalho - ele lhe assegurou.

_

Stuart havia alugado uma limusine. Ivy achou fascinante. Ela desejou não ser tão transparente com ele. Ele parecia divertido com a vontade dela de saber tudo sobre o transporte caro.

Ele mandou o motorista esperar por eles na porta do apartamento de Rachel. Ele acompanhou Ivy até o segundo andar e abriu a porta. Estava do modo como Rachel o havia deixado, exceto pela linha branca que indicava o corpo dela for a encontrado.

Era a evidência gráfica da morte da irmã. Ela parou lá por um momento até conseguir controlar as emoções.

- Eu não sei por onde começar - ela disse.

- Tente o banheiro - Stuart ajudou - Eu vou olhar as gavetas na sala de estar.

- Ok.

Ela entrou no quarto de Rachel, os olhos grudados na colcha rosa, os sapatos velhos, as cortinas finas. Rachel sempre havia dito a todas as pessoas que estava conseguindo bons papéis na Broadway e ganhando muito dinheiro. Ivy havia acreditado.

Mas ela deveria ter percebido que Rachel não teria sido tão persistente sobre o dinheiro do pai se não estivesse precisando dele. Uma mulher rica não precisaria do dinheiro dos pais.

Ivy abriu a gaveta do criado mudo, se sentindo uma ladra enquanto o vasculhava. Havia um livro pequeno com uma capa bordada. Um diário. Inevitavelmente, Ivy o colocou no bolso da jaqueta e foi até o guarda-roupa.

Não havia quase nada no guarda-roupa a não ser uma lingerie de seda desgastada e roupas íntimas. O closet, entretanto, foi uma surpresa. Dentro dele estavam dez vestidos de noite glamorosos e caros e dois casacos. Ivy os tocou. Pele. Pele real. Havia sapatos de salto alto caros de todas as cores do arco-íris na parede do closet.

Ela abriu a caixa de jóias e engasgou. Eram jóias extravagantes, claro, mas não pareciam baratas. Havia esmeraldas, diamantes e rubis em anéis, colares e brincos. Pareciam com as jóias da coroa real. O que Rachel teria feito para conseguir tudo aquilo?

Stuart entrou, as mãos enterradas no bolso, a teste franzida.

- Ela tem uma televisão de plasma grande, um DVD topo de linha e uma mobília que veio de lojas de antigüidade exclusivas. Como ela conseguiu tudo isso sem ter meios visíveis de se sustentar?

- É uma boa pergunta - Ivy respondeu - Veja isto.

Stuart observou as jóias por cima do ombro dela. Ele pegou um anel e olhou a inscrição dentro.

- Ouro dezoito quilates - ele murmurou - As pedras são reais, também.

- Você acha que ela os roubou? - Ivy perguntou preocupada.

- Eu não acho que ela os tenha comprado - ele respondeu - Tem mais de cem mil dólares aqui nessa maleta.

A respiração dela era audível.

- Eu achei que fossem bijuterias fantasiosas.

Ele ergueu o queixo dela até que ela pudesse encará-lo.

- Você não sabe muito sobre luxúria, sabe querida? Ele perguntou suavemente. Ele se inclinou e tocou os lábios dela gentilmente com os seus - Eu gosto de você desse jeito.

O toque da boca dele estava quase a derrubando, mas ela não podia esquecer o fato em questão.

- Como você acha que ela conseguiu tudo isso? - ela insistiu.

- Se ela estava saindo com um milionário, ele pode tê-la presenteado com elas.

- A esposa dele vai querer as jóias de volta.

Ele hesitou.

- Se ela souber da existência delas - ele franziu a testa - Eu estou surpreso por Ames não tê-las pegado e levado até a delegacia.

- Talvez ele pensasse que elas fossem falsas também.

Ele discordou.

- Não. Aquele cara entende sobre o trabalho. Ele deve ter alguma câmera instalada aqui, esperando para ver se alguém leva as jóias.

- Não é uma má idéia - ela murmurou.

Ele fechou o porta-jóias.

- Não, não é - ele checou o relógio - Já é hora do almoço. Nós podemos ir ao meu hotel e pedir ao serviço de quarto para nos levar algo.

- Eu tenho meu próprio quarto - ela o lembrou.

- Nós vamos cancelá-lo e pegar sua bagagem - ele respondeu - Eu não vou deixar você longe da minha vista - ele acrescentou sombriamente - Especialmente quando nós não sabemos exatamente porque sua irmã morreu.

Ela começou a argumentar. Ele levantou uma mão.

- Eu não vou desistir ou esquecer a idéia. Somente venha comigo e não discuta.

- Você é muito dominador - ela acusou.

- Anos de trabalho com gado me afastaram da sociedade educada - ele disse com um brilho nos olhos claros.

Ela sorriu.

- Tudo bem - ela disse depois de um minuto. Ela não se importava em ser guiada naquele momento. Ela estava vencida. Ele pegou a caixa de jóias e pôs nas mãos dela.

- O namorado dela vai dizer que elas pertencem a ele - ele disse - Mas ele não conseguirá sem uma boa briga. Nós as colocaremos em um cofre no banco enquanto isso.

- É uma boa idéia - ela concordou - Ele pode não ter matado-a, mas ele a ajudou a chegar onde está agora. Ele não deve lucrar com a morte dela.

- Eu concordo.

_

No caminho para o hotel, ele parou em um banco onde obviamente possuía uma conta e pediu para acessar seu próprio cofre. Eles depositaram a caixa de jóias dentro. Ele pediu para falar com um dos vice-presidentes do banco, que saiu de seu escritório, sorrindo, para encaminhar Stuart à sala. Stuart perguntou a ele sobre alguma funerária na cidade e foi informado sobre uma de boa reputação. O empregado do banco deu o número a Stuart.

Quando eles voltaram à limusine, Stuart discou o número e falou com um dos agentes funerários. Ele marcou um encontro com eles naquela tarde para combinar os detalhes. A casa funerária iria arrumar o transporte do corpo de Rachel quando o médico especialista o liberasse. Em seguida eles foram até o hotel de Ivy e pegaram sua bagagem. Stuart, apesar dos protestos, pagou a conta.

- Nós podemos discutir isso quando voltarmos para casa - ele disse a ela.

O quarto de hotel dele fez o dela parecer um armário. Era uma cobertura, uma daquelas que eram usadas em visitas presidenciais, ela imaginou. Stuart a trouxera por garantia. Ele ligou para o serviço de quarto e pediu comida.

- Você deveria ter pedido mais do que isso - ele disse enquanto ela comia um prato de sopa de batatas.

- É tudo que eu conseguiria comer - ela disse simplesmente - Não foi o melhor dia da minha vida - ela abaixou a colher - Eu não acredito que já tenha me estabelecido - ela acrescentou solenemente - Eu me sinto perdida.

- Me senti assim quando meu pai morreu - ele disse, abaixando o garfo. Ele encheu os copos de café para eles antes de falar novamente - Eu tinha certeza de que o odiava. Ele passou a vida inteira tentando me tornar aquilo que ele não fora. Mas quando aconteceu, eu fiquei devastado. Você não percebe o quanto um pai, qualquer pai, é importante na sua vida até que o perca.

- Sim - ela concordou - Ninguém mais ocupa tanto sua mente como um pai. Meu pai era ruim comigo. Ele sempre preferiu Rachel, e nunca tentou esconder isso - ela suspirou - Talvez tenha sido bom eu descobrir que não sou sua filha. Isso torna o passado mais fácil de enfrentar. Eu gostaria de ter certeza.

- Nós vamos descobrir. Eu prometo que iremos.

Ela olhou para ele através da mesa.

- Você deve estar perdendo negócios importantes enquanto está aqui comigo - ela disse.

Ele discordou.

- Não há nada que não possa ser resolvido pelos meus assistentes. É por isso que eu contrato pessoas qualificadas, assim eu posso delegar autoridade quando preciso.

Ela sorriu.

- Fico feliz. Eu poderia ter lidado com isso sozinha. Mas estou feliz por não ter precisado.

Ele terminou o café e pôs o guardanapo sobre a mesa. Os olhos claros prenderam os dela do outro lado da mesa.

- Eu nunca deixaria você passar por isso sozinha - ele disse baixo.

As palavras eram mundanas, mas os olhos diziam coisas que faziam o coração dela pular até a garganta. As bochechas dela coraram suavemente.

Ele sorriu devagar, fracamente.

- Agora não - ele disse em um tom profundo, lento - Nós temos muito que fazer. Trabalho agora. Diversão depois.

O rubor aumentou. Ela levantou da mesa, cambaleando com o copo de café durante o processo.

Ele sorriu. Ela era tão transparente como um copo para um homem com experiência. Ao ver o prazer irremediável no rosto dela, ele se sentiu gigante. Ele estava feliz por ter vindo à Nova York. E não só porque Ivy precisava de ajuda.

_

Eles sentaram na sala do agente funerário, terminando os arranjos para Rachel. Ivy decidiu cremá-la; Era barato, e Stuart havia mencionado que estava viajando com seu próprio avião. Não haveria problema em levar a urna com as cinzas de Rachel seguramente.

Ela segurou uma urna ornada em preto e dourado.

- Eu pedirei ao nosso agente funerário local para colocá-la junto ao papai - ela disse a Stuart.

- Algumas pessoas mantêm as cinzas em casa - o diretor lembrou.

- Não, eu não acredito que poderia viver na casa se Rachel estivesse por perto - Ivy disse baixo - Como você pode ver, minha irmã e eu não nos dávamos muito bem.

O homem sorriu.

- Eu não consigo me entender com meu irmão. Eu sei como você se sente.

Eles voltaram ao escritório e Ivy assinou os papeis necessários além do cheque para cobrir as despesas, apesar dos protestos de Stuart.

Mais tarde, na limusine, ele expressou sua desaprovação.

- Você já tem muito que fazer para se sustentar - ele disse brusco - O custo do funeral de Rachel não é nada para mim.

- Eu sei - ela respondeu - Mas você tem que entender como eu me sinto, Stuart. Ela é minha irmã, minha responsabilidade.

Ele pegou a mão dela e segurou firme.

- Você sempre foi uma mocinha independente - ele murmurou, sorrindo para ela.

Ela sorriu de volta.

- Eu gosto de sentir que posso ficar sobre meus próprios pés e me sustentar - ela respondeu - Eu nunca tive vida própria enquanto Rachel estava viva. Ela era pior que papai ao tentar me controlar.

Ele torceu os lábios.

- Eu percebi um duplo significado?

Ela sorriu.

- Não. Bem, sim. Você também tenta me controlar - ela olhou para ele curiosamente - E eu não sei por quê. Você estava saindo com uma bela debutante. Tinha uma fotografia de vocês em um tablóide duas semanas atrás - ela acrescentou e corou porque parecia ciúmes.

Ele apenas sorriu.

- Aquela foto foi tirada quatro anos atrás. Só Deus sabe por que eles a republicaram.

Ela piscou.

- O quê?

- A fotografia foi tirada anos atrás. Vê isso? - ele indicou uma gravata que ela Havia lhe dado de aniversário três anos atrás - Eu sempre a visto com meus ternos. Olhe a foto e veja se você a encontra.

De fato, ela não a viu na foto. Ela se sentiu maravilhada por ele ter dado tanto valor a um presente barato. E ele a vestia constantemente.

- Você gosta muito dela? - ela perguntou, divertida.

Ao invés de uma resposta direta, a mão dele deslizou pelo colar dela e abaixou trazendo uma cruz de ouro que havia lhe dado no natal de três anos atrás - Você nunca a tira - ele disse, a voz profunda e lenta - Está em toda foto sua que minha irmã tira.

- É muito bonita - ela balbuciou. O toque dos dedos dele contra a pele suave dela era inebriante.

- Sim, é. Mas não é por isso que você o usa, assim como eu não uso a gravata somente porque é bonita.

Ele estava insinuando algo muito íntimo. Ela observou os olhos claros se estreitarem, escurecendo, e a respiração dela ficou presa na garganta.

- Nós dois estamos guardando segredos, Ivy - ele disse em um tom suave, profundo - Mas não por muito tempo.

Ela procurou os olhos azuis, procurando por um pouco de sentimento que combinasse com o dela. Ele era familiar, querido. Quando ela e Merrie estavam no colegial, ela ficava sem ar quando ele entrava em uma sala. Ela não havia percebido, então, que os sentimentos que a assolavam quando ele estava por perto era puro desejo.

Ele traçou a linha dos lábios dela com o dedo, fazendo-a estremecer. Ele sorriu tão terno que ela acreditou que poderia voar. Qualquer idéia que ela tivesse de que ele estava brincando com ela desapareceu. Nenhum homem olhava para uma mulher desse modo a menos que se importasse, mesmo que fosse pouco.

Capítulo 8

Ivy sentiu o chão sumir debaixo de seus pés quando encarou Stuart. O olhar dele pousou sobre o dela suavemente, e permaneceu lá até que o coração dela ameaçou explodir no peito. Ela observou a boca dura e lembrou, oh, muito bem, o toque dela sobre a sua. A necessidade era uma como uma sede desesperada que não podia ser saciada. Ela começou a se mover em direção a ele. A mão dele se contraiu. A face endureceu. Ela pôde enxergar a intenção nos olhos dele antes mesmo dele alcançá-la.

Então, o carro se moveu para frente quando a cor do semáforo mudou, separando-os antes que pudessem se aproximar.

Ivy sorriu ofegante, nervosa, tímida e pegando fogo com o desejo crescente. Ele ergueu uma sobrancelha.

- Você está segura - ele murmurou, embora ainda apertasse a mão dela - Mas não se sinta muito confortável.

Ela apenas sorriu. Os olhos dele prometiam o paraíso. Parecia impossível eles terem sido inimigos por tanto tempo. Esse homem sexy, familiar, belo e decidido ao lado dela havia se tornado alguém que ela não conhecia. A visão do futuro se tornou excitante. Mas enquanto ela sentia o impacto de seus sentimentos por ele, ela se lembrou de porque estava em Nova York. Os sonhos teriam que esperar um bom tempo.

Eles voltaram ao apartamento de Rachel para arrumar as coisas. Stuart desceu para falar com o zelador do apartamento. Ivy ficou no quarto e começou a vasculhar as gavetas novamente.

Ela achou um álbum de fotos. Ela sentou com ele no sofá e o abriu. Como esperava, as fotos eram todas de Rachel. Havia uma do pai delas, sentado na varanda da casa deles. Haiam algumas da mãe delas. Não havia uma única foto de Ivy no álbum. Isso magoou. Mas não era inesperado.

Ela colocou o álbum de lado e pegou uma carta, endereçada a Rachel e registrada como particular. Era invasão. Ela se sentiu culpada. Mas ela tinha que saber o que estava na carta, especialmente depois que viu o endereço de retorno. Era uma papelaria cara, e o endereço de retorno era um cartório no Texas.

Quando começou a abrir a carta, escutou passos. Eles não eram de Stuart. Ela levantou e pôs a carta no bolso no momento em que a porta se abriu.

Jerry Smith entrou no apartamento como se ele o pertencesse. Ele estava sombrio e furioso. Os olhos estreitos se focaram em Ivy com algo parecido com ódio.

- O que você está fazendo aqui? - Ivy perguntou friamente.

Ele fechou a porta atrás dele e sorriu. O sorriso era preguiçoso, com duplo sentido. Ele a olhou como se ela fosse uma mulher de rua aguardando o prazer dele.

- Então, é a irmãzinha, que veio procurar pelo tesouro enterrado, certo? Não se sinta muito confortável aqui, querida. Tudo nesse apartamento é meu. Eu paguei por tudo isso - ele abriu os braços por toda a sala - Você não deve roubar coisas que não pertencem a você - ele acrescentou em um tom sarcástico.

Ela teria recuado há um ano. Mas ela tinha passado muito tempo ao lado de Stuart para ter medo, especialmente quando ele estava tão perto e podia retornar a qualquer minuto. O maldito vendedor de drogas não sabia disso, e era a carta na manga dela.

- Todas as fotografias, pertences e quadros aqui são minhas - ela retornou friamente - Você não tem que ficar com as lembranças de minha família.

- Pertences - ele fez a palavra soar revoltante - Rachel pensou que eles valiam uma fortuna, porque eram feitos a mão. Ela os levou até o dono de um antiquário. Ele disse que eles eram quinquilharia. Ela tentou dá-los embora, mas ninguém os quis. Ela os usou para empacotar os seus cristais, para onde ela planejasse mudar no próximo mês - ele zombou - Eu acho que ela não vai se mudar para lugar nenhum.

O alívio dela ao saber que os pertences não haviam sido jogados fora desapareceu quando ele fez aquela observação estranha.

- Rachel nunca disse nada sobre se mudar. Ela ia morar aonde?

- De volta para a cidadezinha estúpida de vocês, aparentemente - ele disse - Ela possuía uma casa lá.

- Ela não tem - Ivy respondeu, e se sentiu culpada por ficar aliviada. Rachel havia planejado mudar-se e tornar Ivy sua escrava pessoa - Ela vendeu a casa dois anos atrás.

- Tanto faz. Ela não se lembrava de muita coisa. Eu a avisei sobre aquela porcaria de droga. Eu não a vendo, porque é muito perigosa, mas ela ficou viciada e não conseguiu parar.

- Você a matou? - Ivy perguntou seca.

- Eu não precisei - ele murmurou - Ela ficou em coma a metade do tempo, desde que perdeu a parte na peça que ia fazer na Broadway alguns meses atrás. A mulher do amante dela conhecia o produtor. Ela fez com que ele dispensasse Rachel, então ela a ligou e contou tudo para Rachel. Ela prometeu a Rachel que ela não conseguiria uma peça nunca mais. Foi quando ela chegou ao fundo do poço.

- Eles estão fazendo a autópsia.

Ele concordou.

- Eles sempre fazem quando as pessoas morrem repentinamente. Eu não a matei - ele repetiu - Ela se matou - ele olhou em volta, os olhos se estreitando - Não tire nada daqui até que eu tenha tempo para ver tudo.

- Eu já levei as jóias ao banco para ficarem mais seguras - Ivy disse.

- Você fez o quê? - ele se moveu em direção a eles, as mãos apertadas ao lado do corpo - Aquelas jóias valem uma fortuna. Ela as conseguiu com o velho que estava saindo.

- Isso significa que elas pertencem a ele - Ivy respondeu.

-Você as devolveria a ele, não? - ele zombou - Deus, que idiota você é! Vamos fazer o seguinte, você me dá metade delas e eu esquecerei tudo.

- Você só pode comprar pessoas desonestas - ela disse baixo - Eu não me importo muito com dinheiro. Eu quero o suficiente para me sustentar.

- Rachel teria ficado com tudo!

- Sim, ela teria. A vida inteira ela só pegava, pegava e pegava. O único ser humano com quem ela realmente se preocupava era si mesma.

- Bem, você não é cega, é? - ele entrou no banheiro e abriu as gavetas enquanto Ivy esperava que Stuart voltasse logo. Segundos depois, Jerry saiu do banheiro.

- Onde está?

Ela piscou.

- Onde está o quê?

- O livro de finanças.

Ela franziu a testa.

- Que livro de finanças? Não havia nenhum livro de finanças aqui!

Ele ficou pálido.

- Tem que estar aqui - ele murmurou para si mesmo. Ele começou a vasculhar as gavetas da sala de estar, pegando coisas, espalhando-as - Tem que estar aqui!

Ela não podia entender porque ele estava tão desapontado. Obviamente havia algum tipo de registro de aluguel e outros gastos, mas quem guardava um livro de finanças nos dias de hoje?

- Não estaria no computador? - ela perguntou, indicando o laptop na mesa da sala.

- O quê? O computador? - ele ligou o computador e vasculhou os arquivos, um a um, respirando fundo enquanto os lia - Não, não está aqui! - ele olhou-a por cima do computador - Você o pegou, quando pegou as jóias, não? - ele gritou - Você pegou minhas coisas também?

Ele voltou ao banheiro. Barulhos altos vinham do cômodo. Ele voltou com algumas bolsas pequenas de pó branco.

- Pelo menos só um está faltando - ele disse, mais para si mesmo. Ele colocou as trouxinhas no bolso da calça. Ele olhou para Ivy - Eu não sei qual é o seu jogo, mas é melhor que você encontre o livro, e rápido, se você sabe o que é bom para você.

- Que livro? - ela perguntou - Pelo amor de Deus, minha irmã acabou de morrer! Eu não estou interessada no seu livro de contas caseiras!

Ele a olhou de novo.

- Ela tinha seguro de vida? - ela perguntou, forçando-se a ficar calma - Algum seguro político?

- Ela não esperava morrer tão jovem - ele respondeu - Não, não há seguro de vida - ele sorriu friamente - Você pode deixar o apartamento e seu conteúdo para mim. Agora quanto à herança pode pegar o que quiser, e então dê o fora daqui!

Ela queria argumentar, mas Stuart chegaria logo, e antes que Jerry conseguisse o que queria, ele não a deixaria voltar novamente. Ela pegou as esculturas do armário, deixando os cristais empilhados cuidadosamente no chão. Ela pegou o álbum de fotos, ainda que a maioria das fotos fosse de Rachel. Ela não pegou nenhum dos vestidos, camisolas, sapatos ou casacos. A vida inteira de Rachel se resumia a coisas frívolas. Não havia um único livro no apartamento inteiro.

Pegando as esculturas e o álbum de fotos, voltou para a sala, onde Jerry estava abrindo gavetas, procurando o misterioso livro.

Ele pareceu surpreso quando viu o que ela pegara.

- Haviam vestidos de noite no armário. Não está interessada neles? Você e Rachel eram quase do mesmo tamanho.

- Eu posso comprar minhas próprias roupas - ela respondeu. Era uma ferida profunda. Apenas uma vez, quando tinha dezesseis anos, ela havia pedido emprestado um vestido à Rachel para usar na formatura. Rachel havia perguntado por que, e Ivy havia confessado que um garoto legal da loja de doces a havia convidado para a festa. Então quando ele chegou a sua casa, Rachel havia flertado com ele e antes dele partir, Rachel havia o convencido a levá-la a Houston para ver uns amigos na mesma noite da

formatura. Então Rachel havia negado o vestido a Ivy, acrescentando que ela não ia precisar dele já que não tinha mais um encontro.

- Rachel mandou algo para que você guardasse para ela? - Jerry insistiu.

- Rachel só me ligava quando queria que eu mandasse algo para ela - ela respondeu - Ela não confiaria em mim por nada. Nunca confiou.

- Sim, ela disse que você roubou as coisas dela enquanto ela estava vivendo em casa.

O rosto de Ivy ficou vermelho de ódio.

- Eu nunca peguei nada dela. Era ao contrário. Ela podia contar uma mentira para qualquer um e eles acreditavam. Era o maior talento dela.

- Eu acho que você tinha ciúmes dela, porque ela era tão bonita - ele replicou.

- Eu não tenho inveja de pessoas que não tem coração.

Ele sorriu friamente.

- A beleza compensa o caráter.

- Não em minha concepção.

Ele se moveu em direção a ela, notando o movimento de recuo. Ele sorriu zombeteiramente.

- Talvez nós pudéssemos passar algum tempo juntos. Você não é bonita, mas tem espírito.

- Eu preferiria passar o tempo com uma cobra.

Ele ergueu uma sobrancelha.

- A decisão é sua. Eu acho que você vai morrer sozinha naquela cidadezinha medíocre - ele tocou os longos cabelos loiros - Você poderia ter alguns doces momentos se ficasse aqui comigo.

A porta abriu e o rosto de Jerry ficou rígido, o homem alto e perigoso viu o que Jerry estava fazendo, caminhou em direção a ele, tirou a mão dele do cabelo de Ivy e literalmente o empurrou para longe.

- Toque-a novamente e eu quebrarei o seu pescoço - Stuart disse, com seu próprio tratamento ameaçador.

- Hey, cara, estou fora - ele disse, antes de se afastar ainda mais com as duas mãos levantadas, palmas para frente.

O homem arrogante e presunçoso de minutos antes estava corado de raiva, Ivy não o culpou. Stuart zangado era formidável. Ele nunca perdia o controle sobre si mesmo, mas ele nunca recuava quando confrontado. O mais bravo de seus cowboys o temia no rancho.

Ivy sentiu o alívio crescendo dentro dela. Instintivamente ela ficou mais próxima de Stuart - tão perto que podia sentir a força e calor do corpo dele. Os braços dele deslizaram pelos ombros dela, segurando apertado. Ela se sentiu segura.

- Eu só estava dizendo a Ivy que essas coisas são minhas - Jerry disse, mas em um tom fraco - Meu dinheiro pagou por elas.

- E eu disse a ele - Ivy respondeu - que tudo que eu queria era a herança de minha família que Rachel mantinha aqui. Eu já peguei... três esculturas e um álbum de fotos - ela estava segurando eles.

- Pronta para ir? - Stuart perguntou calmo, mas seus olhos frios estavam prendendo Jerry na parede.

- Sim - ela disse.
- Tudo bem, então.

Ela pegou a bolsa da mesa e passou pela porta. Stuart lançou um último e tempestuoso olhar a Jerry antes de fechar a porta atrás deles.

- O contrabandista, adivinhei? - ele perguntou a Ivy, ajudando com as esculturas.

- Sim. Ele estava sendo bem desagradável antes de você chegar. Obrigada por me salvar.

Ele suspirou.

- Você estava se saindo muito bem, pelo que eu vi - Ele guiou-a até o elevador e pressionou o botão para o térreo - Pelo menos você não precisa do apartamento e de seu conteúdo.

- Sim, um problema resolvido - ela olhou para ele - Ele estava desesperado para encontrar um livro de finanças que Rachel possuía. Ele ficou apavorado quando não o encontrou.

- Você o achou? - ele perguntou.

Ela balançou a cabeça.

- Não vi nenhum livro. Ele ficou furioso pelas jóias também - ela acrescentou.

- Ele pode tentar pegá-los de volta se quiser. Eu tenho ótimos advogados.

- Eu disse a ele que elas voltariam para o milionário que as deu a Rachel - ela respondeu.

Ele riu.

- Isso deve tê-lo deixado nas alturas.

- Ele ficou perturbado. Eu percebi isso - ela corou - Mas como eu vou descobrir quem é ele?

- Eu vou cuidar disso - ele disse, tão fácil que Ivy relaxou - Você só tem que se preocupar com o funeral. E eu lhe ajudarei com isso.

- Você está sendo tão gentil - ela disse.

Ele levantou uma mão.

- Não comece.

Ela sorriu.

- Tudo bem. Mas obrigada assim mesmo.

- Eu não poderia deixar você fazer tudo sozinha - ele saiu com ela do elevador e foram até a limusine, que estava esperando por eles na entrada. Stuart falou com o motorista e ele saiu da vaga e andou pela frente do apartamento.

As estátuas foram colocadas no porta-malas e Stuart ajudou Ivy a entrar na limusine.

Eles voltaram ao hotel. Ivy se sentia vazia. Ela não havia feito muito, mas o stress da situação estava acabando com seus nervos.

- Você pode ficar com a suíte principal - ele disse - Eu ficarei com a do outro lado da sala de estar...

- Mas eu não preciso ficar com aquele quarto enorme - ela protestou - Por favor. Eu prefiro ficar com o quarto menor.

Ele suspirou.

- A decisão é sua - ele colocou a mala dela na cama do quarto e pequeno e a deixou para que pudesse desfazê-la - Por que você não deita um pouco e descansa? Eu tenho que fazer algumas ligações. Então nós nos veremos na ceia.

- Eu não tenho nenhuma roupa de sair comigo - ela disse enquanto abria a mala - Oh, não - ela murmurou, corando ao perceber que havia empacotado apenas um par de meias, duas blusas e um par extra de sapatos. Ela havia esquecido que ia precisar passar a noite em Nova York.

- O que foi? - ele perguntou.

- Eu não trouxe uma camisola...

- Isso é tudo? - ele torceu os lábios, deixando os olhos deslizar pelo corpo dela

- Eu posso cuidar disso. Eu volto logo. Não abra a porta - ele acrescentou firme. Ele não disse por quê. Ele tinha certeza que os tablóides descobririam a história, e algum repórter desagradável poderia facilmente descobrir que Ivy estava na cidade para acertar os detalhes para o enterro da irmã. Ele não queria que Ivy fosse incomodada.

- Eu não atenderei a porta.

Ela queria oferecer-lhe um pouco de dinheiro para comprar uma camisola, mas não tinha. A viagem e os taxis haviam arruinado-a.

Ele saiu antes que ela pudesse fazer a oferta. Ela tirou os sapatos e colocou a mala aberta sobre a poltrona. Então ela deitou na cama confortável, com suas próprias roupas. Ela não pretendia dormir, mas acabou cochilando. O longo dia havia finalmente a vencido.

Ela acordou com o cheiro de café recém feito. Ela começou a se sentar antes mesmo de abrir os olhos, e um soluço masculino quebrou o silêncio.

- É assim que eu reajo a café fresco quando estou dormindo - ele murmurou, parando próximo a ela com uma xícara e pires. A xícara estava fumegando. Ele a entregou para Ivy - Cuidado, está quente.

Ela sorriu ruidosamente enquanto a segurava. A cor disse que ele havia acrescentado creme. Ele havia lembrado que ela só gostava de creme no seu café. Era fantástico. Era excitante. Assim como o modo que ele a olhava.

- Com fome?

- Eu poderia comer - ela respondeu.

- Eu pedi que o serviço de quarto nos trouxesse uma porção e cortes frios - ele disse a ela - Venha quando estiver pronta.

Ela levou um minuto para lavar o rosto e prender o cabelo antes de se juntar a ele na sala de estar da suíte. A mesa tinha uma porção de vegetais crus com vários temperos, assim como carnes frias, pães e condimentos.

- Pegue um prato - ele lhe ofereceu um - Eu gosto de bife e salada, mas é muito tarde para um prato pesado. Especialmente para você - ele acrescentou, estudando-a - Você precisa dormir.

Ela corou.

- Eu não consegui dormir desde que aconteceu - ela confessou - Eu sempre soube que Rachel poderia ter uma overdose. Mas ela já usava drogas há tantos anos sem nenhuma consequência drástica.

- Qualquer um pode tomar várias pílulas - ele disse - e morrer sem significado.

- Sim, como o irmão de Hayes - ele lembrou - Hayes ainda não superou, e já fazem anos que o irmão dele morreu.

Ele não gostou da referencia a Hayes, e demonstrou. Ele não respondeu. Ele segurou um prato e sentou com seu próprio copo de café.

Ela sentou-se à mesa sozinha, comendo a comida que parecia não ter gosto. Ele estava mais taciturno do que o normal. Ela perguntou-se porque a menção de Hayes o desanimou daquele modo. Talvez eles fossem rivais pela afeição de uma mulher. Ou talvez fosse apenas porque ele não queria que a irmã se envolvesse seriamente com Hayes.

- Ele não é uma má pessoa - ela aventurou-se.

Ele olhou para ela.

- Eu disse que ele era?

- Você não deve dizer a Merrie com quem deve namorar - ela acrescentou.

Ele pareceu totalmente surpreso.

- Merrie?

- Ela e Carson são amigos - ela insistiu - Isso não significa que ela quer se casar com ele.

Ele não respondeu. Ele franziu a testa pensativamente e bebeu o café.

Ela não entendeu o comportamento estranho. Ela terminou a comida e o café. Ela estava acabada, e os arranjos não haviam acabado. Ela ainda tinha a cremação. Havia algo mais, também. Ela estaria totalmente sozinha no mundo agora. O pensamento a deprimiu.

- Você vai ligar ao homem sobre as jóias de Rachel? - ela perguntou.

Ele concordou.

- Amanhã. Nós arrumaremos tudo também - os olhos dele se estreitaram - Eu estou curioso sobre a caderneta que o namorado de Rachel mencionou.

- Eu também - ela disse pensativa - Se ele a quer tanto, deve ter algo haver com seus clientes.

Ele não disse nada imediatamente. Ele parecia pensativo, e concentrado.

- Eu ouvi dizer que Rachel sabia onde comprar drogas em Jacobsville. Nós sabemos que ela foi um ponto para o tráfico ilícito de drogas no passado. Ainda é - ele franziu a testa - A caderneta deve conter alguma evidência incriminadora, e não só apenas sobre o namorado de Rachel - ele a observou - Você não tem idéia de como ela se parece?

Ela balançou a cabeça.

- Eu não perguntei. Ele estava desesperado - ela alisou o cabelo - Eu gostaria de poder sentir algo - ela disse duramente - Eu sinto por ela ter morrido desse modo, mas nós nunca fomos próximas. Ela fazia tudo o que podia para destruir minha reputação. Eu achei que nós poderíamos nos tornar mais próximas quando ficássemos mais velhas, mas ela apenas me insultava mais.

- Rachel gostava de viver perigosamente - ele disse - Ela não se importava em como alcançar status.

Havia algo no tom dele que a deixou curiosa.

- Ela estudou junto com você no colegial, não?

- Sim - os olhos dele se estreitaram - Ela pregou uma peça em mim. Eu a diminui. Ela era vingativa, e você e Merrie eram melhores amigas.

Aquilo explicava porque Ivy de repente se voltou contra Ivy; ela pensara que a amizade de Ivy com Merrie a aproximava com Stuart. Se Rachel queria Stuart, devia ser horrível para ela saber que Ivy era bem-vinda em sua casa. Rachel deve ter adivinhado o modo como Ivy se sentia em relação a ele, que devia ter lhe dado um motivo para convencer Stuart de que Ivy fosse promíscua.

- Então ela tentou fazer você acreditar que eu era uma vagabunda - Ivy adivinhou.

Ele corou.

- Sim, ela tentou. E infelizmente conseguiu, exceto por Merrie que lhe conhecia e defendeu você.

Ela sorriu.

- Merrie sempre foi mais minha irmã do que Rachel.

- Ela gosta de você também - ele levantou - Cama. Você precisa descansar.

Ela hesitou.

Ele adivinhou porque e suspirou.

- Eu não esqueci - ele pegou uma sacola da Macy's e lhe entregou - Durma bem.

- Eu lhe pagarei - disse com determinação.

Ele grunhiu.

- Como quiser. Boa noite.

- Boa noite - ela hesitou na porta do quarto - Stuart... Obrigada. Por tudo.

- Você faria o mesmo por alguém que precisasse de ajuda - ele disse simplesmente.

Ela sorriu.

- Eu acho que sim.

Ela entrou no quarto e fechou a porta. Quando ela abriu a bolsa, prendeu a respiração. Ele havia comprado uma camisola e um robe para ela. A camisola era de seda verde com rendas brancas arrematando, no comprimento do tornozelo, corpo cinturado e fitas como espartilho. O robe possuía mangas longas e repetia o padrão da camisola. Ela havia suspirado com modelos similares da Macy's e sonhava poder comprar algo tão bonito. Era muito mais bonita do que a camisola que Merrie havia lhe emprestado a um longo tempo atrás. Ela nunca havia conseguido comprar algo como isso com seu salário. Ela não sabia como ia reparar Stuart por isso, mas ela tinha que fazer. Ela não podia deixar que ele comprasse algo tão íntimo para ela.

Ela vestiu a camisola e escovou os cabelos loiros espalhando-os por cima do ombro. Quando ela se olhou no espelho, ficou surpreso com sua própria sensualidade. Aquilo era uma piada. O que ela sabia sobre homens caberia dentro de um envelope.

Ela subiu na cama e apagou a luz. Ela desejou ter algo para ler. Ela nem estava com sono. Em sua mente predominava a visão de Rachel no caixão. Ela tentou afastar o pensamento e se forçou a pensar em um livro que havia lido sobre meteoritos. Aquilo havia fascinado-a e ela sorriu consigo mesma. Stuart provavelmente não conhecia a fascinação dela por pedras espaciais, ou que ela constantemente emprestava livros da biblioteca para aprender mais sobre a estrutura delas. Ela amava pedras. Ela possuía caixas delas em seu apartamento. Todo mundo lhe indagava sobre a quantidade e

variedade. Ela estava sempre procurando por algo diferente. Uma vez ela havia saído a procura de meteoros, e ao invés disso voltou com pontas de projéteis. Merrie dizia que ela deveria estudar arqueologia, e Ivy respondia que não seria uma má idéia.

Mesmo que ela não estudasse formalmente, ela conhecia muitas coisas sobre o assunto. Afinal, todos deveriam possuir um hobby.

Ela fechou os olhos e pensou nas pontas dos projéteis. Ela as havia levado para um professor de antropologia na universidade comunitária, que havia ficado surpreso ao descobrir que elas datavam de seis mil anos atrás. Nunca lhe havia ocorrido que elas pudessem ter mais do que cem anos. Aquilo havia lhe influenciado a pegar mais livros na biblioteca sobre as pontas. Ela ficou surpresa ao aprender que elas podiam ser datadas pelo formato e material do qual eram feitas.

Ela pensou no verão quando tinha dezoito anos. Stuart estava no rancho com os cowboys marcando o gado, para movê-los para um pasto mais verde. Ela havia assistido ele montar na sela e cavalgar como o vento. A visão havia ficado em sua mente quando ele chegou para almoçar. Ela havia percebido a atenção dela sobre ele ao descer da dela com graça.

Ele havia olhado para ela de um modo curioso, os olhos pálidos brilhando.

- Você vai conseguir problemas me olhando desse jeito - ele disse em um tom profundo e lento.

Ela sorriu nervosamente.

- Desculpe. Eu adoro ver você cavalgar - ela acrescentou - Eu nunca vi ninguém que se sentisse tão bem em cima de uma sela.

Ele lhe lançara um olhar estranho.

- Eu fiz rodeios por muito tempo quando era adolescente - ele disse.

- Isso explica porque você o faz tão bem.

Ele havia se aproximado e tocado o cabelo dela. Os olhos dele perscrutavam a face dela, e ele não sorria. Algum magnetismo estranho havia unido-os naquele momento, fazendo com que ela mal pudesse respirar. Ainda agora, quase três anos depois, ela ainda podia sentir a intensidade do olhar que ele lhe lançara. Foi quando ela começou a perceber o que sentia por ele.

Por apenas alguns segundos, os olhos dele haviam deslizado para sua boca e permaneceram lá até ela corar. Ela esperou, ofegante, ele abaixar a cabeça. E ele fizera isso. Então um dos cowboys havia o chamado. Ele havia se afastado como se nada tivesse acontecido. Depois disso, ele havia evitado Ivy. Até a fatídica noite que Ivy havia emprestado uma camisola verde de Merrie...

Em algum lugar uma música tocava suavemente. Talvez Stuart tivesse um rádio em sua suíte. A música era doce, sutil e lenta. Enquanto ela a ouvia, começou a se sentir sonolenta.

Ela era uma garotinha novamente, correndo pelo campo ao redor da casa em que havia crescido. Ela vestia jeans e uma camiseta branca velha e, como sempre, procurava por pedras raras.

Atrás dela, Rachel estava dançando com um vestido branco e sapatos de salto alto, cantando e rodando.

Ivy virou e a chamou, alertando-a para os poços presente no campo. Rachel fez uma careta e disse que sabia o que estava fazendo. Em seguida, ela virou-se e caiu em um poço fundo.

Ivy correu para ela. Rachel estava segurando um pequeno galho no topo do poço, gritando o máximo que podia.

- Se eu cair, direi a todos que você me empurrou - ela ameaçou.

- Eu vou salvar você, Rachel - Ivy gritou - Aqui. Segure minha mão.

- Suas mãos estão sujas - Rachel gritou - Sujas, sujas, sujas! Você é suja. Você não é minha irmã. Eu odeio você! Vá embora! Vá embora!

- Rachel, por favor... - ela implorou.

Mas Rachel afastou a mão. Ela fez um gesto brusco com a mão e se afastou, caindo deliberadamente na escuridão abaixo.

- Você me matou, Ivy. Você me matou! - ela gritou enquanto caía rápido. Então houve um grito, agudo e assustador. Ele continuava e continuava e continuava...

Capítulo 9

IVY. Ivy! Acorde.

Mãos fortes a estavam puxando pelos pulsos. Ela estava sendo erguida, mas alto e alto. Rachel havia caído para a morte, mas sua voz determinada não deixaria Ivy segui-la. Ela respirou fundo e lentamente abriu os olhos.

Os olhos de Stuart estavam lá, perscrutando-a. Ela piscou os olhos sonolenta.

- Acorde, querida - ele disse gentilmente - Você estava tendo um pesadelo.

Ela encarou o rosto dele.

- Rachel não queria minha ajuda. Ela caiu em um poço. Eu não podia salvá-la.

As mãos dele lhe acariciaram os pulsos.

- Foi um sonho. Você está segura.

- Segura.

Os olhos dele deslizaram pelo corpo dela e o rosto pareceu empalidecer.

- Você está quase segura - ele gaguejou.

Ela estava acordada agora, e percebeu porque Stuart estava a olhando daquele jeito. O corpete havia aberto e um dos seios firmes estava totalmente exposto. Stuart estava com as bochechas vermelhas e os dentes estavam apertados, como se estivesse exercendo o máximo do alto-controle.

- Você... você não deveria me olhar desse modo - ela gaguejou quando a cor cobriu as suas próprios bochechas.

- Eu não posso evitar - ele disse bruscamente - Você tem os seios mais bonitos que eu já vi, Ivy.

Ela não poderia ter dito uma palavra para salvar sua vida. Ele sabia disso também. As mãos dele largaram os pulsos para segurar os ombros dela. Os dedos dele acariciaram as alças por cima dos ombros e embaixo dos braços. O corpete caiu na cintura.

Ele vestia somente a calça do pijama de seda. Os pêlos que cobriam o peito largo estavam quase tocando os seios dela.

- Como eu me lembro - ele murmurou - Esse é o ponto de onde nós paramos dois anos atrás. Eu até mesmo arrumei a cor certa da camisola.

Ele arrumara mesmo, mas ela não podia respondê-lo. A essência limpa e sexy do corpo dele atordoava os sentidos dela. Ela sentiu a respiração dele contra os lábios dela enquanto as mãos dele acariciavam os braços delicados. A tensão entre ele torceu-se como uma corda. Ela tremeu quando o prazer ameaçou subir a alturas inimagináveis.

- Que inferno - ele murmurou contra a boca dela - É isso ou ficar louco.

A boca dele se abriu contra os lábios suaves com uma pressão dura e insistente que parecia desespero. Os braços dele a envolveram, grudando os seios firmes aos músculos quentes do peito dele.

Ela gemeu debilmente com o desespero da situação.

Ele hesitou.

- Eu machuquei você? - ele murmurou.

- Oh, não - ela murmurou de volta - Eu não sabia... que me sentiria desse jeito.

Ele sorriu lentamente.

- Não sabia? - ele se inclinou novamente, mas dessa vez sua boca estava menos desesperada. Era terna, hesitante. Ele mordiscou o lábio inferior dela e sorriu quando ela entreabriu os lábios para aproximá-lo. O dedo dele a tocou gentilmente, coagindo a boca dela a abrir-se. Quando ela fez isso, a língua dele lentamente a penetrou.

- Não, não evite - ele murmurou contra os lábios dela - É tão natural quanto respirar...

Ela sentiu ele inclinar-se e a virar, fazendo-a deitar-se sobre o colchão. O corpo poderoso abaixou sobre o dela, uma perna insinuando-se entre as dela por baixo da camisola.

Ela sucumbiu, esperando por mais e ao mesmo tempo assustada.

Ele levantou a cabeça e procurou os olhos arregalados dela. Ele afastou o cabelo das têmporas dela. Metade do corpo dele cobria o corpo dela e a outra metade o restante da cama. Mas ele não parecia estar com pressa. Ele inclinou-se e pousou a boca sobre as pálpebras dela. Ele sentiu os seios dela endurecendo, pressionados contra ele. Ela estava esperando por algo que não entendia.

Ele parecia saber disso.

- Ivy?

- O quê? - ela murmurou bruscamente.

- Deite novamente e pense na Inglaterra - ele murmurou debilmente.

Uma gargalhada escapou da garganta dela.

Ele levantou a cabeça, observando a face dela. Ele se apoiou em um cotovelo enquanto sua outra mão começou a traçar gentilmente um mamilo endurecido.

- Ou, em nosso caso, pense no Texas.

Ele inclinou-se novamente, deslizando a boca aberta contra o pescoço dela. Ele sentiu o corpo dela estremecer. Ele sorriu contra a pele suave dela enquanto a boca descia cada vez mais, mas nunca tocando o mamilo. Ela começou a se contorcer incontrolavelmente com as sensações que a dominavam. Ela era novata a esse novo tipo de prazer físico. Suas reações eram inesperadas, até para ela mesma.

Ela cravou as unhas nos ombros dele enquanto ele se aproximava mais dos seus seios.

- Você não fez isso antes - ele murmurou, saboreando a resposta dela.

- Não - ela concordou. Ela estremeceu quando a boca dele se tornou mais insistente - Stuart...! - ela gritou enquanto os lábios dele se aproximavam gentilmente do bico de seu seio.

- O que você quer? - ele murmurou contra o seio dela - Me diga!

- Eu... não posso - ela murmurou.

A mão dele deslizou por baixo do corpo dela, levando os quadris contra a mudança sutil dos contornos do corpo dele.

- Me diga - ele grunhiu - Você pode ter tudo o que quiser.

Ela murmurou alto.

- Você... sabe!

- Teimosa - ele pronunciou. Ele ergueu a cabeça para observar os olhos dela encarando-o cegamente. O corpo dela inteiro estava tremendo de paixão.

- Você não imagina o quanto eu quis seus seios sobre minha boca, Ivy - ele murmurou enquanto seu olhar deslizava pelo corpo dela - Mas em meus sonhos nunca foi tão bom - ele se moveu para mais perto - Eu gosto de sentir você tremendo enquanto eu faço isso - ele sussurrou quando a boca começou a se abrir sobre a pele fresca - Mas vai ser como levar um choque quando eu realmente fizer o que você quer que eu faça...

Quando ele terminou de falar, a boca quente se moveu para o bico e pressionou-o firme.

Ela arqueou-se na cama, chorando. O corpo inteiro tremendo enquanto o prazer a dominava. Ela colou-se a ele debilmente, tremendo enquanto a boca dele se tornava mais exigente.

Ele girou por cima dela, afastando as pernas dela do caminho para que ela pudesse sentir o corpo dele desde o quadril até os seios em uma intimidade que explodia como fogos de artifício no corpo dela.

- Sim - ela grunhiu - Por favor, Stuart, por favor...! - A voz dela aumentou quando ele a pressionou ainda mais contra o colchão - Oh, por favor, não pare!

A boca dele moveu-se cobrindo a dela, devorando-a, possuindo-a, enquanto o corpo se movia sensualmente sobre o dela. Ela havia perdido. Ela o queria. Ela o queria tanto que foi quase doloroso quando ele afastou-se repentinamente e levantou da cama.

Ela continuou deitada, nua até a cintura, tremendo, muito fraca por sua rendição para conseguir cobrir-se. Ela olhou as costas dele, observando-o lutar para recuperar o controle.

Depois de um minuto, ele respirou fundo, e então respirou novamente, antes de virar-se. Ele olhou para ela faminto, os olhos a devorando enquanto a observava deitada, os seios nus, as mãos dela apoiadas no travesseiro acima da cabeça. Ele se inclinou sobre ela com olhos que pareciam chamas de fogo.

Ela se moveu inevitavelmente na cama.

- Não - ele disse baixo - Tem uma hora e lugar. Esse não é.

- Você quer - ela disse com o conhecimento que adquirira sobre ele.

- Bom Deus, é claro que eu quero! - ele grunhiu - Eu estou dolorido como um adolescente depois da sua primeira vez. Só para lembrar, eu não seduzo virgens. Nunca.

Ela prendeu o ar bruscamente.

- Como você sabe?

- Não seja estúpida - ele interrompeu.

Aquilo significava que ela era tão transparente como vidro para ele, com sua enorme experiência. Estranhamente ela não se sentiu embaraçada ou autoconsciente. Ele estava observando-a meigamente, e ela gostava do olhar dele sobre o corpo dela.

- Meu corpo inteiro dói - ela suspirou.

- O meu também - ele sentou ao lado dela e relutantemente traçou os seios com a ponta dos dedos - Eu poderia fazer tudo que quisesse com você. Mas pela manhã, você odiaria nós dois.

Era verdade. Ela desejava que não fosse.

- Todos fazem isso. Eles fizeram uma enquete...

- Enquetes podem ser manipuladas - ele inclinou-se e pousou a boca ternamente sobre os seios dela - Virgindade é sexy - ele murmurou - Eu passo noites acordado pensando em como eu tiraria a sua.

Ela corou.

Ele riu.

- Diga que você nunca pensou em fazer isso comigo - ele provocou.

O rubor aumentou.

Ele respirou fundo.

- Um de nós tem que ser sensível, e eu deixo para você - ele murmurou, observando o corpo dela se mover nas cobertas - Venha cá.

Ele deslizou para baixo das cobertas e a puxou para o seu lado. Ele apagou a luz e a puxou para mais perto.

- Você pode ter certeza que eu estou violentamente excitado e desesperado por alívio. Então fique quieta, recite a tabuada e tente dormir.

- Você vai ficar? - ela murmurou fascinada.

- Sim. E você não vai mais ter pesadelos. Agora durma.

Ela fechou os olhos. Ela tinha certeza que não conseguiria dormir com o corpo dele tão próximo ao seu. Mas ela cochilou rapidamente e dormiu até o amanhecer.

_

Quando ela acordou, foi com uma dor leve no olho direito e náusea, que a fizeram ficar deitada muito quieta. A dor de cabeça não era inesperada. Stress combinado com outros fatores era a causa frequente.

Stuart entrou com um copo de café, mas parou de sorrir ao ver Ivy segurando a cabeça e apertando o olho direito.

- Enxaqueca - ele murmurou.

Ela concordou, tentando arduamente conter a náusea.

- Eu sinto muito.

- Não seja estúpida. Você não planeja ter dores de cabeça. Fique deitada.

Quando ele voltou, minutos depois, trazia um doutor. O doutor sorriu amigavelmente, fez algumas perguntas, ouviu o coração dela, os pulmões e enfiou uma agulha no braço dela. Ela fechou os olhos, a dor era tão grande que ela não pôde nem agradecer. Ela adormeceu profundamente.

Da segunda vez que ela acordou, a dor havia se reduzido a um eco maçante. Ela sentou e sorriu para Stuart.

- Obrigada - ela disse suavemente.

- Eu sei como são essas dores de cabeça - ele lembrou-a - Você consegue comer alguns ovos mexidos e beber um pouco de café?

- Eu acho que sim - ela saiu da cama e cambaleou um pouco por causa das drogas

- Foi a pressão - ela acrescentou - Eu sempre tenho dores de cabeça quando estou sobre pressão.

- Eu sei. Venha.

Ao invés de deixá-la caminhar até a mesa, ele a pegou nos braços, com a camisola, e a levou até lá. Ele sentou com Ivy em seu colo, não havia tocado no café que havia pedido, e começou a dar a comida na boca dela.

Ela ficou espantada com a mudança da relação deles, assim como a repentina ternura. Ela reagiu a isso faminta, nunca houve ninguém que a tratasse tão gentilmente em toda sua vida.

Ele sorriu para ela, os olhos suaves e cobertos por uma luz estranha. Quando ele terminou, ele a segurou apertado e dividiu uma xícara de café com ela. Nenhum deles falou. Palavras não eram necessárias. Ela se sentiu... amada.

Mais tarde, a limusine os levou até a funerária onde as cinzas de Rachel já estavam prontas em uma urna bronze. A limusine os levou até o aeroporto, onde o piloto de Stuart estava esperando para levá-los até em casa no jato.

Era como um começo. Ele segurou as mãos dela no avião. Quando eles carregaram as poucas coisas dela para o carro dele, que havia ficado estacionado no aeroporto, ele segurou a mão dela enquanto dirigia até a casa de Ivy.

Ela não fez perguntas. O sentimento era muito novo, muito precioso. Ela tinha medo de que as palavras estragassem tudo.

Ele parou em frente à casa da Senhora Brown e desligou o motor. Ele a ajudou a sair, em seguida carregou a mala e as bolsas com as esculturas e álbuns de fotos até a varanda. Ele colocou a urna de Rachel cuidadosamente ao lado da mala.

Estava escuro. A Senhora Brown não tinha deixado a luz acesa.

- Você vai ficar bem? - ele perguntou gentilmente, segurando-a pelos ombros.

- Sim. Minha cabeça está boa agora. Stuart - ela acrescentou lentamente - Obrigada, por tudo que você fez.

- Não foi nada - ele respondeu - Se você tiver notícias do namorado bandido de Rachel me ligue, ok?

Ela concordou.

- Liguei.

- E se você lembrar-se de ter visto o livro em algum lugar me avise.

- Tudo bem.

Ele levantou a mão e acariciou a bochecha dela.

- Nós não temos muito que fazer sobre as jóias, mas eu prometo que vou entrar em contato com o homem em um dia ou dois e arrumar um jeito de devolvê-las a ele. Se você tiver certeza de que quer mesmo isso.

- É o certo - ela disse baixo - Rachel não tinha escrúpulos. Eu tenho.

Ele sorriu.

- Sim, eu sei.

Ela não queria que ele fosse embora. Ela havia se acostumado a estar com ele, quase intimamente, nos últimos dias. Esta noite ela dormiria sozinha. Se a dor de cabeça voltasse, ela teria que tomar uma aspirina e rezar para dormir, porque ele não estaria lá.

- Não me olhe assim, ou eu não serei capaz de deixar você - ele disse repentinamente, a mandíbula contraída - Eu não quero ir para casa sozinho também.

A suave respiração dela era audível.

- Mulherzinha cega - ele murmurou ternamente, e inclinou a cabeça. Ele puxou-a completamente contra o corpo rijo enquanto a beijava. Levou um longo tempo, e quando ele finalmente a soltou, ela arrepiou-se com o desejo alucinante que ele havia provocado nela.

Um clarão repentino iluminou o céu, seguido pelo barulho de um trovão. Ela pulou.

- Você deve ir para casa - ela disse firme.

Ele sorriu.

- Vista um casaco de chuva se ainda estiver chovendo pela manhã quando você for trabalhar - ele ordenou.

Ela sorriu de volta. A chuva estava caindo na varanda, molhando os dois. Nenhum deles usava um casaco de chuva.

- Entre - ele disse, empurrando-a gentilmente em direção a porta - Eu ligarei para você amanhã.

- Ok. Boa noite.

- Durma bem - ele disse, e piscou para ela.

Ela o observou pela porta da frente, depois de ter posto as coisas para dentro, incluindo a urna com as cinzas de Rachel. Era como se a vida dela estivesse começando agora.

_

Senhora Brown já havia se deitado. Aparentemente, Lita também. Ivy levou todas as coisas para seu quarto e posicionou as cinzas de Rachel sobre a penteadeira. Na manhã seguinte, ela iria resolver as coisas para que elas fossem enterradas no cemitério próximas ao pai delas.

Ela ficou acordada por um longo tempo, pensando em sua nova relação com Stuart. Ela tinha esperanças de que a atitude dele significasse um futuro para os dois. Ela desejava isso do fundo do seu coração.

_

Na manhã seguinte, ela lembrou que havia posto o diário de Rachel em sua bolsa. Então antes que começasse a atender os clientes, pegou-o e começou a ler. O que ela pensou ser uma recitação comum de eventos acabou por ser algo muito diferente. Havia nomes, telefones e outros números que pareciam mais coordenadas geográficas do que qualquer outra coisa.

Ela leu muitas e muitas vezes, e acabou ficando ainda mais confusa. Então ela pegou a carta que Rachel havia recebido de uma firma de advocacia de San Antonio. Era

dinamite. A carta fazia referência a alguns materiais que ela havia depositado em um cofre em Jacobsville, para ser aberta caso algo inesperado acontecesse com ela. Os advogados escreveram para lembrá-la que ela não havia lhes entregado a chave.

Ela respirou fundo e sentou-se. Rachel estava envolvida com algo ilegal, ela sabia. E ela estava claramente protegendo alguém. Seria o milionário que lhe dera as jóias? Ou era o namorado dela? Ou um de seus clientes?

Ela soube imediatamente que era muito para ela lidar sozinha. Ela ligou para o xerife Hayes Carson e pediu que ele viesse até a pensão. Ela o encontrou na varanda, sorrindo enquanto o convidava a entrar na casa e levava-o até a cozinha, onde estava preparando café.

- Obrigada por vir tão rápido - ela disse, sentando após servir café para os dois - Eu já estou ficando louca com essas coisas. Aqui. Veja o que você acha disso.

Ela entregou o livro a ele e a carta dos advogados de San Antonio que havia encontrado no apartamento de Rachel. Ele os leu, franzindo a testa.

- São coordenadas de GPS - ele anunciou, correndo o dedo pelas colunas do diário - Eu reconheço dois dos nomes, também - ele acrescentou. Os olhos escuros encontraram os dela - Eles são parte do quartel mexicano do tráfico de drogas que Cara Dominguez controlava antes de ser presa. Um dos membros do quartel que está citado aqui - ele acrescentou - é Julie Merrill. O outro é Willie Carr, o padeiro para o qual você transmitiu a mensagem da farinha.

Ela corou.

- Oh, caramba.

- A informação é sobre o valor em ouro. Mas a chave que ela mencionou está faltando - ele continuou - Aquela chave é dinamite. Sua vida pode estar em perigo se algum dos associados dela pensar que ela pode estar com você. Nós estamos interceptando contrabandos de droga multimilionários aqui.

- Mas eu não sei onde está a chave - ela disse rapidamente - Eu olhei em todas as coisas que eu trouxe do apartamento dela. Eu até chequei as esculturas para ter certeza de que ela não havia posto nas costas - ela balançou a cabeça - Eu não tenho idéia de onde ela possa ter posto.

- Você pegou mais alguma coisa do apartamento dela? - ele perguntou.

- Somente as jóias que ela tinha ganhado - ela disse triste - Do milionário idoso com quem ela estava envolvida. Stuart e eu colocamos as jóias em um cofre no banco de Nova York, no nome dele. Ele está resolvendo as coisas para devolvê-las de volta ao homem.

Ele franziu a testa.

- Havia uma trava ou algo onde pudesse ser escondida uma chave dentro da caixa?

- Não - ela assegurou.

Ele bebeu o café, pensativo.

- Eu não quero assustar você, mas tem algum lugar onde você possa ficar até nós encontrarmos a chave?

Ela teria dito Stuart e Merrie até um dia atrás. Mas Stuart não havia telefonado, como havia prometido. Ela não havia falado com Merrie também. Ela não podia simplesmente convidar-se a ser uma hóspede sobre essas circunstâncias.

- Não - ela disse tristemente.

- Ok - ele disse com resolução - Eu quero saber onde você está noite e dia durante os próximos dias. Eu vou entrar em contato com Alexander Cobb no DEA e falar com o chefe de polícia, Cash Grier também. Nós deixaremos você em segurança - ele pegou o diário - Você confiará em mim com isso? - ele perguntou.

- Claro.

O dedo deslizou pela capa do livro. Repentinamente ele estremeceu. Os olhos pousaram no diário. Ele o colocou na mesa e pegou sua faca de bolso. Antes que ela pudesse perguntar o que ele estava fazendo, ele abriu o diário com as páginas apoiadas na mesa e retirou o selo das costas. Segundos depois, ele retirou uma chave de cofre.

- Santo Deus - ela exclamou - Como você...?

- Pura sorte - ele disse - Eu o senti sobre meu dedo. Eu vou ter que ligar para esses advogados em San Antonio e ver se a chave serve. Eu posso precisar de você, se for necessário, para autorizar o meu acesso ao cofre.

- Antes e fazer isso, eu vou precisar me encontrar com Blake Kemp - ela respondeu - e ver os papéis necessários para conseguir as coisas de Rachel, assim como a aprovação.

- Se você não estiver ocupada, eu posso te levar até lá - ele disse - Eu também preciso falar com ele.

Ela concordou.

- Isso seria ótimo. Obrigada.

Hayes saiu para a varanda enquanto ela telefonava para o escritório de Blake Kemp e perguntava se ele estaria livre para dali meia hora. Ela avisou a nova secretária dele - ele havia se casado recentemente com a antiga secretária Violet e eles estavam esperando uma criança - que ela e Hayes chegariam logo.

Ela entrou no carro do xerife com Hayes, segurando o diário e a carta do advogado dentro da bolsa em seu colo.

Assim que eles entraram na estrada, um carro que estivera parado no acostamento começou a andar rapidamente. Ele entrou na estrada, seguindo lentamente o carro atrás de Hayes.

Hayes sentou na sala de espera enquanto Ivy falava com Blake Kemp sobre o testamento de Rachel. Ela não possuía contas bancárias ou qualquer documento sobre posses, mas a carta do advogado evidenciava que haviam. Ele leu a carta, franzindo a testa.

Blake balançou a cabeça.

- Ela não tinha nada haver com você - ele disse.

- Ela disse ao papai que eu não era filha dele - ele replicou - Existe algum modo de descobrir?

- Não era dele? - ele exclamou. Os olhos azuis escureceram - Pelo amor de Deus, sua mãe nunca trairia seu pai! Ela o idolatrava, apesar do mau temperamento e do modo como ele a tratava. Apesar de tudo isso, ele teria matado qualquer homem que tocasse nela!

- Você tem certeza? - ela perguntou aliviada.

- Sim, eu tenho - ele disse brusco - Rachel conseguiu exatamente o que ela merecia, Ivy. Ela era um ser humano horrível. Por que em nome de Deus ela contou uma mentira dessas?

- Você não pode adivinhar? Eu posso. Ela queria tudo quando papai morreu. Se ele pensava que eu não era filha de sangue dele, por que ele iria querer deixar alguma coisa para mim? - ela perguntou triste.

- Quantas vidas aquela mulher arruinou? - ele perguntou alto.

- Eu acredito que algumas. O namorado dela estava tentando encontrar o livro que ela possuía. Ele estava alucinado com isso - ela lembrou - mas no final das contas era o diário. Eu o entreguei a Hayes - ela acrescentou - Ele disse que ele contém algumas informações vitais sobre o tráfico de drogas, e outras coisas importantes.

- Tem mais uma coisa sobre Rachel que você não conhece - ele começou, a face solene - Ela não usava somente drogas, Ivy. Ela as vendia, começou quando era apenas uma colegial. Ela sempre possuiu uma ligação direta com o traficante legal. Se ela tem os documentos citados nessa carta, eles provavelmente citam nomes. Isso daria um estímulo a Cash Grier agora que ele está tentando apreender os membros do novo quartel de drogas local.

- Foi o que Hayes disse - Ivy contou sorrindo - Ele acha que esse livro pode mostrar as posições de alguns dos líderes do contrabando de drogas.

- Eu espero que sim - ele disse - Essa comunidade pequena tem enfrentado tempos difíceis por causa do uso de drogas. Eu adoraria ver os fornecedores atrás das grades.

- Eu também.

- Não se preocupe com o resto - ele disse a ela - Eu cuidarei de tudo. Mas eu preciso falar com Stuart York sobre as jóias.

- Sim - ela disse, lembrando que ele ainda não havia telefonado. Ela estava com o celular ligado e havia checado a manhã inteira para ver se ele estava funcionando. Estava.

- Vamos chamar o Hayes - ele apertou o botão do interfone e pediu que a recepcionista mandasse Hayes entrar em seu escritório.

Hayes mostrou o livro a ele. Era real dinamite. Seria maravilhoso, Ivy pensou, se eles realmente pudessem usá-lo para pegar os bandidos.

- O namorado de Rachel sabe da existência desse livro - Hayes disse sombriamente - Eu não duvido que ele venha até aqui para ver se Ivy está com ele. Se Rachel forneceu aos advogados algo que o incrimine, e ele sabe, ele não terá muito que perder. Sem evidência, sem caso.

Os dois homens olharam para Ivy.

- Eu posso comprar uma arma - ela começou.

- Não, não pode - Hayes disse firme - Eu tenho uma idéia, sobre onde você possa ficar.

- Eu posso arrumar um quarto de hotel...

- Você não está pensando em Minette e sua vizinhança, está? - Blake perguntou hesitante.

O rosto de Hayes empalideceu.

- Ela mora fora da cidade, aonde ninguém que venha a casa não seja imediatamente visto, e o caseiro do rancho foi um agente do serviço secreto de alguns anos atrás.

- Mas Merrie York é sua melhor amiga - Blake interrompeu, encarando Ivy - Certamente você poderia ficar com ela. Stuart tem um ex agente federal trabalhando para ele também.

O rosto dela enrubesceu.

- Merrie mora em San Antonio - ela disse - E eu acho que Stuart não está em casa...

- Ele está em casa sim - Hayes completou - Eu o vi esta manhã com aquela debutante de Houston com quem ele foi visto.

Ivy sentiu a sua vida sendo sugada. As palavras ficavam repetindo-se em sua cabeça. Stuart havia segurado, beijado e tratado-a com tanta ternura que ela pensou que eles iriam ficar juntos para sempre. Ao invés disso, no minuto em que eles saíram de Nova York, ele correu atrás de sua última conquista. Ele provavelmente não havia pensando duas vezes em Ivy. Talvez ele tivesse pensado que o modo como cuidara dela fosse um ato de misericórdia.

Ela fechou os olhos. A dor ecoando por seus nervos.

_

- Está tudo bem? - Hayes perguntou concentrado. Eles haviam saído do escritório e estavam no carro dele.

Ela forçou um sorriso.

- Eu estou bem. Fale-me mais sobre essa Minette.

Ele pareceu relutante.

- Ela é dona do jornal de Jacobsville. Você sabe disso.

- Mas eu nunca a encontrei - ela respondeu.

Ele grunhiu.

- Ela mora com a tia, dois irmãos, um meio-irmão e uma meia-irmã. Ela não está trabalhando hoje porque houve um incêndio no escritório e eles precisaram chamar uma empresa de limpeza para limpar a bagunça e lidar com os danos do fogo.

- Foi um incêndio acidental? - ela perguntou.

- Eu não sei. Ela está trabalhando com alguns artigos sobre o tráfico de drogas. Eu a avisei que o novo repórter ia causar problemas ao jornal, mas ela não escutou. O repórter com olhos de águia acabou de sair da escola de jornalismo e está a procura de sua primeira cabeça a rolar.

- Se ele apontar um dedo para a pessoa errada vai complicá-la.

- Esteja lá, faça isso - ele murmurou - Ele pediu a Kemp que a representasse e ganhou o jogo. Mas ela está deixando a criança mexer com as pessoas erradas. Cedo ou tarde, haverá uma tragédia. Eu disse isso a ela, mas ela não quis ouvir.

- Ela é uma aventureira - ela suspirou.

Ele lhe lançou um olhar sombrio.

- Ela está apenas mostrando que não segue conselhos meus. Isso pode matá-la no final.

- Você deveria arrumar proteção para ela - ela apontou - Se ela está tentando acabar com os reis da droga, você e Cash Grier devem agradecê-la pela ajuda.

- Você não entende - ele exaltou-se - Ela não está fazendo bem a nenhum de nós. Ela está entregando lugares secretos de venda ilegal de drogas e martelando em cima do fato de que imigrantes estrangeiros estão financiando o tráfico.

- Elas estão.

- Ivy - ele disse sombrio - ao mesmo tempo em que ela está denunciando o tráfico de drogas, está atrapalhando a entrada de imigrantes. Ela está fazendo inimigos de ambos os lados da fronteira.

O rosto de Ivy suavizou-se.

- Você conhece Mario Xícara, não?

Ele hesitou por um momento. Os lábios formaram uma linha fina.

- Sim.

- E a mulher dele Dolores, e as quatro crianças?

- Eu conheço a família.

- Eles vieram de um vilarejo da Guatemala, onde um homem se tornou um traficante e sua família inteira foi assassinada. Para vingar-se, eles mataram outras seis famílias também.

- Eu sei, mas...

- Eles estão atrás da cidadania - ela continuou - Mas agora eles serão mandados de volta à Guatemala até conseguir os papéis. Os traficantes ainda estão no vilarejo deles.

Ele corou.

- Existem sempre dois lados em uma mesma moeda - ele a lembrou.

- Eu sei - ela sorriu - Mas pessoas são mais do que estatísticas.

Ele deu um sinal para virar.

- Eu vou falar com uma empresa de seguranças. Eu conheço um homem que trabalha na ICE - ele disse com resignação, nomeando o exército responsável pelo serviço de imigração.

- Obrigada Hayes.

- Há mais alguma coisa que eu possa fazer por você? - ele perguntou.

- Eu vou fazer uma lista. Hayes, esse não é o caminho até a minha casa - ela anunciou repentinamente, ao perceber que eles estavam saindo da cidade na direção errada.

- Eu sei. Eu tive uma idéia.

Capítulo 10

Minette Raynors tinha vinte e quarto anos. Ela era editora chefe do Jacobsville Times, o jornal semanal do distrito de Jacobs. A mãe dela havia herdado o jornal do avô de Minette, e cuidou dele até morrer. Depois disso, o pai e a madrasta cuidaram dele. Ele havia morrido três anos atrás. Minette havia crescido aprendendo a vender anúncios, fazer cópias, definir tipos de copiar e colar na sala de composições. Era fácil seguir os passos do pai e tomar conta do jornal. Ela era alta, esguia, tinha olhos escuros e cabelos

loiros, com algumas sardas acima de nariz. O cabelo dela era seu maior atrativo. Parecia como uma cascata de ouro que descia pelas costas até quase perto da cintura. Era muito mais longo que o de Ivy.

De um tio doente, ela havia herdado um rancho que preparava gado para o corte, e era gerenciado por um dos antigos amigos de seu pai e dois cowboys que eram alunos da universidade local. Sua tia-avó Sarah morava com ela e ajudava a tomar conta do meio irmão de Minette, Shane, que tinha onze, e da meia irmã Julie, que tinha cinco. A mãe de Minette havia morrido quando ela tinha dez anos, e o pai casou-se com Dawn Jenkies, uma bibliotecária que adorava ele e Minette. Com o passar dos anos, ela presenteou Dane com um filho e uma filha. Quando Dawn morreu, e o pai sofreu um ataque do coração e morreu logo depois de um ataque do coração, Minette teve que tomar conta das crianças. Parecia ser um contrato de amor.

Hayes estacionou em frente aos degraus da entrada, onde ela e as crianças estavam limpando pincéis, pintando de branco a porta da varanda e arrancando a grama. Minette, vestindo jeans e uma camiseta, levantou-se, encarando Hayes.

Ele encarou-a de volta.

- Eu preciso de um favor.

Ela parecia furiosa.

- Eu não lhe devo nenhum favor, xerife Hayes - ela disse friamente.

- Eu sei disso. Mas eu preciso deixar Ivy em algum lugar seguro. Traficantes de droga podem estar atrás dela.

Os olhos de Minette se estreitaram. Ela parecia estar mordendo a língua.

Carson parecia desconfortável.

- O condado vai pagar pela estadia - ele disse curto - É só por alguns dias.

Minette pareceu preocupada com os irmãos.

- Eu vou pedir a um dos meus policiais que fique aqui também - ele disse - Se você não se importar.

- Eu sempre quis abrir um hotel - Minette disse irritada. Mas quando ela viu a consternação de Ivy, foi até ela e sorriu - Eu sinto muito. Você deve ter percebido que o xerife e eu não nos damos muito bem. Tia Sarah vai adorar a companhia. Eu fico até tarde no trabalho quase todos os dias - ela olhou sombriamente para Hayes - Isto é, quando não estou causando overdoses em homens.

- Pare com isso - ele rosnou, evitando os olhos dela.

Ivy soube de imediato que estava fora do páreo relacionada a Hayes. Algo poderoso acontecia entre esses dois. E não eram negócios.

A garotinha, Julie, caminhou até Hayes e o encarou.

- Você tem alguma criança pequena? - ela perguntou suavemente.

- Cuidado, querida - Minette disse suavemente, encarando Hayes - Cascavéis mordem.

Ele a encarou. Ela o encarou também.

Ele olhou para Julie, que era loira como a meia irmã.

- Não, eu não tenho filhos - ele disse um pouco brusco.

A criança levantou a cabeça para ele.

- Isso é muito triste - ela respondeu, parecendo adulta - Minha irmã disse que crianças pequenas são doces - ela franziu a testa - Você não parece uma cascavel.

- Julie, você pode me pegar uma faca na cozinha, por favor? - Minette perguntou.

- Ok, Minette!

Ela subiu os degraus e entrou na casa.

- Você é bem-vinda para ficar com nós - Minette disse a Ivy, o sorriso de boas vindas plantado no rosto.

- Eu te levarei até a pensão para arrumar as malas - Hayes disse.

Ivy hesitou.

- Escute, você tem certeza que isso é necessário?

- Senhora Brown não vai ser uma boa proteção se o namorado de Rachel vier procurar por você - ele disse.

Ela corou.

- Tudo bem, então - Ela sorriu para Minette - Eu posso cozinhar - ela disse - Se você precisar de ajuda na cozinha.

A outra mulher sorriu.

- Sempre. Tia Sarah e eu dividimos as tarefas na cozinha, mas nenhuma de nós é boa cozinheira. Embora ainda não tenhamos envenenado ninguém.

- Ainda - Hayes anunciou friamente.

Ela ficou em pé, os olhos flamejando.

- Algum dia - ela disse lentamente - a verdade vai chegar até você! Eu não matei seu irmão. Ele se matou. É por isso que você não pode aceitar, não é, Hayes? Você quer uma válvula de escape...!

- Você comprou a droga que o matou - ele gritou também.

Minette ficou parada, o rosto lívido.

- Pela vigésima vez, eu nunca usei drogas, ou bebi, ou fiz qualquer coisa fora da linha na minha vida - ela disse orgulhosa - Como você acha que eu saberia onde encontrar drogas nessa cidade?

Ele pareceu hesitar.

- Não se preocupe - ela continuou - Eu estou cansada de tentar reanimar um cavalo morto. Ivy, eu vou preparar um quarto para você. O que nós mais temos nesse elefante branco - ela indicou a casa de dois andares Vitoriana - são quartos.

- Obrigada - Ivy respondeu - Hayes?

Ele estava olhando para Minette, a testa franzida.

- O quê? Sim. Nós vamos agora. Minette, eu gostaria de falar com Marsh.

- Ele está no celeiro, fixando uma sela.

Hayes levou Ivy até o carro, e voltou ao celeiro. Voltou alguns minutos depois. Ele entrou no carro e começou a dirigir em direção à casa de Ivy.

Ivy não perguntou sobre o relacionamento dele com a outra mulher, mas ela deduziu que tinha algo haver com a morte do irmão dele. Todos sabiam que Bobby Carson havia morrido de uma overdose três anos atrás, pouco antes de Rachel partir para Nova York. O curioso era ele achar que Minette era a culpada. Ela era conhecida localmente pela sua briga contra o uso de drogas e o suporte aos programas antidrogas nas escolas.

- Ela é muito gentil - Ivy começou.

Hayes não respondeu.

- Você estará segura. Marsh vai manter você salva. Ninguém pensaria em procurar por você lá, mas mesmo se eles procurarem, você os virá vindo a uma milha de distância. Não que eu acredite que o namorado vá vir até aqui, já que ele não tem certeza se você está com o livro ou não. Mas é melhor ser cuidadosa - ele olhou-a - Eu ainda acho que Merrie e Stuart deixariam você ficar com eles.

Ela também não o respondeu.

_

Na manhã seguinte, ela autorizou Hayes a abrir o cofre no banco de Jacobsville, com o chefe de polícia Cash Grier e o agente do DEA Alexander Cobb como testemunhas. Ele a buscou em casa e trouxe até o banco.

Era uma fonte. Rachel possuía nomes, localizações, datas, quantidades de carregamentos de drogas e o ponto de origem para um carregamento estrondoso de cocaína. Incluído no tráfico estava o namorado dela, um morador de Jacobsville e dois homens que haviam sido parte do conselho municipal de Jacobsville dois anos atrás.

- Isto é ótimo - Cash Grier falou para os outros homens enquanto lia os documentos - Isto é evidência suficiente para incriminar um dos maiores chefões da venda de drogas ilícitas do sul do Texas.

- Nós podemos usar isso - Cobb concordou.

- Amém - Hayes sorriu para Ivy - Rachel ajudou muito com isso - ele disse - Seja qual fosse o motivo dela.

Ivy imaginou o motivo. Ela não disse alto, mas ela pressentia que Rachel estava protegendo alguém. Ela provavelmente não esperava morrer, ou ser de grande importância na apreensão do ponto de venda de drogas no distrito de Jacobs. Era o único ato nobre que Rachel havia feito na vida.

Estava decidido que Ivy ia ficar na casa de Minette. Quando ela empacotou as poucas coisas e disse a Senhora Brown e Lita que ia partir, as duas tentaram impedi-la.

- Eu tenho a velha arma de meu pai - Senhora Brown começou.

- Eu não tenho medo de traficantes - Lita reforçou.

- Eu sei, mas tem profissionais envolvidos nisso - Ivy disse a elas - Eu não quero vocês em perigo. Ok?

Elas concordaram relutantes.

Ivy deixou as cinzas de Rachel em seu quarto por mais algum tempo. Quando as coisas se resolvessem, ela poderia cuidar do funeral.

Ela ficou com um quarto próximo ao de Minette, e acabou se tornando parte da família. Tia Sarah, uma mulher baixa e magra de cabelos brancos, era uma lenda viva. As crianças eram doces, de natureza amável. Minette possuía um grande senso de humor.

- Eu fiquei surpresa quando Hayes trouxe você até aqui - ela comentou enquanto comia um bife e biscoitos - Ele realmente me odeia.

- Talvez seja por isso - Ivy soluçou - Ele parece pensar que eu seja um alvo - ela balançou a cabeça - Se algo acontecer às crianças... - ela acrescentou preocupada.

- Não se preocupe - Minette assegurou - Nós temos Marsh Bailey na varanda. Ele era um atirador da IPSIC. Já fez tiro ao alvo - ela esclareceu - Ele trabalhou para o

serviço U.S.Marshal, e ele nunca perde. Deus ajude o fora da lei que apareça aqui sem ser convidado.

- Eu espero que não - Ivy disse - Mas o namorado de Rachel tem mais a perder do que muitas pessoas. Ele deve pensar que eu estou com o livro que ela deixou, e vir atrás de mim.

- Eu não acredito que ele seja estúpido - Minette aventurou-se, bebendo o café. Os olhos suaves encararam Ivy através da mesa - Pense nisso. Existe um livro circulando por aí que contém nomes, endereços e o potencial para destruir o tráfico de drogas local. Você não sabe onde ou quem está com ele, mas você sabe que vai se dar mal se as autoridades o encontrarem. Você entraria na arena, ou correria para salvar sua vida?

Ivy sentiu-se melhor.

- Você sabe - ela disse - Eu correria para salvar minha vida.

Minette sorriu.

- Eu acredito que eu também.

_

Nos próximos dois dias, Ivy ficou com os Raynors. Ela pegou suas coisas na pensão e dirigiu o pequeno VW até a casa de Minette. Hayes veio checar como estavam as coisas e mencionou que eles não tinham notícias dos informantes sobre a conexão de Nova York com o tráfico local. Entretanto, ele disse que o padeiro havia sido preso e acusado de tráfico de drogas. Julie Merrill ainda estava solta, e ninguém, incluindo o pai dela, tinha idéia de onde ela estivesse.

- Nós telefonamos para o oficial que trabalhou na morte de sua irmã - ele acrescentou - Parece que o namorado dela se envolveu em um acidente ontem. Ele está no hospital e não tem esperança de sair vivo dessa.

- O que aconteceu com ele? - ela exclamou.

- Parece que ele entrou em um elevador quebrado em seu próprio prédio - Hayes disse - Existem duas testemunhas. Existem contradições, claro. O que estão falando na rua é que ele estava tentando invadir o território de outro traficante.

- Talvez - Ivy disse, sem sentir arrependimento. O homem que havia ajudado Rachel a alimentar seu vício havia acabado do mesmo modo que ela. Era um final comum. Ela disse isso.

- Eu tenho que concordar.

- Então, você acredita que eu possa ir para casa? - ela questionou.

Ele hesitou.

- Eu não posso deter você. Smith não será um problema, mas ainda existem alguns membros desconhecidos no quartel de drogas. Você não saberá quem são eles.

- Eu tenho uma resposta para isso - ela disse.

- Qual?

- Deixe Minette fazer uma matéria sobre o tráfico de drogas de Jacobsville e dizer que as gravações de Rachel estão agora nas mãos da justiça - ela sugeriu - Isso pode colocar um ponto final na operação deles - e tirá-los de Jacobsville.

Ele começou a sorrir.

- Eu gosto do modo como você pensa. Ok. Eu vou falar com ela sobre isso.

- E eu posso ir para casa? Ainda tenho que ajeitar o funeral de Rachel.
- Ele concordou.
- Vá em frente. Se você precisar de mim, sabe onde me encontrar.
- Sim, eu sei. Obrigada, Hayes.
- Sem problemas.

Ela voltou a pensão, mas ela estava nervosa, mesmo sobre essas circunstâncias. Ela não queria colocar Senhora Brown e Lita em perigo. Por outro lado, ela também não se sentia bem por colocar os irmãozinhos de Minette em perigo também. Se ao menos Stuart estivesse falando com ela. Ela agonizou com a atenção dele para com a bela debutante. Ele havia chutado Ivy como uma pedra, e quando ela mais precisara dele. Se ao menos ela soubesse por quê!

_

Na manhã seguinte, ela dirigiu até o cemitério, onde o diretor da funerária e seu assistente estavam esperando. As árvores estavam todas nuas. Era um dia cinza. Parecia um lugar desabitado com o vento balançando os cabelos de Ivy.

Um pequeno túmulo havia sido cavado ao lado do pai delas, para receber a urna de Rachel. Não havia ninguém a não ser ela mesma. Ela havia pensando em colocar a notícia do obituário no jornal, mas Rachel havia deixado muitos inimigos em Jacobsville, e poucos amigos.

Ele usava um vestido longo cinza com um casaco igualmente longo. O vento era cristalino e cruel. Ela havia ficado acordada metade da noite pensando em Stuart e perguntando-se o que teria feito para afastá-lo. Eles estavam tão próximos em Nova York. Agora, ele parecia nem se lembrar dela. Pelo menos quando ele não gostava dela, ela o via de vez em quando. Ela desejava estar com ele. Até mesmo vê-lo a distância alimentaria seu coração faminto. Mas aparentemente aquilo não aconteceria.

O vento ficou mais frio enquanto ela observava os únicos restos mortais da irmã. Ela nunca se sentira tão sozinha.

O assistente do diretor da funerária, que também era um ministro, disse as palavras sobre as cinzas de Rachel. Enquanto Ivy escutava, ela sentiu pena pela vida perdida da irmã, tão cheia de egoísmo. Se ao menos Rachel fosse diferente. Se ao menos ela tivesse se importado com Ivy. Ela fechou os olhos quando a oração acabou, esperando que aquilo houvesse ajudado a irmã na passagem para o outro lado da vida.

Quando ela olhou para cima, ficou chocada, deliciada, espantada ao ver Stuart caminhando em direção a ela. Ele não estava sorrindo. O chapéu dele estava inclinado sobre os olhos. Ele estava vestido com roupas da cidade, um terno cinza que o fazia parecer distinto. Ele parou no túmulo e olhou para Ivy, que não conseguia esconder o prazer, e as feridas.

- Sinto muito por estar atrasado - ele disse curto - Eu não consegui descobrir o horário que você havia marcado para o enterro. Se eu soubesse, Merrie teria vindo comigo também.

- Eu não acho que alguém viria - ela disse simplesmente.

Os olhos dele se estreitaram.

- Não pense em nada, querida - ele disse curto. A mão dele segurou a dela e apertou firme. Ela olhou para ele, sentindo-se segura e confiante, e lágrimas nublaram seus olhos.

O diretor da funerária deu as suas condolências a Ivy, junto com o ministro, e em seguida ajudou-o a colocar a urna em seu devido lugar.

- Você quer ficar para isso? - Stuart perguntou.

Ela concordou.

- É um jeito tão triste de morrer - ela disse.

A mão dele aumentou a pressão. Ele não disse nada.

Ele caminhou com ela até o veículo, e os olhos dele disseram o que ele pensava.

- Você estaria mais segura dirigindo um veículo de uma roda - ele disse irritado.

- Não parece muito - ela concordou - Mas ele corre. Bastante.

Ele se virou para ela, segurando-a gentilmente pelos ombros.

- Eu vi você sair com Hayes Carson na manhã depois que nós chegamos - ele disse friamente - Você também estava com ele no outro dia.

- Sim - ela disse surpresa - É porque ele é o chefe Grier...

-... Tiveram que cuidar da abertura do cofre - ele terminou para ela, os olhos escuros flamejando - Você poderia ter ligado e me dito isso, Ivy.

- Sim? - os olhos dela começaram a brilhar - E você poderia ter me ligado, ao invés de ficar rodando por aí com a sua bela hóspede debutante.

O olhar duro dele suavizou-se. Ele começou a sorrir.

- Você ficou com ciúmes? - ele perguntou suavemente.

- Você ficou? - ela devolveu.

Ele riu. Era uma risada estranha.

Isso fez as bochechas dela corarem. Ela baixou os olhos até o peito dele.

- Eu pensei que você tivesse uma segunda... Eu quero dizer, eu pensei...

Ele colocou o dedo gentilmente em cima dos lábios dela.

- Eu também - ele murmurou.

Ela encontrou os olhos dele e não conseguiu afastar-se. Ele inclinou-se e pousou os lábios gentilmente contra a boca suave. Ela começou a reagir, mas ele segurou os braços dela e os segurou abaixados.

- Não - ele murmurou - Não em um cemitério.

Ela clareou a garganta.

- Você começou.

- E você não tem autocontrole - ele murmurou - Eu adoro isso.

Ela sorriu vergonhosamente.

- Por que você foi até a casa de Minette Raynors com Hayes?

- Como você...?

- Dois mil pares de olhos curiosos vivem nessa cidade - ele disse com afeição - o caixa e o escriturário no banco mencionaram, antes mesmo de Cash Grier me contar a história inteira. O que você poderia ter feito - ele acrescentou seco.

Ela começou a argumentar, mas percebeu que ele estava certo. Ela se moveu cansada e não olhou para ele.

- Meu orgulho ficou ferido, quando eu soube que você estava andando com aquela mulher.

- Ela estava visitando o tio. Eu estou fazendo um negócio com ele. Ela precisava de um guia, e eu me ofereci - ele levantou o queixo dela - O que eu poderia ter deixado Chayce fazer. Mas eu vi você com Hayes e percebi que alguém também me veria com ela. Em fato - ele acrescentou debilmente - Eu passei na frente do escritório de Hayes com ela. Ele nos viu.

- Rachel nos deu munição suficiente para acabar com os chefões locais - ela disse - Talvez, de algum modo, ela quisesse redimir-se. E quanto às jóias? - ela acrescentou.

- Eu voei até lá ontem e pedi que o advogado do milionário nos encontrasse no banco - ele disse a ela - Ele ficou espantado por você querer devolvê-las. Ele quer lhe dar uma recompensa.

- Eu não quero - ela disse.

Ele sorriu.

- Eu disse isso a ele. Sabe o que ele disse?

- O quê?

- Que você era uma em um milhão, e eu era um homem de sorte.

- Você não estava pensando nisso, tenho certeza.

- Naquela hora, não - ele franziu a testa - Você não disse por que foi à casa de Minette com Hayes. Ele a odeia. Todo mundo sabe que ele acredita que foi ela que forneceu a droga que matou o irmão dele.

- Ele disse que Marsh cuidaria de mim, e que o lugar estava situado em um ponto de onde nós podíamos ver qualquer um dirigindo a duas milhas de distancia. Não há maneira de duvidar disso.

- Ele estava certo - Marsh foi um agente federal. Mas Chayce que trabalha para mim também. Você estará segura em minha casa.

- Tem certeza sobre isso?

Ele corou e respirou fundo.

- Eu pedi a Merrie que tirasse uns dias de folga e viesse para casa me ajudar com uma mulher. Ela gargalhou quando eu tive que admitir que era você.

- Imagino.

Ele trouxe a mão dela até sua boca e beijou a palma.

- Eu vou seguir você até a pensão. Você pode deixar seu carro lá e vir comigo no meu.

Ela hesitou.

- Eu acabei de chegar da casa de Minette, e eu estou preocupada com as minhas amigas da pensão. O namorado de Rachel está fora do caminho - ela acrescentou, parando para explicar o que acontecera - Mas ainda é possível que uma das pessoas do quartel esteja me observando. Se meu carro ficar lá, pode colocar a senhora Brown e Lita em perigo - ela hesitou.

- Suponhamos que ele fique no escritório de Hayes?

- Ele se importará?

- Inferno, não. Hayes só vive pela adrenalina que o emprego dele o fornece. É por isso que ele nunca se casou; Nenhuma mulher em seu juízo perfeito casaria com ele.

- Eles são como aço e fogo juntos - ela disse.

- Sim, eu sei - ele respondeu - Um dia, haverá uma explosão entre os dois, e qualquer coisa pode acontecer. É por isso que eu desencorajei Merrie.
- Merrie não é estúpida, você sabe - ela disse gentilmente.
- Bem, não na maior parte do tempo. Venha. Vamos embora.

_

A vida era doce novamente. Ivy esqueceu o quartel, o enterro de Rachel, e tudo mais quando ela e Stuart deixaram o carro no escritório do xerife.

- Eu me perguntei por que ela não estava ficando com vocês - Hayes disse a Stuart - Ela e Merrie são amigas desde o colegial.

- Nós tivemos um mal-entendido - Stuart respondeu. Ele segurou a mão de Ivy, para enfatizar, no caso de Hayes não ter percebido - Mas nós já esclarecemos as coisas. Merrie virá para casa por alguns dias, também. Chayce e eu, e os garotos, faremos de tudo pela segurança de Ivy.

Hayes sorriu largamente.

- E a bela debutante?

Stuart arqueou uma sobrancelha.

- O noivo está esperando por ela em Londres.

- Oh - Hayes exclamou, com um olhar especulativo em Ivy, que corou.

- Obrigada por autorizar-me ao deixar o carro aqui - Ivy disse - Eu estava insegura quanto a deixá-lo na pensão.

- Sem problema - Hayes disse - Será vantajoso para nós se eles pensarem que você está no meu escritório - ele abriu um sorriso - Em fato, eu espero que eles pensem isso. Eu liguei para Cash e avisarei-o, também.

- Me avise se você pegar alguém - Ivy pediu.

- Claro.

_

- Você acha que ele vai me ligar se pegar alguém mesmo? - Ivy perguntou enquanto eles dirigiam até a casa de Stuart.

- Eu acredito que sim. Você está envolvida, querendo ou não - Ele segurou a mão dela na sua e apertou forte - Eu encontrei algo em Nova York que não mencionei a Hayes.

- O quê? - ela perguntou, certa de que era algo desagradável.

- O milionário contratou um detetive particular. Ele seguiu Rachel antes dela ter a overdose. Ela o guiou até um dos maiores nomes da distribuição de drogas no país. O detetive disse que ela estava chantageando o homem com informações que ela conseguiu com o namorado. Ela escondeu a evidência, e ninguém conseguiu encontrar.

- Eles a mataram? - ela perguntou preocupada.

- Eu não posso afirmar isso, considerando que eles não sabiam exatamente o que ela sabia sobre eles, ou onde isso estava guardado.

- Ela usou drogas durante muitos anos - ela suspeitou - ela não teria tomado uma overdose deliberadamente.

- Não havia sinais de força no corpo dela - ele disse - Eu chequei com o instituto médico.

- Então, como...?

- Eles fizeram um exame toxicológico - ele acrescentou - A droga injetada era cem por cento pura. Ela usou muito.

- Ela obteve ajuda para usar tanto? - ela perguntou sombria.

- O namorado estava bem no meio dos esquemas dela - ele disse - É possível que ele tenha lhe dado deliberadamente a droga pura, ao invés da cortada, para se salvar. Ele podia não saber sobre a evidência que ela possuía. Ele deve ter pensado que era blefe. Ela iria usar a dose regular, que era fatal por causa da substituição. Isso pareceria suicídio.

- Má sorte para ele - ela disse curta - Porque quando os traficantes forem pegos pelo DEA, vão querer punir alguém. E ele é a única pessoa viva com quem eles podem fazer algo. Se ele viver, poderá desejar ter morrido.

- Sim - ele olhou para ela - Justiça poética, você quer dizer.

Ela teve que concordar que era.

- Pobre Rachel - ela disse, balançando a cabeça - Ela sempre foi gananciosa.

- Sempre - ele balançou a mão - Ela estava naquela festa com Bobby, o irmão de Hayes, você sabe - ele acrescentou - Ela conhecia os fornecedores e onde conseguir droga, ela teve um caso com Bobby na época porque ele era rico. Ela deve ter pensado que estava fazendo um favor a ele, então quando o pior aconteceu, ela incriminou Minette pelo trabalho sujo.

- É bem a cara dela - Ivy disse - Mas Hayes ainda pensa que foi Minette.

- Deus sabe por que - ele disse - Minette canta no coral da igreja, dá aulas para uma classe aos domingos, e nunca teve uma multa por alta velocidade. Ela nunca conheceu alguém que estivesse do outro lado da linha.

- Hayes fica cego quando o assunto é ela - Ivy disse.

Ele sorriu.

- Os homens tendem a ficar aqui quando estão com medo de ser agarrados - ele disse a ela - Liberdade se torna uma religião quando você tem mais do que trinta anos.

- Eu acredito que muitos homens não queiram se assentar.

- Oh, mas nós fazemos, eventualmente. Especialmente quando nós percebemos que algum outro homem está invadindo nosso território - ele olhou para ela - Eu estava pronto para socar Hayes.

Ela sentiu as bochechas ferverem. Ela sorriu.

- Verdade?

- Você tem certeza de que não existe nada entre vocês? - ele insistiu.

- Eu tenho muita certeza - ela disse, entrelaçando os dedos com os dele.

Ele sorriu.

_

Merrie já estava na casa quando eles chegaram, para a decepção de Ivy. Ela tinha esperanças de passar algum tempo sozinha com Stuart.

Ele saiu e abriu a porta, ajudando-a. Ele a levou até os degraus, deixando o carro no caminho.

- Eu não acreditei quando ele me disse - Merrie exclamou, abraçando a amiga.

- Eu ainda não consegui - Ivy confessou, com um olhar tímido para Stuart.

- Entre - Merrie disse - A senhora Rhodes já preparou um bolo e café para nós.

- Eu adoraria tomar algo quente - Ivy confessou - Estava frio no cemitério.

- Eu teria ido, se soubesse - Merrie disse gentilmente - Eu cheguei aqui vinte minutos atrás. Sinto muito por Rachel.

- Eu também - Ivy disse - Eu queria que ela tivesse feito melhores escolhas na vida.

- Eu espero que a informação que ela forneceu ajude a fechar as portas do tráfico local - Stuart disse enquanto sentava ao lado de Ivy no sofá - É muito perigoso quando temos duas facções lutando por supremacia.

- Rachel realmente se tornou uma informante? - Merrie exclamou.

- Sim - Ivy respondeu, e contou a história inteira, interrompida brevemente pela senhora Rhodes que trazia uma bandeja cinza com café, bolinhos, leite, açúcar e xícaras.

- Mas porque Hayes levou você à casa de Minette? - Merrie perguntou - Ele a odeia.

- Eu não apostaria nisso - Stuart respondeu, provando um pouco do café.

- Eles são muito explosivos juntos - Ivy disse zombeteira.

Merrie suspirou.

- Eu já pressentia isso - ela confessou. Ela abriu um sorriso largo - Eu tinha uma queda por Hayes quando tinha dezesseis anos, mas eu não sou estúpida o suficiente para pensar que nós nos daríamos bem como um casal. Nós somos muito diferentes. Além disso - ela confessou com um sorriso tímido - tem um doutor divorciado muito bonito no hospital onde eu trabalho.

- Fale sobre ele - Ivy insistiu.

Stuart terminou o café e levantou-se.

- Eu vou dar uma volta - ele disse com um sorriso - Eu tenho coisas a fazer. Não vá embora - ele disse a Ivy.

- Não irei - ela prometeu.

Ele piscou para ela, deixando-a ruborizada e deliciada.

- Eu ainda não consigo acreditar! - Merrie exclamou quando ele se afastou - Você e meu irmão! Eu pensei que vocês dois se odiassem!

- Eu também - Ivy confessou - Eu amo ele desde que tinha dezoito anos.

- Eu acho que ele sente algo parecido. Ele ficou lívido ao ver você com Hayes. Nenhum homem fica louco com uma mulher que odeia - ela sorriu - Você não imagina como eu fiquei aliviada! Eu tinha certeza de que você estava apaixonada por Hayes, e eu sabia que ele e Minette eram apaixonados por se odiar. Um dia, marque essas palavras, haverá uma explosão entre os dois. Eu não queria que você se machucasse - ela acrescentou gentilmente.

Ivy ficou aliviada. Ela sorriu.

- Obrigada. Mas eu não estava brincando quando disse que Hayes era um amigo. Parece que eu amo Stuart desde sempre. Eu não acredito que ele sente o mesmo.

Merrie gargalhou.

- Eu acredito.

Ivy inclinou-se para frente.

- Bem, agora que nós temos Hayes fora do caminho, me conte sobre esse doutor sexy com quem você trabalha!

_

Depois do jantar, Merrie subiu discretamente para assistir um filme com a senhora Rhodes, enquanto Stuart entrou no estúdio com Ivy e fechou a porta. Depois de pensar, ele a trancou atrás dele.

Ivy estava nervosa e deliciada, de uma só vez, ao cair nos braços dele.

- Eu estou faminto - ele murmurou, enquanto cobria a boca dela com a sua.

Ela percebeu rapidamente que ele não estava falando sobre comida. Ela se sentiu feliz e beijou-o com toda a paixão em seu coração. Ela sentiu ele levantando e carregando-a, até o longo sofá de couro. Ele a colocou nele e juntou-se a ela, pressionando-a completamente contra o corpo poderoso.

Ela tremeu com as sensações que cresciam como uma enchente, quase a cegando enquanto a paixão consumia a ambos.

Ele grudou os quadris aos dela, grunhindo quando ela deu um solavanco e soluçou contra a boca dominadora. Ela não protestou quando sentiu as mãos dele entrando por baixo de sua blusa, tocando a pele suave.

- Seu corpo é mais suave do que seda - ele suspirou contra a boca dela - Quente e doce de tocar. Eu quero você, Ivy.

Ela o queria também, mas eles estavam perdendo a cabeça e ela era uma mulher a moda antiga. Ela ficou mais nervosa quando o ardor dele cresceu. Inevitavelmente, o corpo enrijeceu-se.

Ele hesitou, levantando a cabeça para observar os olhos apreensivos. Os olhos dele se estreitaram.

- Sim - ele murmurou - Você me quer. Você se entregaria, se eu pedisse. Mas você não quer que aconteça dessa maneira, quer?

Ela meneou a cabeça, sabendo que poderia perdê-lo se dissesse a verdade.

- Eu... Eu fui criada acreditando que algumas coisas eram erradas mesmo que o mundo inteiro dissesse que eram certas.

Ela olhou para ele nervosa, esperando ele levantar e sair, ou fazer algum comentário sarcástico. Ele era um homem mundano com trinta anos. Ele havia dito que não era um homem para casar, e ela não seria capaz de dormir com ele sem compromisso. O coração desceu até os joelhos. Ela não poderia continuar vivendo se o perdesse agora. O que ela faria? Os olhos dela encontraram os dele enquanto o silêncio crescia. Era, verdadeiramente, a hora da verdade.

Capítulo 11

E então, quando Ivy teve certeza de que estava perdida, Stuart começou a sorrir. Não era um sorriso sarcástico. Ele rolou para o lado dela e traçou gentilmente os

contornos suaves da boca dela. A camiseta dele estava aberta e os dedos dela estavam pressionados contra os pêlos do peito dele. Ela não se lembrava de ter aberto os botões, mas estavam abertos. Sua própria blusa e o sutiã estavam caídos na cintura.

- Eu disse, eu não seduzo virgens - ele disse profundamente.

- Eu lembro - ela murmurou de volta.

- Entretanto, eu caso com elas - ele murmurou contra os lábios dela.

Ela arregalou os olhos.

- Você quer... casar comigo?

Ele beijou as pálpebras dela.

- Claro que eu quero - ele respondeu divertido - Eu quis você quando você tinha apenas dezoito anos. Eu quase perdi a cabeça querendo você, e me odiando por isso. Você é tão jovem, Ivy - ele disse a ela, abraçando-a apertado - Mas eu não posso viver sem você.

Ela se colou a ele, enterrando a face no pescoço quente.

- Eu também não posso viver sem você, Stuart - ela confessou com a voz entrecortada - Eu amo você!

A boca dele interrompeu as palavras. Ele a beijou até que a boca dela inchasse e ambos estivessem no limite da rendição.

Se foi um acidente ou premeditado, uma batida alta na porta anunciou Merrie.

- Quem quer bolo e sorvete? - ela perguntou.

Stuart riu.

- Nós dois! - ele gritou de volta, piscando para Ivy, que estava deliciosamente corada.

- Está saindo. Vocês dois vão sair daí?

Stuart fez uma careta.

- Claro - ele respondeu.

- Ok! Cinco minutos!

Os passos dela se afastaram.

Os olhos de Stuart começaram a brilhar travessamente enquanto ele deitava Ivy e deslizava por cima dela.

- Cinco minutos inteiros - ele murmurou contra a boca dela - Vamos fazer o melhor deles, querida.

E eles fizeram.

_

No meio de planos para um casamento grande, e da alta sociedade que Ivy realmente não queria, o chefe Cash Grier e o xerife Hayes Carson vieram falar com ela. Stuart havia saído porque acontecera um problema com um dos equipamentos do rancho, e Merrie estava na cidade entregando convites e encomendando um bolo de casamento.

A senhora Rhodes levou-os até a sala de estar, onde Ivy estava fazendo uma lista das pessoas que ela queria convidar para o casamento.

- O que eu posso fazer por vocês? - ela perguntou, sorrindo enquanto indicava as cadeias ao redor da grande lareira que aquecia o cômodo largo.

- Nós pensamos que você gostaria de saber o que está acontecendo desde que encontramos o livro de informações de Rachel - Hayes disse a ela.

- Claro que eu quero! - ela exclamou.

- Acontece que o maior fornecedor do namorado dela mora em Jacobsville - Cash Grier disse - Você se lembra do ano passado quando dois dos meus patrulheiros prenderam um político bêbado e a filha dele difamou-me na imprensa?

- Todos se lembram disso - ela disse.

- Bem, a filha dele, Julie Merrill, estava até o pescoço com o tráfico de drogas, junto com dois comissários que foram demitidos do conselho municipal e desapareceram.

- Julie foi presa e acusada de incêndio premeditado por tentar incendiar a casa de Libby Collins, não foi? - ela perguntou - Então ela escapou da cadeia e desapareceu, ao mesmo tempo em que a mulher de Dominguez assumiu o lugar de Manuel Lopez no antigo território da venda de drogas.

- Boa memória, Ivy - Hayes deu um risinho.

- Melhor que a minha - Cash concordou, sorrindo largamente - De qualquer modo, nós não a encontramos em lugar nenhum, e acredite, nós procuramos. Então essa informação que Rachel forneceu apontou para um hotel em San Antonio onde um dos contatos do namorado dela morava. Adivinha quem era o contato?

- Julie Merrill?

- A própria - Cash disse a ela - Nós conseguimos a custódia dela. Ela ficará presa na cadeia do distrito esperando o julgamento.

- Isso vai acabar com o tráfico de drogas local? - Ivy perguntou - E quanto aos dois homens do conselho?

- Eles ainda estão escondidos em algum lugar - Hayes anunciou - Mas nós o encontraremos cedo ou tarde. Enquanto isso, Dominguez tem um sucessor.

- Você sabe quem é? - Ivy perguntou.

Cash e Hayes se encararam e uma mensagem silenciosa passou por eles.

- Nós temos um idéia - Cash disse - Nós estamos trabalhando nas provas. Um dos velhos amigos de Cy Parks vai nos ajudar. Ele é um imigrante mexicano com alguns rancores de longa data.

- Rodrigo Ramirez - Ivy murmurou pensativamente.

- Como você sabe sobre ele? - Cash perguntou suspeitosamente.

- Eu conheço a nova esposa de Colby Lane, Sarina - ela disse - Ela mencionou que Colby e Rodrigo tiveram alguns, como posso dizer, problemas durante o tempo em que eles trabalharam no caso Dominguez.

- Traduzindo - Hayes lançou um olhar seco para Cash - quer dizer que Colby e Rodrigo mal podiam ficar juntos na mesma sala sem acabarem brigando.

- Bem, Rodrigo e Sarina foram parceiros durante três anos - Cash concluiu.

- Sim, bem, Colby e Sarina estão casados e tem um filho juntos. De qualquer modo - Hayes continuou - nós temos uma pista de onde o assistente de Dominguez, que está tomando conta do quartel de Culebra, está. Rodrigo irá se infiltrar nele.

- O que Sarina pensa sobre isso? - Ivy perguntou - Ela e Rodrigo trabalharam juntos na operação Dominguez. Sarina é do DEA, você sabe.

Cash deu um sorrisinho.

- Cobb não quer resigná-la. Ele diz que ela pode ir disfarçada como um contato de Rodrigo. Colby quer que ela trabalhe comigo. Eu também - ele acrescentou - Eu tenho somente um investigador, e é um distrito grande. Eu tinha esperanças de que ela começasse logo. Mas Cobb ofereceu esse caso e ela brigou com Colby e aceitou.

- Colby é louco por ela - Ivy mencionou.

- Sim, e vice versa - Cash disse. Ele suspirou - Bem, talvez um dia Colby encontre um modo de convencê-la a aceitar. Enquanto isso, ele e Bernadette trabalham duro no rancho em Jacobsville e Sarina trabalha a noite.

- Ela ainda está ensinando táticas para Eb Scott? - Ivy perguntou.

Eles concordaram.

- Havia outra confissão nos papéis de Rachel - Cash acrescentou lentamente - Nós acreditamos que você deveria saber. Ela admitiu que deu a Bobby Carson a droga que o matou.

A respiração de Ivy era audível. Ela olhou para Hayes, que parecia tão fechado como uma concha.

- Ela confessou? Mas por quê?

- Quem sabe? - Cash respondeu - Talvez ela tivesse uma premonição. Por qualquer que seja a razão, ela compensou um monte de coisas ruins que já fez na vida.

- Havia algo sobre mim? - Ivy quis saber. Ela não havia pedido para ler os papéis, certa de que eles eram todos sobre o tráfico de drogas e não tinham nada haver com problemas pessoais.

Cash hesitou.

- Não - Hayes respondeu baixo - Ela apenas percebeu que todas as suas coisas ficassem com a irmã depois de sua morte. Não era um testamento. Ela não planejava morrer. Mas ela sabia que chantagear contrabandistas era um negócio arriscado. Eu acho que ela queria certificar-se.

Ivy sentiu o coração afundar. Havia esperado por mais do que isso.

- Não minta para ela - Cash disse friamente - Dizer a verdade é sempre a melhor coisa, mesmo que ela pareça brutal - ele olhou para Ivy - Ela mencionou que havia dito ao namorado que você possuía toda a informação desagradável se algo acontecesse com ela.

- Meu Deus! - Ivy exclamou, sentindo-se doente.

- Isso não era necessário - Hayes disse curto.

- Era - Cash discordou - Pessoas más geralmente não mudam, Ivy - ele acrescentou - Se puderem, eles ficam piores. Ela colocou você na linha de fogo deliberadamente ao dizer a Jerry Smith que havia lhe dado a evidência.

- Eu não estou surpresa - ela disse triste - Ela sempre me odiou, até que eu tivesse idade suficiente para perceber quem ela era. Minha vida era um inferno quando eu era criança.

Hayes torceu os lábios.

- Não é mais - ele murmurou - Eu percebi que Merrie York estava encomendado convites de casamento essa manhã para você e Stuart.

Ela explodiu em uma gargalhada.

- Não existem segredos em Jacobsville.

- Maldito tamanho - Cash concordou - Nós seremos convidados?

- Todos vão ser convidados - Ivy disse com um sorriso - Eu queria algo simples, mas Stuart diz que nós teremos todas as formalidades.

-Eu adoro casamentos - Hayes disse - É a única vez que eu como bolos decentes.

- Não é justo - Ivy protestou - Barbara faz bolos deliciosos em seu café.

- Eu estou sempre correndo - Hayes murmurou.

- Os amigos de Jerry virão para cima de mim, quando souberem da confissão de Rachel? - Ivy perguntou.

- Acho que não - Cash disse com um sorriso - Jerry sobreviveu à queda, contra todas as probabilidades, e se tornou evidência do estado. Ele entregou seu fornecedor de drogas, que foi pego esta manhã em Nova York e acusado de tráfico de drogas. Parece que o fornecedor dele possuía muita metanfetamina e pedras de cocaína em seu apartamento para qualificá-lo como líder do contrabando. Presos federais - ele continuou - e eles sempre pegam longas sentenças. Cobb e o DEA já prenderam a filha do ex-senador em San Antonio, e ouvimos falar que os dois homens do conselho estão tentando infiltrar-se no México.

- Se eles fizerem isso, Rodrigo irá arrastá-los até a fronteira e chamar a polícia - Hayes sorriu abertamente.

- Estou feliz por ter acabado - Ivy disse baixo - Foi uma longa semana.

- Certamente - Hayes concordou.

Ivy perguntou-se como ele teria ouvido a notícia de que Minette não havia dado as drogas que custaram a vida de seu irmão mais novo. Ele devia não acreditar ainda. Sua birra contra a mulher continuaria por algum tempo. Talvez ele gostasse de odiá-la.

Eles partiram alguns minutos depois, e ela voltou para sua lista.

_

O casamento, previsivelmente, foi o evento social da estação. A igreja estava decorada com orquídeas brancas e vermelhas, já que faltavam poucas semanas para o natal. Ivy usou um vestido branco com gola e um véu até os pés que Stuart havia comprado na Neiman Marcus. Ela olhou-se no espelho e não pôde acreditar que era ela mesma. Ela nunca havia sonhado que Stuart casaria com ela um dia. Ela sorriu com a reflexão, corando um pouco de felicidade.

Ela caminhou pelo corredor sozinha. Ela havia tido ofertas de pessoas da cidade para ser conduzida, mas parecia correto fazer tudo sozinha. Você não pode desfazer-se das pessoas, ela dissera a Stuart. De qualquer modo, ela estava se entregando.

Stuart estava parado no belo altar de orquídeas onde o ministro esperava. Ele olhou o corredor enquanto Ivy caminhava em direção a ele e a expressão no rosto dele a fascinava. Esse homem experiente, vivido parecia um garotinho em seu primeiro encontro. Seus olhos eram eloqüentes.

Ela parou ao lado dele com seu buque de rosas brancas e lírios do vale e o encarou tímida, com o véu delicado sobre o rosto, enquanto o ministro lia os votos.

Finalmente o anel estava no dedo dela, e no dele. Ele levantou o belo véu para olhá-la pela primeira vez como sua esposa.

- Linda - ele suspirou, em seguida inclinou-se para beijá-la com extrema ternura - Senhora York - ele acrescentou sorrindo.

Ela parecia radiante. Poderia ter caminhado no ar. Ela era a mulher mais feliz do Texas, e demonstrou isso.

_

Todos os moradores da cidade estavam lá. As grandes famílias, as pequenas famílias, amigos e curiosos enchiam a igreja e o pátio.

- Pelo menos - ela murmurou para ele na recepção - ninguém começou uma briga, como eles fizeram no casamento de Blake Kemp com sua Violet.

- Ainda é cedo - ela assegurou, indicando uma fulminante Minette Raynors encarando um taciturno Hayes Carson.

- Ele não acredita que ela não seja responsável, acredita? - ela murmurou.

- Ele não quer acreditar - ele corrigiu - Aqui, preciosa, pegue um pedaço do bolo para que o fotógrafo possa nos tornar imortais.

Ela corou com o apelido e mordeu o bolo branco no momento em que o flash os envolveu. A câmera capturou outros momentos de extrema felicidade até que os dois entraram na limusine e foram em direção ao aeroporto.

_

Jamaica, Ivy pensou ao cair exausta nos braços de Stuart, era um lugar adorável para uma lua de mel. Não que eles tivessem visto muito dela. No minuto em que o carregador depositou a bagagem deles, recebeu sua gorjeta e deixou o quarto, eles caíram na cama.

Ivy conhecia a mecânica, através de seus romances e artigos em revistas femininas. Mas ler e fazer eram duas coisas totalmente diferentes.

As sensações que Stuart causava nela eram tão poderosas que a assustavam. Ela quase sempre perdia controle de si mesma. A boca e as mãos dele lhe causavam uma resposta que quase sempre a faziam corar. Ele provocava, encorajava, carregava-a junto com ele de um pico para outro maior ainda.

Houve um rápido momento de dor, e então nada a mais exceto calor e paixão que a incendiaram até que ela estava tremendo, explodindo de prazer, implorando pelo alívio da tensão que empurrava seu corpo até um ponto em que ela esperava explodir.

E aconteceu, com uma explosão de excitante prazer que estava além da descrição racional. Ela chorou enquanto seu corpo se arqueava para receber as investidas trêmulas dele.

Ele encontrou seu próprio alívio junto com ela, e em seguida caiu sobre ela. Ela segurou-o em seus braços, bêbada de êxtase, cega de satisfação.

Depois de alguns minutos, ele levantou a cabeça e olhou dentro dos olhos radiantes dela.

- Agora eu sei que você está desapontada - ele disse secamente - por nós termos nos apressado desse jeito. Mas mais tarde, eu prometo, eu vou torturá-la com paixão e fazê-la gritar como uma gata selvagem quando eu satisfazê-la.

- Desa... pontada? - ela exclamou, os olhos arregalados.

Ele torceu os lábios.

- Você não está desapontada?

- Bom Deus, Stuart! - exclamou, ainda mal conseguindo respirar - Eu achei que fosse morrer!

Ele sorriu abertamente.

- Eu devo ser melhor do que pensei - ele disse a ela. Ele inclinou-se e beijou as pálpebras de Ivy - Eu queria ir devagar, mas eu perdi o controle. Eu esperei tanto por você, pequena. Anos e anos. Pelo ano passado e mais - ele acrescentou brusco - Eu fui tão celibatário quanto um homem perdido no deserto. Eu não era capaz de desejar ninguém a não ser você. Então eu não pude fazer do jeito que queria esta noite.

Ela ficou deliciada com a confissão. As pernas longas entrelaçaram-se com as dele e os olhos fecharam-se com satisfação. Se ela fosse um gato, pensou, estaria ronronando.

- Eu não tenho uma única queixa.

- Não doeu? - ele insistiu.

- Só um pouco. Na maior parte do tempo, eu estava muito ocupada para notar.

Ele mordiscou o lábio inferior dela.

- Eu sou bom - ele zombou.

Ela deu um sorrisinho e puxou-o pelos quadris.

- Muito bom, talvez. Minha memória parece estar falhando - Ela encarou-o, deslizando os dedos pelos pêlos do peito dele - Você poderia fazer tudo novamente, para clarear minha mente?

- Querida - ele murmurou contra os lábios entreabertos - Eu adoraria!

_

No outro dia, de mãos dadas e caminhando pela praia enquanto as ondas quebravam na areia ao lado deles, ela perguntou-se se alguém já fora tão feliz quanto ela era agora.

Ela apoiou a cabeça no ombro dele e beijou.

- Eu já disse que amo você? - ela perguntou suavemente.

- Eu acho que sim - ele respondeu, e a puxou para perto. Ele observou os olhos radiantes dela - Mas eu não - ele passou o dedo pela bochecha suave, e os olhos estavam solenes - Em qualquer momento dos dois últimos anos eu poderia ter dito que amava você. Eu ainda amo. Eu sempre amarei.

Ouvir as palavras era confortante. Ela mal podia respirar.

- Realmente?

- Realmente - ele inclinou-se e beijou as pálpebras dela - Nós tivemos um ótimo café e um exercício confortável. O que você gostaria de fazer agora, senhora York?

Ela gargalhou abertamente, segurou a cabeça dele e disse baixinho em seu ouvido.

As sobrancelhas dele arquearam-se.

- Você sabia que isso era exatamente o que eu queria fazer também!

Ela soltou-se, sorriu e saiu correndo pela praia. Stuart deu uma gargalhada e saiu correndo atrás dela.

Anos depois, ela ainda conseguia arrancar um sorriso dele ao lembrá-lo de uma doce e brilhante manhã em uma praia da Jamaica, quando suas vidas juntos estavam apenas começando. Era, com certeza, a melhor manhã da vida dela.

FIM